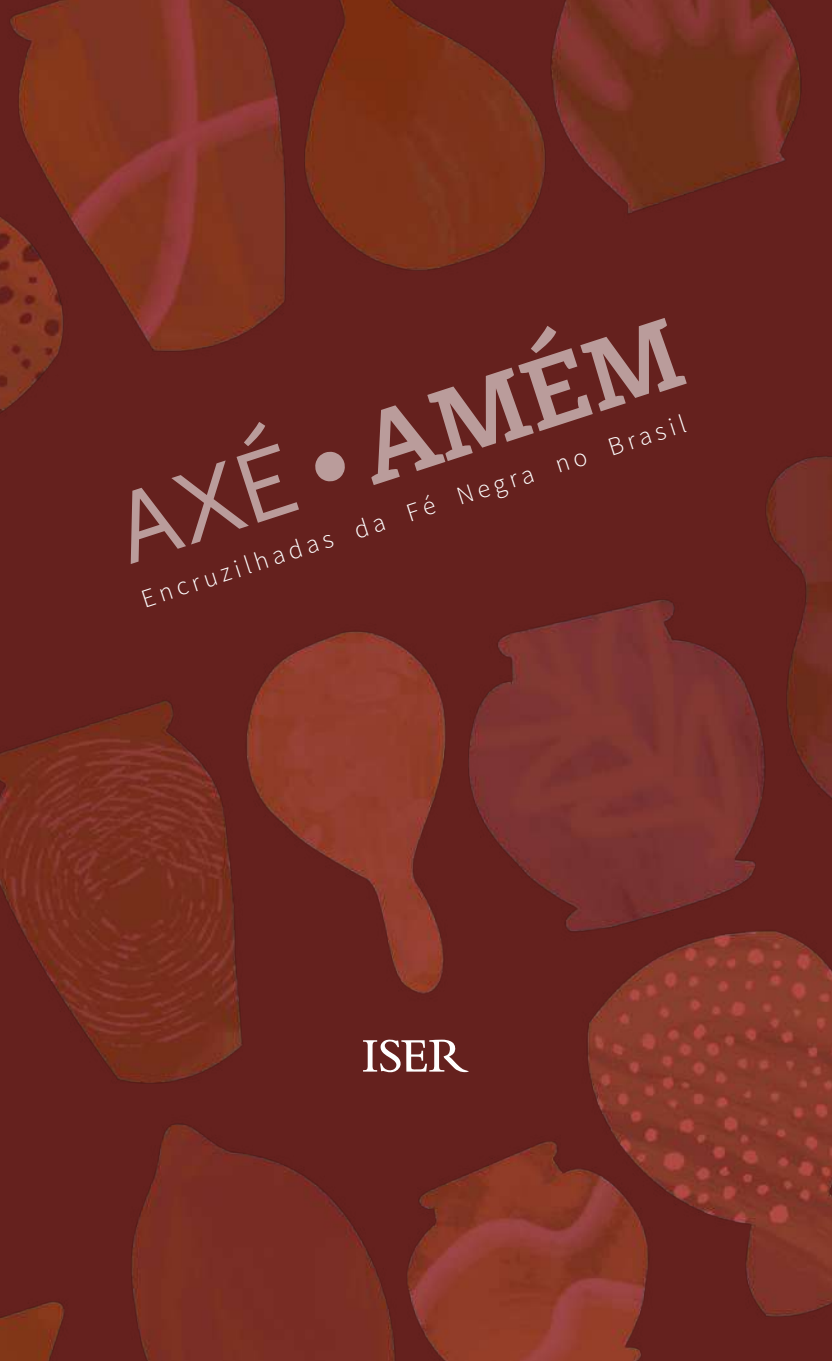
AXÉ • AMÉM

Encruzilhadas da Fé Negra no Brasil



ISER

ISER

Instituto de Estudos da Religião
Axé-Amém – Encruzilhadas da Fé Negra no Brasil

Diretora Executiva
Ana Carolina Evangelista

Diretor Executivo Adjunto
Clemir Fernandes

Diretora de Operações
Luna Rozenbaum

Diretor de Programas
Ronilso Pacheco

Diretora de Desenvolvimento Institucional
Moema Salgado

Coordenação Acadêmica
Regina Novaes

Coordenação Editorial
Lucas Bártolo

Coordenação Religião e Política
Lívia Reis

Organização
Carolina Rocha

Revisão
Lucas Bártolo

Ilustrações e Arte da Capa
Bruna Portella

Diagramação e Capa
Luan Cândido

Iniciativa apoiada por

IBIRAPITANGA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A969 Axé-Amém – Encruzilhadas da Fé Negra no Brasil / organizado por Carolina Rocha. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ : Instituto de Estudos da Religião, 2025.

ISBN 978-65-5278-475-9

1. Religião – Brasil. 2. Diálogo inter-religioso. 3. Racismo religioso – Resistência cultural. I. Rocha, Carolina.

CDD 200.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Sumário

Apresentação
Carolina Rocha – Dandara Suburbana 7

Axé-Amém
Adailton Moreira Costa 19

Uma travessia entre fé, cor e reconhecimento
Adiel Gustavo 23

Onde estamos, e para onde ir?
Alan Gangana de Andrade 29

Escrevivências de uma suburbia
Alicia Lima 37

Medo de quê?
Amanda Barroso Damasceno 51

Racismo religioso: quando a fé preta afronta o privilégio branco
Ana Schuchter 61

Para sonhar de olhos abertos
Andressa Oliveira 71

A travessia do Axé-Amém
Brian Kibuuka 79

A fé como instrumento de sobrevivência
Cláudia Custódio 87

Memórias de uma dupla pertença
Claudio Adão Santos Vitório 93

As encruzilhadas de quem sou: negra, mulher, periférica e cristã
Emanuele Silva 103

Os rios que habitam em mim
Everton Batista 109

O Sagrado que há em mim
Fabíola Oliveira 119

Deus não tem forma: está em todo lugar
Fabrício Malheiro *127*

Construindo redes fortes em recusa à autonegação
Ifadayo Nda Kwa Ndeka (Natany Luiz)..... *133*

A travessia da fé compartilhada
Igor Almeida..... *139*

Nossa maior revolução é sentar à mesa
Isabel Braga..... *145*

A fé vista pelo espelho da diferença
Júlio Oliveira *151*

A força de um sentimento ancestral: a cooperação negra entre o Axé e o Amém
L. Obalerá *163*

O eco do medo e a revolução do encontro
Laremi Emiliano de Oliveira..... *171*

De quantas crenças se faz uma fé?
Luiza Aquino..... *175*

Forças que nos unem
Maria da Fé (Fézinha)..... *181*

Elos
Mariana Freitas..... *195*

Suspiros de fé
Maxwell Valle Teixeira *201*

Memória e afetos: detalhes do vivido
Nathalia Neves *195*

Um balaio de trocas e experiências
Neua Ankumbi (Victória Paixão) *201*

Entre-lugares da fé
Paola Lima..... *207*

Fé como travessia: entre Jesus, Oxum e a Cidade de Deus
Raquel Rodrigues *215*

O nascimento de uma egbé pelos olhos de Ṣàngó
Renato Alves de Carvalho Junior *227*

No princípio, o encontro: a criação como diálogo ancestral
Rodrigo Peniche *235*

Entre o surrão e o ajoelhar: a experiência de um diálogo inter-religioso
Rogério José de Souza *243*

O que aprendi no diálogo entre o Amém e o Axé
Romulo dos Santos *253*

As chaves de um baú ancestral
Sarah Pinheiro de Oliveira Teixeira *261*

Brincar como ato político
Vanessa Muniz de Abreu *269*

É conversando que a gente se entende
Wanda d'Omolu *275*



Apresentação

Carolina Rocha – Dandara Suburbana

Este livro nasce de um território de confiança e intimidade. Não foi escrito no calor do debate ou no esforço de convencer o outro ou a outra, mas na tessitura cuidadosa de uma experiência formativa que nos convocou a mergulhar em nossas próprias memórias, dores, contradições e potências. E escrever parte do que experienciamos, aqui, não foi resultado de um mero exercício de descrição, mas de um profundo processo de elaboração: um modo de dizer com palavras aquilo que, por vezes, só o corpo e a espiritualidade sustentam.

O Axé-Amém foi uma formação oferecida pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) ao longo de quatro meses, composta por 27 pessoas negras, evangélicas e/ou de terreiro, com o objetivo de promover o diálogo e o encontro entre esses grupos, superando hostilidades e construindo um futuro mais inclusivo, em que as diferenças não sejam um entrave, mas uma possibilidade de cooperação. Longe de se configurar como um laboratório de ideias ou um espaço de neutralidade, a formação foi uma travessia, uma ponte erguida entre corpos negros que, apesar de diferentes pertenças religiosas, compartilham a mesma ferida aberta pelo racismo e a mesma urgência de reinventar formas de existir com dignidade. Enquanto, para muitos, a religião é vista como barreira, nesta formação ela se revelou como encruzilhada: lugar de encontro, de trânsito, de passagens.

Percebemos a fé como movimento, como caminho que se abre em diálogo e não como polos opostos de fronteiras rígidas. Por isso, fez tanto sentido para algumas pessoas que participaram da formação a noção de "dupla pertença religiosa", que expande os modos de compreender o pertencimento, permitindo ser de dois credos ao mesmo tempo. Mais do que ser uma pessoa evangélica ou de terreiro, há quem se reconheça como ambas. Há também quem se perceba em trânsito, não exatamente de um lado ou de outro, nem dos dois, mas que se permite experimentar diferentes caminhos, ao mesmo tempo ou em momentos distintos. Outros já foram parte de uma tradição e depois mudaram. Há quem se veja como pessoa evangélica, mas não frequenta nenhuma denominação específica; e há quem se identifique como uma pessoa de axé, sem estar vinculada a nenhum terreiro. E, nitidamente, há também quem encontrou a si mesmo, ou a si mesma, na religiosidade escolhida, tem por ela apego, afeto, gratidão e identificação. Para essas pessoas, é exatamente por isso que é tão importante conhecer melhor outras realidades religiosas, outras experiências de fé, que não devem ser demonizadas ou hostilizadas em razão de estigmas e estereótipos.

O Axé-Amém foi o retrato de como as pessoas vivem a sua religião no Brasil: de maneira múltipla, multifacetada e plural. Algo bem distante do que alguns discursos, pesquisas e manchetes da mídia corporativa trazem ao apostar investir nas noções de polaridade, binariedade e antagonismo absolutos.

Cada encontro foi uma oportunidade de emergir a partir de experiências singulares, elaborar coletivamente nossas narrativas e produzir um conhecimento situado, nascido da escuta e do reconhecimento mútuo. Profes-

sores, lideranças de terreiro, pastoras, pesquisadoras e mediadores trouxeram mais do que suas pesquisas teóricas e/ou acadêmicas, somaram com suas vivências para tensionar o silêncio imposto pelo racismo religioso e afirmar a pluralidade de nossas espiritualidades.

Os textos aqui reunidos não são apenas registros: são testemunhos, escrevivências, oralidades transformadas em páginas. Eles guardam a memória de um espaço onde a vulnerabilidade não foi fraqueza, mas condição para que a confiança se estabelecesse. Onde cada voz pôde atravessar – não sem incômodos – o medo de anunciar outras possibilidades de futuro.

Por isso, este livro não pretende oferecer respostas e verdades únicas, mas abrir possibilidades. Ele nos convida a ampliar a concepção de religião para além das trincheiras de guerras e disputas, e encará-la como território de convivência, reciprocidade e aprendizado, que extrapola, inclusive, a própria noção de religião – porque pessoas são universos muito amplos e expressam sua religião no cotidiano, mas também suas várias outras pertenças, crenças, hábitos, afetos. O que emerge destas páginas é a afirmação de que, quando nos reconhecemos como povo negro – de igreja ou de terreiro – compreendemos que o racismo é o desafio comum e que a fé e a religiosidade/espiritualidade, em suas múltiplas expressões, podem ser também ***estratégia de cura e de resistência*** aos sistemas opressores e violentos vigentes.

A ancestralidade negra que movimenta

Dizem os mais velhos que, em tempos distantes e contínuos, Exu recebeu uma oportunidade: escolher um ingrediente mágico, contido dentro de uma cabaça (fruto que, uma vez seco, é utilizado como pote ou recipiente), para ampliar seus poderes extraordinários. Diante dele, colocaram duas cabaças. A primeira continha o pó mágico que atraía ***irê*** – aquilo que gera fertilidade, sorte e prosperidade. Na segunda, o pó de ***ibi*** – aquilo que traz desafios e obstáculos. Todos esperavam que ele escolhesse entre uma e outra, como se a vida pudesse ser reduzida a uma alternativa binária: ou bênção ou maldição, ou sorte ou infortúnio.

Exu, porém, o senhor do movimento, surpreendeu a todos. Em vez de optar por uma das duas, olhou para o canto do lugar e pediu uma terceira cabaça – ***Igbá Keta*** –, que estava jogada, vazia. Então, retirou os dois pós das cabaças anteriores e despejou nessa nova. Afinal, ninguém disse que entre as duas cabaças – com ***irê*** e ***ibi*** – ele não poderia dispensar os recipientes e ficar apenas com o que havia dentro. Exu sacudiu a terceira cabaça, misturou os dois pós e, ao soprá-los no universo, o que era separado se tornou inseparável. Já não se podia distinguir qual parte era ***irê*** e qual parte era ***ibi***. Assim contam os povos de tradição africana iorubá, que, desde então, a vida passou a ser essa soma: desafio e prosperidade, dor e alegria, luta e esperança, tudo junto, tudo em movimento.

Esse é o ensinamento do senhor da encruzilhada: a vida não se reduz a escolhas únicas nem a caminhos retos. A vida é feita de atravessamentos, curvas, giros e retornos. A vida é a terceira cabaça. Exu também é

conhecido como +1, aquele que tudo come, que tudo soma, que tudo movimenta e chacoalha.

Nas referências bíblicas, encontramos também uma passagem compartilhada durante a formação e que se aproxima dessa mesma ideia. O versículo relata que o apóstolo Paulo, escrevendo a uma comunidade em conflito, deixou o seguinte conselho: "Examinai tudo, retende o que é bom" (1 Tessalonicenses 5:21). Aqui, de novo, não há espaço para o medo do diferente, nem para o fechamento dogmático. Há um convite à maturidade da fé, à coragem de discernir, à liberdade de misturar, experimentar e reter. Em outras palavras, essa passagem é um chamado ao discernimento e à sabedoria em vez da aceitação ou rejeição precipitadas.

O que o Axé-Amém nos ensinou é que não há fé negra sem complexidade. O mesmo corpo que dança no xirê pode cantar no púlpito. A mesma boca que diz ***Glória a Deus*** pode saudar Exu. Como nos disse uma participante: "Minha igreja me deu ousadia, o terreiro me devolveu a ancestralidade".

Este livro nasce, portanto, do encontro lúdico entre essas duas chaves: a terceira cabaça de Exu e a sabedoria bíblica do discernimento. Entre elas, move-se o Axé-Amém. Não a pureza de uma fé contra a outra, mas a confluência que gera movimento. Não o medo da diferença, mas a coragem de examinar tudo e reter o que é bom.

No entanto, é preciso reconhecer as diferenças e tensões, e lembrar que o racismo religioso em nosso país gera ataques constantes e diários a terreiros, com o objetivo de eliminar as suas existências. Se pessoas negras evangélicas são alvo do racismo e reféns de estereótipos diversos, pessoas negras de terreiro correm

risco de vida, são assassinadas por defenderem a cultura de matriz africana no Brasil e, em muitos territórios, sequer conseguem abrir uma casa de axé. Tornam-se alvo do Estado, da política, da milícia, do varejo de drogas ilícitas, ou seja, de múltiplos agentes que decidem quem pode viver ou morrer.

Isso foi ressaltado em todos os encontros. Não se trata de comparar dores ou ameaças, mas de reconhecer a necessidade real de que nos vejamos como parte da cultura afro-brasileira, independentemente da religião que escolhemos, e de afirmar um compromisso ético-político com os terreiros, por resguardarem muito mais do que uma religião ou uma fé, mas ancestralidades e culturas negras e afro-indígenas, ainda reféns de discursos de ódio e de barbárie. Em muitos momentos da formação, voltamos à pergunta que sempre trago em minhas aulas e também publiquei no livro fruto da minha tese de doutorado:[1] a quem interessa que pessoas negras evangélicas e de terreiro, com desafios e potências muito semelhantes em nossas favelas e periferias, se vejam como inimigas e não cooperem entre si?

Geralmente, as pessoas de terreiro estão abertas ao diálogo, porque, se não estivessem, nem poderiam existir em uma sociedade que proibiu cultos diferentes do Cristianismo desde a invasão portuguesa em 1500. Ainda assim, andam cada vez mais desconfiadas diante dos ataques crescentes. Por outro lado, muitas pessoas evangélicas demonizam outras espiritualidades e religiosidades, chegando, por vezes, a preferir a eliminação ao diálogo. Mas será que essa postura se sustenta no cotidiano, em territórios de vulnerabilidade?! Ou será

1 ROCHA, Carolina. *A Culpa é do Diabo: O que li, vivi e senti nas encruzilhadas do racismo religioso*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2025.

que na vida cotidiana, ainda que os discursos de ódio e exclusão tenham apelo e acolhida, as pessoas precisam apostar nas tentativas de coletividade e cooperativismo para existirem?

A metodologia da encruzilhada

Em tempos de polarização, quando a mídia insiste em nos dividir de forma diametralmente oposta entre evangélicos e povos de terreiro, afirmar a encruzilhada é gesto de resistência. Foi isso que nos moveu – a mim, Ronilso Pacheco, Fabíola Oliveira e L. Obalerá – a organizar a formação Axé-Amém: criar um espaço de confiança e intimidade onde pessoas negras pudessem se encontrar para além dos binarismos.

Quando a chamada foi lançada, a resposta foi imediata: em pouco mais de uma semana, recebemos duzentas inscrições. Vieram pessoas de diferentes denominações evangélicas, de múltiplas casas de axé, de territórios diversos. Esse dado, por si só, já rompe estereótipos: não há ódio "natural" entre igrejas e terreiros. Há, sim, espaço para o diálogo, para a construção comum e para a superação do racismo que nos fere a todos.

A formação se sustentou em uma metodologia inspirada pela própria lógica do que propusemos: não a da escolha única, mas a das confluências. Três verbos guiaram nosso caminho: ***emergir, elaborar, atravessar.***

Emergir memórias e experiências, algumas dolorosas, outras de afeto, poder e celebração. Saquinhos de doce de São Cosme e Damião negados na infância, avós e mães de santo invisibilizadas, sermões que de-

monizaram corpos negros, famílias que romperam por conta de escolhas religiosas e políticas. Mas também cânticos de fé que sustentaram resistências, aprendizados de vocalização e altivez em púlpitos e atabaques, vizinhanças que se ajudaram, solidariedades erguidas nas frestas do cotidiano.

Elaborar coletivamente, transformando lembranças em consciência crítica. A roda foi espaço de escuta radical, onde a fala de um(a) ecoava no corpo do(a) outro(a). Professoras, pastores, pais e mães de santo, enfermeiros, teólogas, trabalhadoras domésticas, ativistas, cozinheiros estiveram juntos a mediadores e mediadoras que trouxeram suas próprias trajetórias, costurando os fios visíveis e invisíveis entre o pessoal e o coletivo.

Atravessar territórios, visitar igrejas históricas, percorrer a Pequena África, entrar em terreiros. A cidade se fez texto vivo de nossas espiritualidades, revelando que nossa presença negra sempre esteve lá, mesmo quando silenciada, e foi fonte de muitas estratégias de existência.

Esse caminho só foi possível porque o Instituto Ibirapitanga foi um apoiador fundamental nesse primeiro ciclo, acreditando na potência do projeto para o enfrentamento ao racismo religioso e viabilizando os recursos necessários para que ele acontecesse. Também caminhamos graças à mediação de Rodrigo Peniche, Yá Wanda d'Omolu, Babá Adailton Moreira, Maria da Fé (Fézinha), Brian Kibuuka, Andressa Oliveira, Júlio Oliveira, Vanessa Muniz (mediação pedagógica) e Arthur José Baptista, que trouxeram para os encontros da formação não apenas conhecimento, mas vida, corpo, experiência e disposição.

O que o livro guarda

Temos aqui um arquivo de ***escrevivências***.[2] São textos que não fogem das contradições, mas as assumem como parte da travessia. São relatos de crises de fé, de reencontros com a ancestralidade, de aprendizados dentro e fora das igrejas e terreiros. Cada página é, ao mesmo tempo, confissão e denúncia, oração e canto, ferida e cura.

Este não é um livro sobre antagonismos. É sobre encruzilhadas. É sobre uma fé que não cabe nas dicotomias impostas, porque sabe que a vida é sempre confluência entre ***irê*** e ***ibi***.

Que esta leitura seja travessia.

Que quem venha da igreja reconheça aqui a sabedoria ancestral que também é bênção.

Que quem venha do terreiro reconheça no evangelho a ousadia que também é libertação.

E que todos compreendam a lição que tanto Exu quanto Paulo nos ensinam: a vida é complexa, a fé é múltipla, e só misturando e discernindo podemos enfrentar o racismo que nos divide.

2 O conceito de escrevivência foi pensado por Conceição Evaristo como um gesto político de retomada, por meio da escrita, das vozes historicamente silenciadas, sobretudo das mulheres negras, como explica a própria autora: "E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais". EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: C. Duarte; I. R. Nunes (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

Que este livro seja, ele mesmo, a terceira cabaça – soma de Axé e Amém, de ***irê*** e ***ibi***, de dor e esperança; assim como uma carta escrita em tempos de conflito, para anunciar equilíbrio e recomeço. Porque todo caminho que se abre em encruzilhada é também promessa de futuro.



Carolina Rocha é conhecida nas redes sociais como Dandara Suburbana. Filha de Eugenia e Fumaça, nasceu em uma encruzilhada entre uma promessa simultânea feita a Oxum e Nossa Senhora da Conceição. Iniciada para Xangô, o orixá que mudou sua vida. Pesquisadora do ISER e co-coordenadora da formação Axé-Amém, é também matrigestora da comunidade Ataré Palavra Terapia. Doutora em Sociologia e mestra em História, com estágio pós-doutoral em Educação. Professora e ativista, é autora dos livros *A Culpa é do Diabo: o que li, vivi e senti nas encruzilhadas do racismo religioso* (Oficina Raquel, 2025) e *O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial* (Paco Editorial, 2015), além de coautora de *Ebó Poético: palavras ancestrais que abrem caminhos* (Aruanda, 2025).

.



Axé-Amém é um convite a nos escutarmos, pois já ouvimos muito. É tempo de respeito à fala e ao pensar do outro. Não há mais tempo para verdades absolutas, pensares hegemônicos, agires dominantes.

Axé-Amém

Adailton Moreira Costa

Ter podido trocar com pessoas de outras tradições religiosas, sem nenhuma preocupação sobre o que falar sobre minha tradição religiosa e espiritual, foi um grande momento de exercício de viver a diversidade que compõe o universo das religiões.

A formação, além da troca, possibilitou que nos olhássemos em nossas almas e refletissemos que a religião não pode ser uma instituição que promova preconceitos, violações de direitos e racismos.

Sim, Deus, Olorun, Tupã, Javé, Buda, são deidades que nos ensinam que somos partículas do universo e que há uma integralidade entre o humano e o todo, entre nós e tudo que nos constitui.

Meu papel jamais foi querer dizer que somos todos iguais, muito ao contrário, sou totalmente favorável à pluralidade humana e não humana, essa é a beleza da vida. Essa explosão de possibilidades de cores, raças, sagrados, filosofias distintas, outras formas de ver e se ver frente a algo maior, sem com isso querer subjugar ou dominar o outro a partir de suas cosmovisões.

O Axé-Amém nos fez pensar para além da visão dada, alcançando outras visões sobre o mundo, para além da religiosidade.

Falar sobre o nosso papel religioso no contexto sociopolítico em que vivemos é também observar a cultura, os momentos históricos e refletir sobre como devemos pensar um Estado Democrático de Direito que

garanta, de fato, um Estado Laico, onde as religiões não interfiram no livre exercício deste Estado.

O Estado Laico não retira do Estado Democrático a possibilidade de intervir nas questões de conflitos e violações dos direitos religiosos das diversas denominações e seus adeptos, justamente para que haja uma vida religiosa plural e harmônica.

Axé-Amém é um convite a nos escutarmos, pois já ouvimos muito. É tempo de respeito à fala e ao pensar do outro. Não há mais tempo para verdades absolutas, pensares hegemônicos, agires dominantes.

É tempo de nos vermos, de falarmos as diversas línguas silenciadas, povos invisibilizados, é o momento da contracolônia; precisamos nos SULEAR, sair deste NORTE dominador que nos tolhe, buscar novas bússolas que nos ORIentem para um bom caminho de diversidades e de paz.

Não precisamos mais nos nortear, pois, quando foi feito este caminho, o planeta sentiu como fomos adestrados para a dominação, inclusive o meio ambiente. E o resultado é o que estamos vendo a duras penas com a crise climática. Mudamos as fases do clima com as nossas intervenções humanas, saímos da era do holoceno e entramos no antropoceno.

Ó, Humanos, o meio e nós é uma coisa só, o sentido de integralidade deve ser o primeiro princípio, e não o meio.

Igba Du (a cabaça da existência): o sentido desta cabaça é que dentro dela Olorun teria posto todas as coisas (inclusive nós humanos). Essa cabaça é o nosso planeta. Perante Olorun (Deus), não estaríamos em um estágio hierarquicamente superior frente às demais

formas de vida. Para nós, de tradição de matriz africana, somos parte de um todo, humanos e não humanos, todos integrados em uma grande rede existencial. O princípio da integralidade é fundamental para que nós humanos tenhamos a consciência e a sensibilidade de que escutar é melhor que ouvir.

Formações como essa geram novas lideranças comprometidas com suas comunidades e com seu papel político diante da sociedade e do mundo em que vivemos.

AXÉ

AMÉM



Adailton Moreira Costa é babalorixá do Ilê Axé Omiojuarô.

Essa vivência é um testemunho. Um testemunho de alguém que decidiu sair da bolha, enfrentar seus medos, desconstruir preconceitos e se abrir para o novo. É também um convite: que outros evangélicos, como eu, possam olhar para além das quatro paredes e enxergar o divino no outro.

Uma travessia entre fé, cor e reconhecimento

Adiel Gustavo

Foi no primeiro encontro. Eu ainda carregava comigo a tensão de quem entra num território considerado perigoso por toda uma vida de doutrinação. A sala estava cheia, os rostos eram diversos, mas havia algo em comum: a pele preta. Quando meus olhos cruzaram com os de Yá Wanda, senti como se o olhar dela me atravessasse. Não com julgamento, mas com uma força ancestral que me dizia: "Você está aqui, e aqui é também seu lugar." Ao final daquele dia, ela se aproximou e disse: "Nossos olhares conversaram muito hoje, hein!" E foi verdade. Sem uma palavra sequer, nossos olhares dialogaram sobre fé, dor, resistência e possibilidade. A cada dinâmica feita, a cada história dita, a cada música cantada, as frases se misturavam em minha mente. Esse momento foi o prelúdio de uma travessia que eu não sabia que precisava fazer, mas que meu corpo e minha alma ansiavam havia décadas.

A postagem do Léo de Paula no grupo do Coletivo de Negros(as) de Betânia (Coneb), sobre a formação Axé-Amém, foi como uma fagulha. Eu, criado há mais de 40 anos dentro das quatro paredes evangélicas, senti um chamado. Não um chamado divino como os que ouvia nos cultos, mas um chamado humano, profundo, que me convidava a viver o que sempre me disseram ser errado.

Axé-Amém apareceu como uma oportunidade de mergulhar naquilo que me fora negado: a escuta de outras espiritualidades, o contato com outras formas

de ver Deus, e, principalmente, a chance de dialogar e desconstruir preconceitos que ainda rondavam minha cabeça. Eu queria viver fora da bolha. Queria ouvir pessoas pretas falando sobre racismo religioso, sobre dor e sobre fé. Queria entender o que havia por trás dos despachos que me ensinaram a temer, dos doces que me proibiram de comer, das pessoas que me mandaram evitar.

Sou nascido e criado num lar evangélico. Meus pais são pastores, conservadores, e desde cedo me ensinaram que só havia um caminho para Deus. Todas as outras religiões eram erradas, mas as de matriz africana eram as mais perigosas e demoníacas. Cresci ouvindo frases como: "Não come o doce da macumba, você pode morrer!" ou "Não passa perto de despacho, o Diabo está ali!". Essas palavras moldaram meu imaginário, criaram barreiras invisíveis entre mim e o outro.

Aos 20 anos, vivi um episódio que marcou profundamente minha compreensão sobre racismo. Dentro de uma Igreja Evangélica, lugar onde eu buscava acolhimento e fé, fui chamado de "macaco". A dor daquela palavra plantou em mim a consciência de que o racismo não respeita crença nem espaço sagrado. Ainda que essa situação não tenha sido caracterizada como racismo religioso, ela me mostrou que a história de pessoas pretas, como a minha, é frequentemente marcada por agressões baseadas na cor da pele. No entanto, reconheço que irmãos e irmãs de religiões de matriz africana enfrentam um desafio ainda maior, sofrendo discriminação não apenas por sua cor, mas também pela sua fé. Essa experiência mostrou-me mais uma vez que a nossa cor nos une e que o racismo é um inimigo comum, independentemente das religiões que professamos. Isso reforçou minha compreensão sobre a ur-

gência de combater o racismo em todas as suas formas, reconhecendo a dor do outro.

Mas a vida adulta chegou, e, com ela, a dúvida. Comecei a observar, a ouvir, a sentir, a me perguntar se realmente eu não poderia ter amigos de terreiros ou, ao menos, um diálogo que fosse. Foi aí que percebi que havia algo errado na forma como me ensinaram a ver o mundo. As religiões de matriz africana, que antes me causavam medo, começaram a despertar curiosidade, respeito e admiração. Entendi que ser evangélico não é apenas seguir uma doutrina, é também carregar uma identidade. E essa identidade precisa dialogar com outras, precisa reconhecer o divino no outro.

Meu maior desafio hoje é mostrar isso aos meus pais: mostrar que Deus não está preso a uma única forma de culto, que Ele se revela de maneiras diversas e que negar isso é negar a própria complexidade da fé.

Nesse sentido, a formação Axé-Amém me transformou. Não apenas na forma como vejo o outro, mas na forma como vejo Deus. Aprendi que Ele age na vida de qualquer pessoa, independente da sua formação religiosa. Aprendi que o racismo não respeita religião e nos atravessa pela cor da pele, não pela fé que professamos.

Hoje, sou alguém que reconhece o sagrado em múltiplas expressões. Sou alguém que não teme mais o olhar do outro, mas que busca nele um espelho. Sou alguém que entende que a espiritualidade é também uma forma de resistência, de afirmação e de cura.

Foram três meses intensos. Entrei achando que ia "brigar" em todos os encontros, que seria um campo de batalha entre crenças. Mas logo percebi que o conflito

maior estava dentro de mim. Meu primeiro desentendimento foi com alguém da mesma fé, uma discussão teológica. Cada encontro foi um mergulho. Ouvir os relatos de pessoas pretas sobre o racismo religioso foi como abrir uma janela para uma realidade que eu sempre soube que existia, mas que nunca tinha coragem de encarar. Vi lágrimas, ouvi dores, senti revoltas. Mas também vi força, fé e amor.

Axé-Amém me ensinou que a cor da nossa pele nos une mais do que qualquer doutrina. Que o racismo nos encontra em qualquer esquina, em qualquer templo, em qualquer altar. E que é preciso estar juntos, ouvir, respeitar, para que possamos construir um caminho de cura e de reconhecimento.

Em uma das atividades, conhecemos a Igreja Evangélica mais antiga do Rio de Janeiro, e foi uma experiência muito boa. Mas o que mais me atravessou foi o dia em que fizemos o percurso pelas ruas do centro da cidade, conhecendo a história das religiões de matriz africana. Terminamos dentro do terreiro da Yá Wanda – mais uma vez ela. Foi uma experiência profundamente enriquecedora. Conhecer o local onde ela professa sua fé, onde distribui amor e constrói pontes com o outro, foi como enxergar a espiritualidade com novos olhos. Ali experimentei alimentos que não fazem parte do meu cotidiano. Provei pratos que antes eu julgava "do Diabo". E percebi o quanto fui ensinado a temer o que não conhecia. Caminhar pelas ruas do Rio com esse novo olhar foi como ver a história dos escravizados diante de mim – uma história violenta, abrupta, mas que também carrega resistência, cultura e fé.

Essa vivência é um testemunho. Um testemunho de alguém que decidiu sair da bolha, enfrentar seus

medos, desconstruir preconceitos e se abrir para o novo. É também um convite: que outros evangélicos, como eu, possam olhar para além das quatro paredes e enxergar o divino no outro.

Axé-Amém não foi apenas uma formação. Foi uma travessia. E eu sigo caminhando, com mais leveza, mais escuta, mais fé.



Adiel Gustavo, 42 anos, é um homem preto, pai da Lavinia, evangélico, engenheiro de produção, nascido e criado em Nilópolis-RJ. Membro da Batista Betânia de Sulacap, atuante no Coletivo de Negros(as) de Betânia (CONEB). Ama cantar e acredita na potência do diálogo inter-religioso como ferramenta de combate ao racismo e promoção da escuta entre diferentes espiritualidades.

Axé-Amém me fez perceber que ainda é possível estabelecer canais de contato, com o objetivo de tecer redes mais concretas e fortes, por um caminho menos bélico.

Onde estamos, e para onde ir?

Alan Gangana de Andrade

Nos idos de 2005 para 2006, próximo ao fim do ano, eu e minha família estávamos hospedados na casa da minha tia, no Morro do Tabajaras. Eu tinha por volta de 9 anos, assim como meus primos. Subíamos e descíamos várias vezes, entusiasmados com a ideia de conhecer Copacabana, o morro e a praia. Nunca havíamos ido lá. No dia 31 de dezembro, por volta do fim da tarde, brincando numa rua no alto do morro, eu, meu irmão e dois primos xingamos e tacamos pedras nas pessoas que passavam lá embaixo vestidas de branco, com flores e barcos nas mãos. Elas estavam a caminho de um túnel – que hoje sei que dá acesso à praia – e, por vezes, olhavam para o alto para conferir quem os insultava de "macumbeiros'' e outras coisas. Nós éramos evangélicos; nossa avó era umbandista. Ela nunca soube disso.

Anos depois, já com 15 anos, decidi me afastar da igreja pentecostal que frequentava. Um membro dela, filho do pastor, foi até a casa dos meus pais para conversar sobre minha decisão. Depois de muita conversa, ouvi que "Os países mais ricos do mundo eram de tradição cristã, como a Austrália, a Nova Zelândia e os Estados Unidos, enquanto os mais pobres, como o Haiti e a África, eram assim por conta de adorarem demônios''. Eu tinha pouca idade, mas já estudava o suficiente para saber o que era uma justificativa religiosa frente aos fatos históricos, como a colonização. Respondi a ele nesse sentido, mas aquela fala

me tirou tanto do sério, que gritei e joguei a caneca de café para cima dele, enquanto minha mãe tentava me conter, horrorizada. Eu gostava dele, mas o meu arrependimento foi apenas por não ter conseguido manter o controle.

Por fim, em 2022, já iniciado, passei por uma situação que me deu um choque maior do que eu esperava. Era a primeira semana após o carnaval em que a Acadêmicos do Grande Rio se sagrou vencedora com o enredo sobre Exu. Estava num ônibus na avenida Presidente Vargas, a caminho de algum lugar que não me recordo. Sentado no fundo, ouvi conversas indistintas atrás de mim, até que uma voz se destacou, clara e exasperada: "Agora tu vê! Exu! Uma escola de samba veio falando de Exu! Agora querem que a gente trate essas porcarias como santo! Tudo demônio! Agora sou obrigado a ver essas coisas na televisão!". Foi o suficiente para que eu me virasse e iniciasse uma discussão. Eu sabia que esse pensamento ainda era muito comum, mas me assustei pela forma natural e violenta com que foi dito. Minha cara queimou. A discussão só terminou quando o motorista desistiu de seguir (o ônibus tinha, no máximo, vinte passageiros) e eu insisti para que o homem, na casa dos seus quarenta anos, se comportasse calado ou descesse. Aqueles que me seguravam ou apartavam a briga se acalmaram também. O homem preferiu descer, e seguimos viagem.

Essas três situações me vêm à mente quando reflito sobre o quão difícil é viver com o diferente no Brasil. O mantra já muito difundido de que somos um país diverso e multicultural, e que, além de nos definir, é bem aceito, me causa certa aflição. Os problemas que envolvem a convivência entre os diferentes –

e aqui falo especificamente quanto à religião – trazem questões que sempre varremos para baixo do tapete, pura e simplesmente, o que gera a falsa sensação de harmonia. Na verdade, parecemos profissionais em repetir: "não vamos discutir sobre isso, deixemos o tempo resolver''. Só que o tempo não resolverá nada.

O Alan criança não teve instrução na escola sobre o convívio com membros de religiões de matriz africana, apenas absorveu o temor difundido pelo senso comum em relação a esse grupo. Mais tarde, por ter uma avó umbandista, pôde entender, na medida da sua idade, o que era respeitar a religião alheia. Já o Alan adolescente aprendeu como a manipulação religiosa baseada em falácias era comum, podendo ser praticada de forma sutil e até por aqueles que admirava, e que só poderia ser afastada por meio do conhecimento. O Alan adulto, iniciado na religião que um dia desprezou, foi retirado da ilusão de tranquilidade (muito em razão da convivência com pessoas que já tinham uma mente mais progressista), para a realidade da sociedade brasileira comum, que é violenta – e teve que se virar para responder àquela violência a que muitos já estavam acostumados: ora fervorosa, ora sutil, mas sempre violenta.

Em conversas com parentes, amigos e irmãos da minha egbé (comunidade de Axé), passei a procurar entender como será, daqui a alguns anos, a convivência entre pessoas de diferentes religiões, principalmente a minha, de matriz africana, diante do cenário atual. Não há um consenso, não há uma proposta de solução consistente ou robusta desses interlocutores frente aos diversos aspectos da guerra religiosa atual. Eu mesmo também não tenho uma solução única (se

é que ela existe) para esse problema e para todos os aspectos que o envolvem.

Foi nesse contexto que vi uma oportunidade na formação Axé-Amém. Quando disse acima o quão difícil é conviver com o diferente, era mais pela falta de predisposição do outro para a troca do que pela minha. "Religião, política e futebol não se discutem'': como eu odeio esse ditado! É um ditado que sela a arrogância destilada em forma de opinião, "que não deve ser rebatida'', é uma poda ao desenvolvimento intelectual de qualquer pessoa. Incrível como esse ditado vem depois de discussões, por vezes acaloradas, em que uma das partes sequer consegue argumentar. Se não há abertura para discutir, para que falar? Eu gosto do debate e esperava encontrar isso no ISER. Sempre digo a amigos e familiares de outras religiões: religião se discute, sim; o que não se discute é a fé. São coisas diferentes.

Por óbvio, não imaginei encontrar no curso a solução para todos os meus questionamentos, afinal, eram poucos encontros e muita gente para falar e ser ouvida. Não à toa, eu e muitos outros lamentamos um período tão curto para o curso, que, apesar de breve, foi gratificante. Ouvir membros da minha religião (de diferentes raízes) e de outras, podendo trocar experiências, discutir problemas e possíveis caminhos, foi edificante. É curioso e interessante, ao mesmo tempo, quando somos expostos à nossa própria ignorância em relação ao outro, e satisfatório quando passamos a compreendê-lo melhor. Acho que esse é o caminho, porque entendo o curso como uma semente que ainda está germinando, mas que pode render muitos frutos.

Axé-Amém me fez perceber que ainda é possível estabelecer canais de contato, com o objetivo de tecer redes mais concretas e fortes, por um caminho menos bélico. Não quero dizer com isso que não haverá conflito – até porque, se tem uma coisa que percebi no decorrer do curso, é que o confronto aberto de ideias é construtivo e necessário, na medida em que se tem como objetivo chegar a algum lugar que não seja a anulação do outro. É perceptível que não será fácil, mas também que não será impossível.

Entender a estrutura tanto da Igreja Católica quanto da Igreja Evangélica, enquanto homem negro de Candomblé, e os conflitos que nos envolvem, é importante, sobretudo quando compreendemos as razões mais profundas dessa intolerância: o racismo. Esse aspecto foi outro que nos uniu enquanto religiosos e pessoas de fé, pois, apesar dos diferentes credos, todos éramos negros. Isso nos leva a questionar até que ponto as pessoas negras são, de fato, agentes nessas religiões ou meramente massa de manobra contra a própria cultura, quando atacam as religiões de matriz africana. Também nos faz refletir até que ponto um número relevante de candomblecistas (não vou citar a Umbanda por ser uma religião que conheço pouco) está de fato comprometido com a defesa de nossa fé. O que hoje é realmente relevante ao professar a própria fé e o que é tão somente vaidade? Isso me assusta quando olho para os meus.

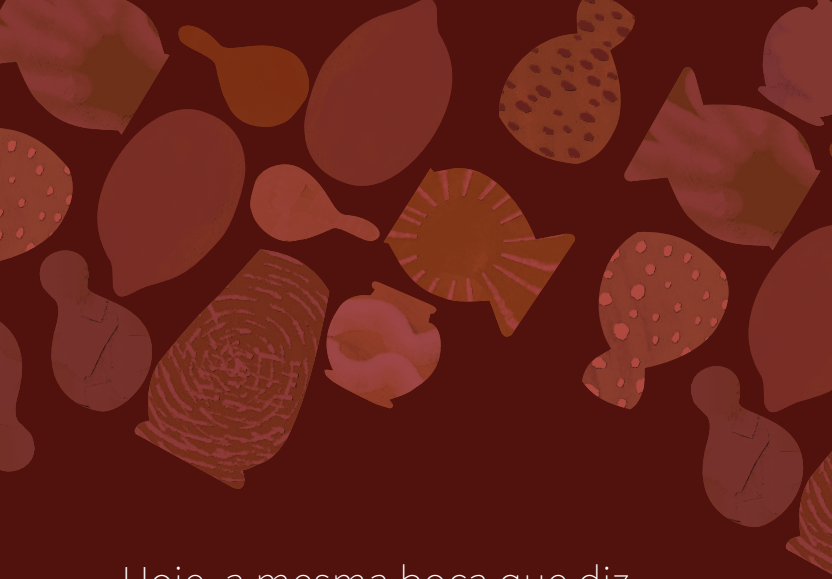
Por um lado, vejo meus irmãos de fé mais preocupados com o material, o que me leva a questionar: estamos lutando pelo quê mesmo? Será que somos pessoas de tanta fé assim ou apenas religiosos demais? Será que essa intensidade do brasileiro é transportada para essas religiões a ponto de não en-

xergarmos mais o que é realmente importante? São questões que eu, um filho de Exu, me coloco cotidianamente, mas ainda não encontrei respostas, e nem sei se vou. E tudo bem. O que nos resta – e não vejo nisso um problema – é praticar aquilo em que acreditamos de forma sensata, sem esquecer os aspectos relativos de cada credo: o que é próprio da minha religião é para mim; o que é próprio da sua, é para você. A partir desse reconhecimento, creio que podemos alcançar a melhor convivência possível.



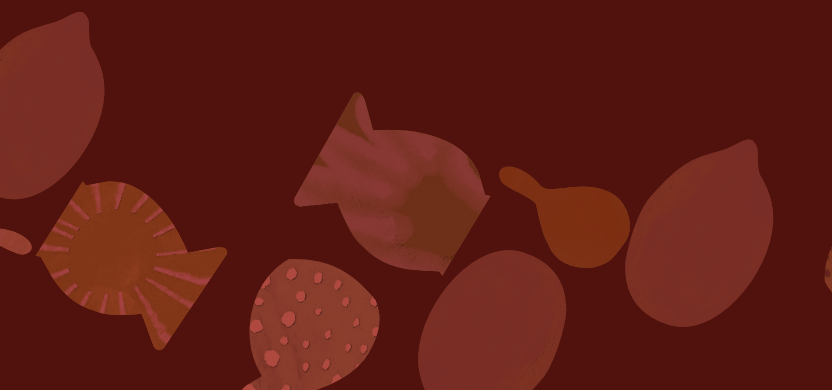
Alan Gangana Andrade tem 29 anos, foi criado em Campo Grande, na zona oeste do Rio de Janeiro, e atualmente reside na zona norte da cidade. É advogado há dois anos, iniciado no Candomblé há oito e filho do meio entre três irmãos. Estudou toda a vida em escola pública e sempre foi encorajado pelos pais a almejar algo melhor; decidiu cursar uma faculdade ainda na infância e realizou esse sonho em 2015. Embora registrado apenas como Alan Andrade, adotou publicamente o sobrenome Gangana, de sua avó paterna, em homenagem à importância que ela teve em sua trajetória.





Hoje, a mesma boca que diz,
em alto e bom som, LAROYÊ,
também já foi a boca que disse,
em alto e bom som, GLÓRIA A
DEUS e ALELUIA.

E eu me orgulho de ambas
as falas.



Escrevivências de uma suburbia

Alicia Lima

Oi, boa noite.

Vamos fazer de conta que isso é um podcast?

Um momento, eu tô lavando a louça.

Talvez tenha alguns ruídos de fundo, mas o cotidiano é assim.

Eu sou Alicia Cristina, tenho 23 anos e estou me graduando em Ciências Sociais pela UNIRIO.

Mas, para chegar até aqui, foi um caminho muito árduo.

Sou uma jovem negra, periférica, bissexual e de terreiro.

Na infância e na adolescência, frequentei a Igreja Evangélica, influenciada pela família materna.

Hoje, a mesma boca que diz, em alto e bom som, LAROYÊ, também já foi a boca que disse, em alto e bom som, GLÓRIA A DEUS e ALELUIA.

E eu me orgulho de ambas as falas.

Eu me considero, desde pequenininha, muito tagarela, muito mesmo.

Falo sobre tudo, falo de tudo, falo toda hora, falo desde a hora que eu abro os olhos até a hora que eu vou dormir – e às vezes falo até dormindo.

Em algumas vezes isso já me colocou em enrascada.

Por que?

É aquilo, né…

Na pré-adolescência, os crushes. Eu acabava cochilando e sonhava com os ditos cujos ou com as ditas cujas.

O tempo foi passando, fui amadurecendo um pouquinho.

E aí chego no ensino fundamental.

Por que eu saí desse papo de ser tagarela para falar do fundamental? Por quê?

Na infância, tudo é muito lindo e a criança ainda se pergunta: como que um adulto não tem 2 reais?

É.

Hoje eu sei como é que um adulto não tem 2 reais.

E quando eu cheguei no ensino fundamental, me deparei com várias disciplinas novas.

Tudo muito novo, tudo muito assustador até então.

E aquela menina que era tão tagarela, não deixou de ser.

Só diminuiu o tom.

Ficou mais apreensiva.

Passou a contar os parágrafos que os colegas estavam lendo para saber quando chegaria a sua vez.

Porque na cabeça dela, falar era fácil.

E é até hoje.

Mas fazer uma leitura guiada de um parágrafo, respeitando as pontuações gramaticais, era muito difícil.

Aí utilizava várias regras.

"A vírgula é cada vez que respira".

E se a pessoa tiver numa crise de asma? Como é que faz?

Até hoje ela não sabe a resposta.

Mas conseguiu passar por essa fase.

Chegou no ensino médio, tá?

E aí, no ensino médio ela brilhou.

No primeiro ano, às segundas-feiras, os dois primeiros tempos eram do professor de filosofia.

Quando ele iniciou o ano, levantou uma provocação:

Caros alunos, se vocês não tivessem sido levados para essa religião que vocês frequentam hoje, por alguém da família, algum vizinho, quem quer que seja, vocês estariam professando essa fé?

E eu fiquei me perguntando, hum, será? Porque eu lembro que aos seis anos, minha vizinha bateu lá na porta:

Michele, vai ter um culto infantil lá na igreja. Eu tô levando todas as crianças. Você deixa eu levar a Alicia?

Era aqui perto, igreja de comunidade, que sempre tem em cada esquina.

Minha mãe falou:

Tudo bem. Vou arrumar ela e na hora que você tiver passando aqui, você leva.

Fechou o portão, entrou e veio falar comigo:

Olha só, se alguém te oferecer alguma coisa estranha, você não aceita, independente se for na igreja, todo mundo tem o seu lado ruim. Mas vai, leva essa bíbliazinha aqui bonitinha, porque você já tem que aprender a abrir os versículos certos, entender a palavra do Senhor.

E assim eu fui, adorei, tinha muita comida, muito doce, muita música, tinha tudo o que uma criança gostava.

Pensei, hum, quero voltar mais vezes!

Se ir pra igreja é ir pra festa, quero voltar mais vezes.

E acabou que, desse gostar de ir mais vezes, também passei a gostar de ir às vigílias, de subir o monte.

Foi bom aquele primeiro contato com a religiosidade, o "primeiro amor", como eles dizem.

Fiz o IDE ("Ide e pregai o evangelho"), tudo como manda o combinado.

Mas no ensino médio, depois dessa indagação do professor, tudo bagunçou na minha cabeça.

Pensei: a minha vida é uma farsa.

Eu poderia ter vivido algo completamente diferente, porque, na verdade, eu não tive escolha.

Eu só fui arrumada e entregue para aquela vizinha me levar ao culto infantil.

Eu gostei? Sim, mas... e se eu não tivesse gostado?

Será que eu teria que me forçar a ir, porque a minha família seguia aquela religião, então teria que ser daquele jeito?

Eu não sei.

Mas sei que depois daquela aula, naquela segunda-feira, cheguei em casa e falei: Mãe, por que tu nunca me levou a outra igreja?

Por que a senhora nunca deixou minha avó me levar a uma missa?

Será que é tão diferente assim?

E aí começou aquilo de chamar as irmãs do círculo de oração, porque a Alicia estava na fase da rebeldia e o Diabo estava querendo possuir ela (porque é sempre ele, né?).

É, vieram e fizeram oração e aquilo me deixou intrigada.

Eu pensei: por que vocês têm que repreender o meu questionamento?

Por que eu não posso falar?

E aí voltou a Alicia tagarela dos porquês.

Sabe aquela criança na fase dos quatro anos, onde ela pergunta tudo sobre tudo?

Então, eu fui assim.

E eu perguntava: Por que isso? Por que aquilo?

E ninguém me respondia.

Só diziam: Não é assim que Jesus quer. Você tem que seguir o que Jesus quer.

Mas Jesus, na Bíblia, andava pra lá e pra cá falando à beça, perguntava, pregava, questionava, compartilhava o pão, a carne, sentava na roda dos escarnecedores e ficava lá com a galera do vinho.

Por que eu não poderia questionar?

Fiquei me perguntando sobre isso.

No segundo ano do ensino médio, já diminui a frequência à igreja, porque queria participar das resenhas com os amigos.

Aquelas coisas de matinê, em que a gente ia beber ice e já achava que ia ficar doidão.

Acontece, né?

Todo mundo tem que ter essa fase.

Continuavam pensando que a rebeldia estava tomando conta de mim e que eu não teria mais solução.

Mas eu tinha, porque eu continuei pensando, perguntando, futucando.

Até que chega um momento da escola, nesse processo civilizatório maravilhoso, em que você conhece pessoas de outras religiões e começa a conversar.

E você fala, caramba, então quer dizer que tem um mês específico nessa religião em que vocês distribuem doces de graça?

E a formiguinha que vos fala amou essa informação.

Cheguei em casa falando: Mãe, quando chegar setembro, eu vou na casa de fulano comer doce.

Minha mãe, que já sabia o motivo, mas me ocultou por alguma razão que até hoje eu não sei (vamos fingir que eu não saiba), respondeu: Você não vai na casa de ninguém, você não vai comer doce nenhum.

Se quiser doce, pega o dinheiro aqui e vai lá comprar.

E eu perguntei de novo: por que eu vou ter que gastar dinheiro com algo que vão me dar de graça?

Na minha cabeça era só essa questão, né? A grana.

Por mais que já estivesse no ensino médio, no segundo ano, com 16, 17 anos, a cabeça ainda era ingênua, era levinha.

E aí, depois de todo esse rolo, não peguei o doce naquele ano.

Tá.

Tentei voltar para a igreja, né?

Tava desviada.

Fiz como manda o combinado.

Fui lá na frente de novo, pedi perdão, me arrependi de tudo que eu tinha cometido.

Não aguentei ficar seis meses.

Não era mais aquilo que eu queria para mim, não era mais aquilo em que eu acreditava, porque eu queria questionar, não queria ficar quieta.

Queria levantar a mão no meio do culto e perguntar: Pastor, por que você tá dizendo esse versículo dessa forma, se a própria Bíblia mostra que Jesus falou de outra maneira?

Mas eu não podia.

Ai de mim se fizesse isso.

Então eu me recolhi e fui viver essa minha pouca vida de outras formas.

Fui conversando daqui, fui conversando ali, os 18 anos bateram na porta, a carteira de trabalho chegou na minha mão, e fui.... E, junto com a carteira de trabalho, também chegou aquilo.

Hum, se eu sou tão curiosa, por que eu não posso estudar para uma prova do Enem?

E todo o meu ensino médio foi na pandemia.

Imagina o caos.

O medo daquela doença misteriosa e, ao mesmo tempo, essa curiosidade, essas perguntas que se acumulavam dentro de mim, que não paravam de surgir, surgiam, surgiam, surgiam.

Até que eu cheguei e falei, tá bom, vou fazer o Enem.

Me inscrevi.

Aí teve uma operação policial na comunidade onde eu morava.

Um dos tiros acertou a caixa d'água de amianto, daquelas antigas.

Por fora, ficou só a marca do tiro.

Quando a operação passou e a gente subiu na laje, porque a gente ouviu o estalo, a gente falou, ah, é só passar um rejunte que ela vai ficar boa.

Mas, por dentro, o estrago foi completamente diferente.

Assim que a gente encostou o rejunte no amianto, ela se estourou inteira.

Nós ficamos quatro meses sem caixa d'água. Tendo que pegar baldes e baldes e baldes e baldes e baldes na casa do vizinho que tinha um poço. E ainda comprava galão de água, porque não podia beber água do poço, senão dava coceira no corpo etc.

E tudo isso, todos os dias, fazendo os mesmos movimentos repetitivos e estudando para o Enem. O meu braço cansou.

O meu corpo inteiro cansou, mas o meu braço principalmente.

Desenvolvi uma tendinite aguda que parou por completo o meu braço esquerdo.

Como eu sou canhota, isso me afetou 100%.

Duas semanas antes da prova do Enem, do primeiro domingo da prova, fui parar no hospital.

A médica chegou pra mim e disse: Olha, você vai ter que ficar com o seu braço imobilizado por uns dias.

Respondi: Doutora, não tem como fazer isso.

Eu tenho uma prova daqui a alguns dias.

Ela: Não tem a menor possibilidade de você aguentar segurar um lápis por 4 horas.

Tenta com a mão direita

Tentei, não consegui.

Não desisti.

Chegou o dia do Enem.

No primeiro domingo, tomei um relaxante muscular e fui.

Cheguei na prova, ainda com muito incômodo no braço, escrevi a redação chorando de dor, mas escrevi.

No segundo domingo, as coisas estavam um pouco melhores.

Fiz a prova mais rápido, porque sou 100% de humanas. Na de exatas, fiz o que pude.

E foi assim, com essa nota, depois de tanto esforço, que eu consegui ingressar na universidade.

Pá, tô na Federal.

Vou estudar o que eu quero: Ciências Sociais.

Vou estudar o porquê de eu questionar tudo.

Vou conseguir.

Venho conseguindo até este presente momento em que estou concluindo a escrita do meu TCC.

E finalizar a graduação tendo feito parte do Axé-Amém foi incrível.

Digo hoje que já estava escrito.

Tenho a certeza de que é a confirmação de uma das milhares de coisas que os meus guias me prometem, porque eles sempre se fazem presentes.

Durante os seis encontros da formação, pude vivenciar debates incríveis, que cultivaram cada vez mais esse sentido aguçado da curiosidade.

Tivemos diálogo, tivemos trocas.

Foram momentos de muito aprendizado, de confronto entre a Alicia do primeiro encontro e do último. O que tinha mudado? Pra mim, tudo. Pude me reconectar com a versão mais bela de mim. E não digo só pelos momentos bons, mas por entender que cada um possui seus diversos lados e todos precisam ser reconhecidos.

Quando recebemos a notícia que poderíamos participar da escrita de um livro sobre essa experiência, eu chorei.

Chorei porque escrever, para mim, que sou tão tagarela, e sou tagarela de várias formas, falando, escrevendo, cantando (mesmo desafinada), era a realização de um sonho.

Era dizer para aquela Alicia de seis anos que ela poderia ser o que quisesse, escrever sobre o que ela quisesse, perguntar sobre o que quisesse.

E para a Alicia do primeiro ano do ensino médio, que, por mais que a gente tenha que seguir alguns caminhos por conta do nosso laço sanguíneo familiar, existem outros caminhos, existem outros mundos e esses mundos estão aí para serem explorados.

E você que tá aí do outro lado ouvindo (lembra que é como se fosse um podcast?), entenda: tudo vai passar.

Às vezes por cima da gente, não vou mentir, mas passa.

Eu costumo pensar que quando as coisas não estão ao nosso alcance, a gente tem que deixar na mão da espiritualidade.

O que para nós é limitado, para eles é questão de tempo.

Enquanto esse destino não chega, aproveita a passagem do tempo.

Enquanto essa porta não abre, aproveita o corredor.

Um beijo.

Foi ótimo participar dessa experiência incrível.



Alicia Lima, 23 anos, é graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pesquisadora na área de políticas de ações afirmativas e uma tagarela sem limites.



Precisamos nos reconhecer como parte de uma ancestralidade que resiste e que pode se fortalecer pela escuta, pela empatia e pela desconstrução dos medos que nos afastam.

Medo de quê?

Amanda Barroso Damasceno

Minha fase infantil e adolescente, no que se refere às festas de São Cosme e São Damião, foi cercada de dúvidas. Desejos reprimidos e, ao mesmo tempo, permeados de exceções que me confundiam sobre o que era profano e o que era sagrado. Lembro que, por um breve período, meus pais congregaram na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Nessa época, no dia da festa das crianças nos templos afro-brasileiros, a igreja promovia uma festança alternativa: colocava Jesus nas letras das músicas da Xuxa, regava de doces e refrigerantes, tudo para nos manter longe das tentações "satânicas" e oferecer uma festa dita por eles como "muito melhor".

Naquele momento, essas festas bastavam para suprir minha curiosidade. Porém, eu não gostava de frequentar aquela igreja nos outros dias e, aos poucos, meus pais também deixaram de ir. O evangelho começou a se espalhar na minha família e, quanto mais uns deixavam de beber, as festas foram diminuindo: serestas, carnavais… Mas, surpreendentemente, uma prática religiosa causou um certo vazio: a ausência dos doces em dia de São Cosme e São Damião. Então todos se uniram – crentes e não crentes – para fazer uma grande festa no Dia das Crianças. Era como se fosse meu segundo aniversário, já que eu era a única criança da casa na época. Talvez por isso a festa não tenha durado tantos anos. Uma pena, pois tinha tudo: guloseimas, ani-

mação, brindes como bolas, bonecas e bambolês. Tudo que me diziam que existia nas festas de terreiro que eu não podia frequentar.

Não sei se foi a última, mas certamente a melhor festa foi quando eu tinha 11 anos. Lembro que depois disso começaram os conflitos e a implantação do medo por meio de lendas evangélicas sobre o que acontecia nos terreiros. Quando algum carro passava oferecendo doces, eu tinha que rejeitar. Não sabia se eram doces de umbandistas, candomblecistas ou católicos. Sim, eu poderia aceitar se fosse de alguém "declaradamente católico", mas não se fosse "macumbeiro". Essa era a regra para os amigos da minha mãe e vizinhos, de quem ela tinha vergonha de recusar, mas depois acabava descartando alguns. Muitas vezes tive que separar os "saquinhos católicos" dos "saquinhos da macumba".

Meu pai achava isso tudo muito confuso e dizia: "Minha filha, fica em casa, que quando eu chegar te levo na Lojas Americanas para comprar os melhores doces, que nem tem nesses saquinhos mixurucas". Eu respondia: "Mas pai, eu gosto de paçoca, cocô de rato, chupetinha vermelha...". E ele ia ao Mercadão de Madureira comprar uma caixa de cada doce que eu gostava.

Minha mãe, no entanto, sabia que não era só pelos doces. Meus irmãos tiveram uma infância antes da conversão evangélica, cheia de memórias com ela indo pegar doces. Por isso, ela entendeu bem quando, um dia, voltei muito triste da escola. Era dia de pegar doces, e a escola onde eu estudava ficava ao lado de um terreiro conhecido por fazer a melhor festa da região. Dava para ver a fila da minha sala. A professora liberou quem quisesse ir pegar doce. Eu fiquei sozinha na sala.

Sozinha, vendo todos voltarem com bolos, brinquedos, doces, saquinhos, bambolês...

Eu sabia que outros crentes também estavam ali, mas tudo o que eu conseguia lembrar era minha mãe dizendo que os doces de terreiro eram "passados nas feridas das pessoas" e que elas acreditavam que seriam curadas quando uma criança os comesse. Com certeza ela ouviu isso em algum culto, não de alguém de religião de matriz africana, mas talvez de algum ex-candomblecista querendo status na nova fé, com um testemunho aterrorizante.

O que quero dizer é que o medo é legítimo, mas o instrumento do medo muitas vezes não é. Ele costuma ser reflexo do racismo religioso. Muitas vezes, quem reproduz esse preconceito já foi vítima de uma "história" mal contada. Minha mãe também foi atravessada por esse fundamentalismo, que a afastou de algo que, para ela, também havia sido prazeroso. Era uma corrente de medo. E, mesmo assim, ela tentava driblá-la para me ver feliz – mas à sua maneira, ainda que de forma intolerante. A solução que encontrou foi permitir que eu saísse para pegar doces com a mãe da minha melhor amiga, com a condição de que, se passasse por algum terreiro, eu ficasse do lado de fora. Essa amiga era próxima da família, mas todo ano eu precisava jogar fora os doces que ela me dava – exceto os que eu comia quando estava ajudando a encher os saquinhos em sua casa, antes do ritual que eu imaginava que aconteceria depois que eu fosse embora. Na minha cabeça, era como se eles ainda não estivessem "condenados". Veja como nossa imaginação constrói caminhos hipócritas quando queremos pertencer sem admitir que já fazemos parte. É assim que se dá o apagamento ancestral em uma sociedade racista.

Com minha filha Letícia, repeti o ciclo da minha mãe, mas sem as distinções entre "católicos" e "macumbeiros". Um ano eu deixava, no outro não. Sempre fui muito inconstante na igreja, por questionamentos para os quais não encontrava respostas que se alinhassem às minhas percepções. Minha mãe, após sua conversão, nunca deixou de ser crente, mas conforme mudava de denominação, ficava mais rígida ou mais flexível. Houve fases em que só bebia refrigerante, e outras em que tomávamos uma taça de vinho assistindo ao Jornal Nacional – até mesmo um choppinho era liberado. No fim da vida, com o avanço do Alzheimer, ela estava na Assembleia de Deus, super contra pegar doces, mas um dia em que a casa estava cheia de saquinhos para as crianças, ela pediu que separássemos para ela todas as bananadas. Eu neguei, mas meus irmãos disseram que ela ia comer sim, porque antes ela também os levava para pegar doces. Na época, fiquei muito chateada, mas eles foram guiados por suas memórias e eu pelas minhas. Hoje entendo melhor, compreendo até que a doença passa por várias fases, e que uma delas é quando o cérebro retoma certa inocência e se desprende de todos os dogmas e paradigmas para conseguir sobreviver .

Samuel, meu filho mais novo, é um privilegiado. Não desfrutou da juventude que tive, mas me rejuvenesceu ao ponto de me fazer vivenciar minha ressignificação política, social e religiosa. Nas últimas eleições, minha permanência em uma igreja fundamentalista se tornou insustentável. Além do despreparo para acolher uma família atípica, havia um pastor negro, mas que parecia não se reconhecer como tal. Foi então que comecei a pesquisar sobre crentes que votam na esquer-

da. Um interesse político que acabou respondendo a muitas das minhas inquietações religiosas.

No ano passado, resolvi sair com meu filho para pegar doces, coisa que nunca fiz com Letícia. Foi incrível. Não comi porque havia feito bariátrica há pouco tempo, mas este ano pretendo seguir o conselho que anos atrás recebi de uma psicóloga evangélica que também é bispa: acalentar minha criança interior. Vou com ele novamente.

Tudo isso para dizer: o racismo religioso não é bom para ninguém. Divide famílias, vizinhos, amigos – e subjuga as pessoas por sua fé. Se, de um lado, temos uma refeição feita em um ritual de Axé com intenções de emanar boas energias, do outro pode haver a mesma dedicação e carinho em uma comida de culto evangélico. Mas também é verdade que ambas podem ser feitas no meio de fofocas, brigas ou má vontade. Ou seja: não é a fé que define, mas o coração de quem prepara.

É comum ver crentes se vangloriando por rejeitarem uma comida de Axé, como se estivessem imitando Daniel ao rejeitar os manjares do rei. Mas sejamos sinceros: coragem e propósito não se veem tanto hoje em dia. É compreensível quando alguém está em jejum ou tem restrições pessoais, seja por motivo de saúde ou até por um paladar que não o agrade. Mas usar a fé como desculpa para menosprezar a religiosidade do outro diz mais sobre o caráter do que sobre a espiritualidade.

Hoje entendo que o meu medo não estava nas "potestades do ar" (Efésios 2:2), mas nos paradigmas humanamente implantados que nos afastam da comunhão na mesa. A mesa é lugar de comunhão, lugar de diálogo, onde alianças são formadas, alegrias são co-

memoradas, lugar de repartir, praticar solidariedade, mas isso só foi penetrar tão fundo em meu ser quando meu medo foi confrontado com uma pergunta: Medo de quê?

Digo isso porque o medo da religião do outro nunca é sobre a sua crença, mas sobre a marginalização de seus adeptos, e isso acontece quando se associam práticas indecorosas à fé do outro, quando, na verdade, a intenção espiritual deveria ser nos tornar melhores para nós mesmos e para o próximos. Então, por que agir assim?

Se, de um lado, há um corpo maltratado e ofendido pela rejeição, do outro há um corpo legitimamente amedrontado. E, se nos aprofundarmos, veremos que, na maioria das vezes, o terrorismo partiu de um púlpito branco que divide corpos negros de religiões de matrizes africanas dos corpos negros pentecostais – que hoje lutam entre si em territórios que precisam cada vez mais de sua união para enfrentar a desigualdade.

Meu apelo para os irmãos de Amém é que sejamos mais receptivos ao nos sentar na mesma mesa e, com nossas pertenças, possamos fortalecer nossa ancestralidade na luta por reparação. Já aos irmãos de Axé, entendam que o mal, o racismo religioso, não foi criado pela "irmãzinha do coque", mas de lideranças que promovem nossas guerras cotidianas por meio do amedrontamento, com ensinamentos nas escolas bíblicas que, em alguns casos, implantam o medo no lugar do amor de Deus. Acreditem: muitos de nós queríamos comer sim, mas fomos ensinados a não olhar, não tocar, muito menos estar por perto. Me desculpe pelas ofensas, mas as considere como dificuldades enraizadas. Se um irmão ou irmã evangélico for ao seu terreiro ou

em sua casa e nada provar, saiba que sua permanência naquele lugar muitas vezes já representa um ato de resistência em sua comunidade de fé. E nós, cristãos progressistas, estamos empenhados em desconstruir toda maldade revestida de fé, incutida em nós desde a colonização.

A verdade é que o motivo que me levou ao Axé-Amém não foi compreender a intolerância do outro, mas entender o que me fazia reproduzir essa intolerância; foi quando me deparei com o medo que me incutiram no passado. Quando minha filha se aproximou pela primeira vez do Camdomblé, eu fiz de tudo para que ela não mergulhasse de cabeça: enchi minha casa com as irmãs de consagração, com todo aquele re-te-te, oração com fotos e peças de roupa, corinhos de fogo enquanto percorríamos a casa (sou um corpo negro bem pentecostal; a crítica é ao motivo e não às práticas). Os jovens da igreja organizaram cultos domésticos que seriam, inicialmente, sete semanas (outra prática que eu amo), mas se estenderam muito além, na esperança de que ela comparecesse a algum. Até que desistimos. Tudo isso com a alegação de que eu não perderia minha filha para o "Diabo".

Quando me elogiavam pela mãe que sou para o Samuel, eu sabia que tinha uma dívida moral com a Letícia. Eu, estudante de pedagogia, defensora da educação igualitária, do Estado laico e admiradora ferrenha de Paulo Freire, agora também pertencente ao Movimento Negro Evanéglico (MNE), precisava de uma postura honesta; e essa postura era reconhecer que só poderia combater o pecado do racismo religioso se esse pecado deixasse de existir em mim. Foi quando assisti a um vídeo da Dandara Suburbana (Carolina Rocha), em que ela chama atenção para as mães evangélicas de maneira muito provocativa e, ao mesmo tempo, aco-

lhedora. Acho que essas duas palavras a definem muito bem. Ao fim do vídeo, eu queria abraçá-la, porque tive a certeza de que ela teria as respostas que eu procurava. Quando vi a chamada para o Axé-Amém, não pensei um minuto. Na mesma hora me inscrevi. Para a minha surpresa, junto à Carol estava a Fabíola Oliveira, que complementou minhas inquietações pessoais sobre como um corpo negro não precisa apagar a sua ancestralidade.

Eu não cheguei ao ISER com a pretensão de mudar o mundo, mas sim de transformar a minha casa, o meu maternar. Eu tinha plena consciência de que quem precisava mudar era eu. Durante a imersão Axé-Amém, me choquei ao perceber que o meu medo soava como afronta ou desrespeito para os irmãos de matrizes africanas. Eu já sabia que não era um bom sentimento, mas nunca imaginei que não fosse apenas um problema meu.

Que esse texto sirva como convite para todos os irmãos e irmãs de Amém e de Axé se sentarem à mesma mesa. A verdadeira comunhão não exclui. Precisamos nos reconhecer como parte de uma ancestralidade que resiste e que pode se fortalecer pela escuta, pela empatia e pela desconstrução dos medos que nos afastam. Porque, no fim, como disse no início: nunca foi sobre os orixás. Sempre foi sobre o medo do outro. E esse medo, agora, eu não carrego mais.



Amanda Barroso é mãe de um menino de seis anos, que ama o nosso Jesus Preto de Nazaré, e de uma jovem de vinte e dois anos, iniciada no candomblé. Jun-

tos, seus filhos se tornaram o combustível que a levou a recalcular sua rota profissional e espiritual. Sempre envolvida em diferentes expressões da vida social e cultural, Amanda estudou Turismo, Teatro e Confeitaria. Participou de jornais institucionais, um deles de caráter religioso, foi diretora de torcida organizada, modelo plus size e atuou em coberturas de eventos, sempre movida por um sonho antigo: cursar Jornalismo. Em 2021, foi aprovada no vestibular para Pedagogia, formação que concluiu recentemente. Hoje, já não enxerga a pedagogia como um caminho alternativo, mas como uma ferramenta de transformação – um presente que a vida lhe deu para seguir em frente e inspirar por meio de uma educação crítica, igualitária, laica e antirracista.

Em tempos tão violentos e intolerantes, o Axé-Amém buscou não apenas o conhecimento sobre a situação de racismo religioso no Brasil, mas também um caminho para corrigir e reposicionar os nossos futuros ancestrais.

Racismo religioso

Quando a fé preta afronta o privilégio branco

Ana Schuchter

Há alguns anos, vivenciei um dos meus primeiros casos de racismo religioso. Era segunda-feira, dia de Njila, o senhor dos caminhos e da palavra. Com outras irmãs de santo, eu estava realizando uma oferenda aos meus ancestrais, na rua. Naquele dia, minha cabeça e meu corpo foram atravessados pelo ódio, pela fúria e pela violência, como nunca antes.

Um homem branco e cristão interrompeu nosso rito. Ele parou o carro, desceu e partiu para cima de nós, com seu corpo e sua voz, sentindo-se autorizado e sustentado pelos seus privilégios. Dali em diante, o tempo foi suspenso: passou devagar e intensamente, embora, agora, ao relembrar os detalhes daquele entardecer, minhas memórias corram ligeiras diante dos meus olhos.

Alguns talvez possam dizer que pisei no "inferno" aquele dia. Prefiro compreender a partir de onde meus pés estão plantados: na verdade, "atravessei o mar de fogo", como bem diz o ponto cantado do Povo da Rua. Em instantes, aquele sujeito rezou trechos da Bíblia, ameaçou destruir nossos padês e nos chamou de feiticeiras e criminosas. Segundo ele, nós deveríamos "ser salvas". O clássico discurso de que os terreiros e o Sagrado Preto são territórios de caos e pecado que precisam ser resgatados.

Ele sabia e via, literalmente, que não estava diante apenas de nós. Por isso, sua raiva crescia junto à sua violência verbal, que beirava a agressão física, já que estava tão, mas tão perto dos nossos corpos, mesmo quando gritamos para ele se afastar. Ele estava perante as divindades das Comunidades Tradicionais de Terreiro, as tecnologias ancestrais afro-brasileiras, o visível e o invisível da "magia negra".

Sob seus olhos, as rosas da Pombagira, o marafo dos Exus, as luzes das velas que não se apagariam. O branco que vestia os nossos corpos e as nossas histórias. Os fios de contas que, sobre os nossos peitos, lembravam que nossa fé era feita de beleza. O cheiro das comidas e dos cigarros se misturava, então, com a nossa presença e as nossas memórias. Cada vela era uma promessa, cada palavra um conjuro, estávamos firmadas pelo Tempo.

E isso o afrontava. Revirava o seu corpo. Representava desobediência. Enquanto tudo acontecia, ainda que imersa em muitas dores e emoções, tudo me era confirmado. A ancestralidade negra, em suas múltiplas formas, é uma ameaça aos saberes ocidentais e brancos: nossas entidades são detentoras de feitiços, magias, redenções e manipulações espirituais diversas, enquanto sujeitos sociais que vivenciaram a prostituição, a miséria, a exclusão social, o abuso sexual e as violências de gênero, raça e classe impostas aos corpos pretos em território brasileiro.

Enquanto ele reivindicava a rua, espaço público, como sua, já que morava, aparentemente, perto daquela encruzilhada, nós ligamos para a polícia, na esperança de que um órgão público pudesse intervir e resguardar, primeiro, nossa segurança física e, depois, nosso

direito constitucional de professar nossa fé. Quando se viu pressionado pelos próprios órgãos legais, em meio à nossa fala de que a polícia já estava vindo e que ele estava cometendo um ato de racismo religioso, ele veio com a sua contrapartida, ou melhor, carteirada: seu pai, policial, iria avisar ao posto policial e suspender a viatura.

O racismo tem disso. Historicamente mantém determinados grupos sociais e segmentos religiosos, com todos os seus recortes de gênero, raça e classe, em uma posição social que traz lugares, acessos e recursos materializados dentro de sistemas de privilégios. Do alto do seu pedestal, nosso agressor sabia que poderia nos coagir, causar medo e ameaçar, pois nós eramos o grupo ilegal, minorizado, sem cartas na manga e esquecidos pelas leis da terra. Sua sensação de direito, suas convicções religiosas e sua imponência enquanto homem e pessoa branca eram tão fortes e ensurdecedoras que ele insistia em nos atacar, independentemente de qualquer coisa.

Diferentemente de muitos outros casos onde vemos assassinatos de lideranças de terreiro, invasões de barracões, depredações de casas de santo, humilhações públicas e ameaças de morte a filhos de santo, conseguimos sair daquela situação. Depois de algumas ligações desesperadas para o posto policial, aquele homem fugiu às pressas. Embora tenhamos sofrido com o descaso dos órgãos legais durante o registro do boletim de ocorrência, saímos vivas. Essa foi a maior vitória ancestral que recebemos.

Naquela época, eu já trabalhava como pesquisadora e ativista em movimentos sociais das populações de terreiro. Mas, realmente, pude elaborar, vendo o ra-

cismo religioso de frente, como é fazer parte de uma tradição de guerra e festa. Daquele dia em diante, eu nunca mais fui a mesma. Nunca mais adentrei em um barracão com os mesmos olhos. Nunca mais sai às ruas para reivindicar a existência do povo de Axé da mesma forma. Nunca mais partilhei com irmãos e irmãs negras da mesma forma.

A encruzilhada nos força a uma pausa. E naquela, eu finalmente compreendi, não pela racionalidade, mas pela corporalidade, diante da fúria do racismo: o único caminho para nós, pessoas pretas, é o aquilombamento. Não apenas para sobrevivermos, mas para existirmos com soberania, autonomia, saúde, comunidade, alimento, fé e liberdade. Na filosofia bakongo, não existe ngunzu individual. O Ngunzu (força vital e poder) é coletivo, construído na troca, no respeito e no compromisso. Quem quebra a corrente, seca a própria força.

Foi assim, caminhando pela espiral do tempo da cosmologia africana, que cheguei ao projeto Axé-Amém. Logo quando fiquei sabendo da iniciativa, um desejo, feito de direção, história e ancestralidade, me tomou. Seria uma oportunidade única de alimentar os acordos que fiz comigo e com a minha linhagem depois daquele episódio: seguir cuidando dos corpos de terreiro junto a tantas outras pessoas. Ouso dizer que seria a primeira vez que eu iria conversar, frente a frente, com pessoas de outras pertenças religiosas, igualmente dispostas e motivadas, sem estar em uma situação de conflito, tensão ou violência. E isso já era grandioso, por si só.

Era chegada a hora grande de debater com parte do grupo evangélico, especialmente pessoas racializadas. Encarar os preconceitos, as hostilizações, as espo-

liações, as agressões que cruzaram os nossos caminhos durante anos e anos da falsa democracia religiosa que vivemos no Brasil. Seria, também, o momento de construir algumas estratégias para romper com os atos de demonização e perseguição que esse segmento tem dirigido contra as populações de santo.

Durante toda a formação, mirei os saberes das Pretas-Velhas e dos Pretos-Velhos, a grande linhagem das nossas macumbas. Os grandes feiticeiros, mandingueiros, rezadores, quilombolas, mateiros, que sustentaram, defenderam e preservaram nossas famílias até aqui. Na cabeça, fruto que é útero dos mistérios, segredos e feitiços, eles também guardaram orientação, estratégia e sobrevivência. É fato que a ancestralidade negra sempre nos trouxe um repertório de aconselhamento de vida, mas seu ouro foi deixar instrumentos de história e política para nós.

Muitas tecnologias do povo preto foram ganhando corpo durante o projeto. A gente conseguia tocá-las: eram antevisões ancestrais para plantar força e alterar o nosso caminho. Agora, juntos. Não um caminho reto, desses sempre desconfiamos. Somos filhos dos morros, das passagens, das vielas, dos becos, das travessias. O conflito, então, logo se apresentou como a entrada para avançarmos. Entre símbolos, estratégias e cosmologias diferentes, apesar dos cruzamentos, precisaríamos discutir. Não sobre a nossa fé, mas sobre a justiça racial, religiosa e territorial. Afinal, nossas comunidades religiosas sempre foram aquelas que geraram renda para diversas famílias, que deram suporte na área de saúde física e mental para homens e mulheres, que educaram e formaram nossas crianças e adolescentes, que cuidaram de pessoas vulnerabilizadas em nossos bairros e cidades. Nunca foi apenas sobre fé.

Enquanto candomblecista, de raiz Congo-Angola, pude aprender sobre os desafios que pessoas negras vivenciam dentro de suas igrejas. Ouvi sobre a falta de valorização de pastores e lideranças negras evangélicas; a dificuldade de debater questões raciais; a negação da identidade negra dos fiéis dentro dos templos cristãos e os obstáculos para construir uma teologia mais empretecida e ancestralizada. A cada encontro, ficava mais evidente que, apesar das nossas diferenças, nenhum de nós escapava do racismo e de toda a sua engenharia para nos diminuir, enfraquecer e marginalizar.

Em tempos tão violentos e intolerantes, o Axé-Amém buscou não apenas o conhecimento sobre a situação de racismo religioso no Brasil, mas também um caminho para corrigir e reposicionar os nossos futuros ancestrais. Feito um oráculo, mostrou tanto os irè (as bênçãos) quanto os ibì (desafios) da filosofia iorubá trazendo responsabilidades e exigindo movimentos, individuais e coletivos, de nós, enquanto educadores, produtores de saberes, lideranças e ativistas.

Nesse encontro, presenciamos uma resposta que resiste. Uma força que não recua, mesmo diante de todas as tentativas de violência, separação, ódio e hostilidades. Ainda hoje, nós, pessoas negras, seguimos circulando entre a legalidade e a ilegalidade, negociando nossas vidas a todo tempo. O encontro trouxe um espelho mais limpo sobre mim e sobre as nossas tradições. Um chão que amadureceu minha fé e meus aprendizados. Precisamos repensar e escolher nossos inimigos, para podermos perseguir e não sermos perseguidos. Os capitães do mato, os senhores de engenho, as sinhazinhas ainda caminham entre nós, e não fazem distinções entre pretos e pretas e suas pertenças religiosas. Para eles, a cor basta.

Sabemos que viver a ancestralidade negra é carregar, ao mesmo tempo, esperança, tensão, alegria, medo, sabedoria e tristeza, em um só corpo. Cada silêncio, fala, abraço e olhar trocado no Axé-Amém também foi mandinga, reza e feitiço. Não fizemos etnografia, laboratório ou observação participante, construímos uma relação. Iniciada ali, mas que segue. Relembramos quem somos para não entrarmos em conflitos que não trazem soluções. Para não darmos um passo em vão.

Durante os encontros, alguns momentos foram ainda mais preciosos e potentes. Ouvir e bater cabeça para Maria da Fé e Yá Wanda d'Omolu foi como cruzar o tempo. Me lembro de encerrar aquelas duas manhãs eufórica e agradecida. Observei de perto a sagacidade, a astúcia e as negociações que cada uma delas foi fazendo pelo caminho. Eu sabia que estava diante da inteligência negra ancestral que nos trouxe até aqui. O encontro com Rodrigo Peniche também me tocou de uma forma avassaladora: me trouxe fôlego e movimento, ensinando que podemos nos reinventar e transitar, das igrejas aos terreiros, tendo como direção o compromisso político com a língua, a cultura, as mitologias e as comunidades pretas.

Caminhar pela história do velho e do novo Rio de Janeiro também me ensinou sobre troca, resistência e encontro. Entre travessias pelo Antigo Mercado do Peixe, pela Igreja do Rosário dos Pretos e pela Pedra do Sal, até chegarmos ao Terreiro Ilê Asè Egi Omim, uma parada na Praça XV me saltou aos olhos. Lá, Arthur José Batista e Carolina Rocha nos lembraram que a feira sempre foi lugar de convivência, troca de saberes, espiritualidade, comércio e aquilombamento para comunidades negras, assim como estávamos fazendo. Das fofocas aos burburinhos, mulheres negras organizaram

fugas, revoltas, idas para os quilombos e conflagrações entre barracas e vendas. Naquele chão, ouvindo seus ensinamentos, nos conectamos com essa rede ancestral que sustenta nossa memória, nossa cultura, nossos afetos e nossa economia local há séculos.

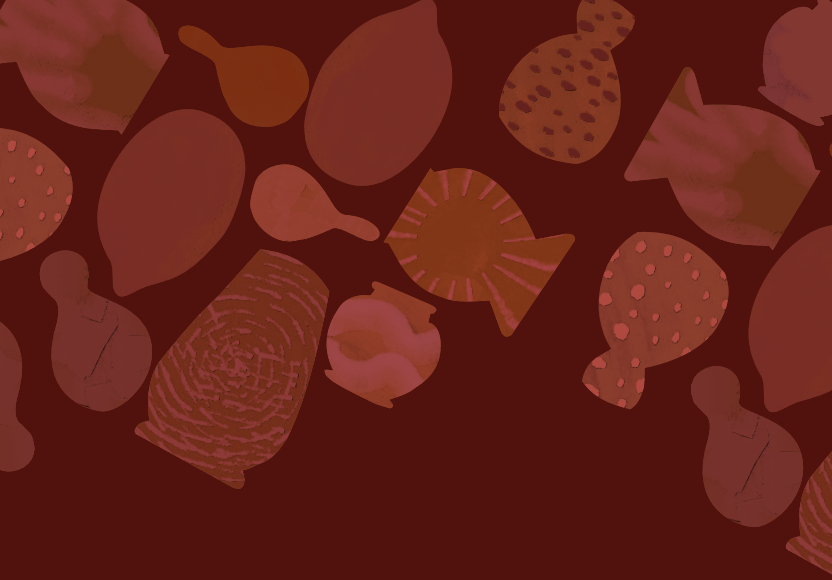
Na Igreja do Rosário dos Pretos, aprendi sobre o poder de reinvenção das tradições negras. Ali, as irmandades construíram, a um só tempo, um Catolicismo negro e afro. Longe de "apenas" um Cristianismo, grandes lideranças reinventaram símbolos, cosmologias e estratégias. Com a sabedoria de quem sabe negociar em meio à guerra, as irmandades do afrocatolicismo nos mostram que, assim como o branco é capaz de "embranquecer" as culturas negras, nós também somos capazes de "empretecer" e "africanizar" a cultura europeia, entre os cruzos.

Finalizei nossos percursos afirmando que somos um corpo coletivo. Toda distração que nos afasta do essencial é também um golpe à nossa dignidade. Perder a escuta é perder o que é vital. E não temos esse luxo. O chamado foi esse: voltem sua atenção para quem constrói, para quem protege o nosso chão, para quem honra nossa história. Às vezes, perdemos aliados por não comunicar direito. Por isso, também saímos com o desejo de aprofundar alguns diálogos e tornar a terra debaixo dos nossos pés ainda mais fértil. Desvendar, a partir das nossas palavras e filosofias, sem interrupções, furtos ou modelagens, o que é sagrado, o que é pecado, o que é solução. Assim, desejamos e nos comprometemos a continuar conversando, nos nossos termos, sobre sacrifício animal, sobre o culto aos orixás, sobre os objetos sagrados, entre tantas outras pautas que merecem nossa atenção e cuidado.

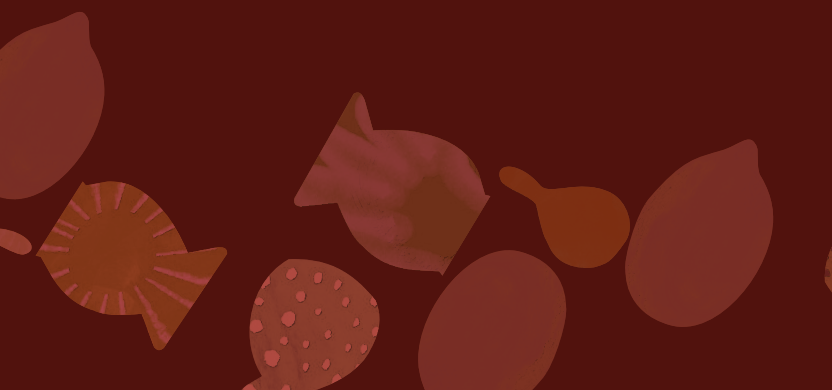
Na família dos caçadores, nas tradições de terreiro, há um provérbio que diz: um caçador só é um caçador quando tem pelo que e por quem caçar. Esse ditado me lembra que muitos de nós somos o que somos porque temos por quem ser. Por isso, saio do Axé-Amém inteira: ganhamos mais um quilombo para construir sonhos para além daqueles que o racismo religioso desenhou para nós. Agora, deixaremos enraizar o que foi plantado. Daremos de comer e aguardaremos o tempo de floração, sem duvidar do que ainda não vimos.



Ana Schuchter é filha de Kaiango e Preta-Velha. Mulher de terreiro, jornalista, pesquisadora e curadora de conhecimento, escreve, realiza e produz projetos sobre relações étnico-raciais, racismo religioso e diversidade religiosa. É mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF) e integra o Egbè – Estudos de Afrorreligiosidades. Cursou o "Certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos" (2024–2025) do Instituto de Pesquisa Afro-Latino-Americana da Universidade de Harvard.



Olhando para a história da minha família dá para imaginar qualquer uma das minhas avós colocando uma oferenda na rua pra pedir algo ou agradecer. Eu não chutaria algo que minha avó fez.



Para sonhar de olhos abertos

Andressa Oliveira

Faço parte de uma família de mulheres de muita força e fé. Na minha participação na formação Axé-Amém, escolhi falar sobre essas mulheres – e trago esse tema novamente, agora acrescentando alguns detalhes, para que sirva como uma introdução à minha própria história e à pessoa que me tornei. Olhar para a minha história pelo retrovisor me faz perceber que o caminho percorrido começou bem antes de eu colocar os pés no chão.

Começo com Vó Severa, minha tataravó, sogra da minha bisavó materna. Eu a conheci quando tinha 7 anos de idade e ela, 106. Era lúcida, mas o peso dos anos não lhe permitia enxergar bem e nem andar com desenvoltura. Caminhava devagar, falava baixo, mas tinha bom humor. Lembro bem de seu sorriso. Nascida no período da Lei do Ventre Livre (1871-1888), viveu seus primeiros anos de vida em situação de escravidão até ser, de fato, livre.

Vó Severa era do Candomblé. Minha mãe conta que ela tinha terreiro e também era rezadeira, mas quando nos conhecemos ela já tinha se tornado evangélica por influência da filha e da neta. Uma mulher de fé que certamente encontrou na religião a força para sobreviver no caos, ajudou a muitos e viveu longos anos até morrer alguns anos depois de nos conhecermos.

Outra mulher que lhes apresento é a minha bisavó, Dona Alcídia. No documento, seu nome constava como Alcides Maria, mas ninguém se atrevia a chamá-la as-

sim. Vô Alcídia era avó materna da minha mãe, e tive o prazer de conviver bastante com ela. Linda e elegante, era uma mulher admirável. Há quem diga que parte da minha personalidade e compleição física foram herdados dela, mas não sei se isso é verdade, pois ela era muito calma, observadora e de um humor bastante peculiar.

A religião da sua família era o Catolicismo, e ela seguiu essa fé por bastante tempo. Quando eu era pequena, lembro de minha mãe contando que Vó Alcídia tinha entrado para uma religião chamada Rosacruz. Não sei qual era sua prática anterior, mas tudo indica que conciliava Umbanda e Catolicismo. Ela também era rezadeira. Quando minha mãe entrou para a igreja evangélica, vovó ficou feliz e deu muitos conselhos. Naquela época, ser evangélico era uma coisa muito séria e os crentes eram vistos como pessoas boas e muito confiáveis. Bons tempos… Vó Alcídia faleceu aos 94 anos.

Espero não estar sendo enfadonha, mas é uma honra falar sobre tantas avós, afinal, eu não conheço tantas pessoas que tenham convivido com tataravó, bisavó e avó. Sendo assim, peço licença para ostentar mais uma: Dona Dalziza. Filha de Alcídia e neta de Severa, vó Dalziza tinha um humor menos farto. Mulher bonita, muito trabalhadeira. Numa época em que máquina de lavar roupas não era comum nas casas brasileiras, a figura da lavadeira era imprescindível para as famílias de classe média. Vó Dalziza lavava roupa para fora, mas depois tornou-se salgadeira, virava noites enrolando salgados, em pé na cozinha.

Das três avós, Dalziza era a menos religiosa. Dizia-se católica mas não frequentava a igreja com regularidade. Penso que ela era mais supersticiosa do que

religiosa, pois ia à Umbanda de vez em quando para pedir algo específico de que estivesse precisando. Apesar disso, incentivou minha mãe a frequentar a Igreja Católica com regularidade e a levou à Umbanda para ser iniciada. Até o fim da vida, vovó não demonstrou muito fervor, mas nunca negou sua necessidade de crer em algo a que pudesse pedir ajuda. Dalziza viveu muito bem até o ano passado (2024), quando nos deixou aos 92 anos e meio.

Agora é a vez da minha mãe, Dona Alda. A vida foi difícil pra ela na maior parte do tempo. Lidou com muitos problemas de saúde e várias barreiras, mas sempre manteve o instinto de sobrevivência. Bonita, inteligente, resiliente, nunca escondeu de mim seus erros e acertos. Ensinou-me a entender que pai e mãe são pessoas que erram e acertam. Ao contrário de mim, mamãe adora fazer exercícios físicos. Aos 72 anos de idade, tem a flexibilidade de uma criança de 9. Adora aprender e ensinar.

Sua vida religiosa foi instável, creio que reflexo da falta de apego religioso de minha avó. Dona Alda frequentou a Igreja Católica e também a Umbanda. Com esta última não teve uma boa experiência, então se tornou evangélica. Foi nessa fé que ela se encontrou e seguiu o restante da vida. Mamãe é apaixonada por Jesus, pela Bíblia, ama orar e cantar louvores. Ensinou aos filhos o valor da fé e o temor a Deus.

Aqui estou eu, Andressa, sendo o resultado do que essas mulheres plantaram. Fui para a igreja aos três anos de idade e tive uma experiência com Deus. Sinto que Ele me marcou ali, e nunca mais saí. Eu amo Jesus e gosto da comunhão com os irmãos da igreja. Gosto muito de gente, na verdade. A igreja me ensinou a be-

leza da vida em comunidade, como podemos ver Deus no outro. Como devemos enxergar Jesus nos mais desfavorecidos para ajudar quem precisa.

Infelizmente, eu aprendi que religiões de matriz africana são coisa do demônio e por muito tempo acreditei nisso como uma verdade. Apesar disso, aprendi com minha mãe a olhar algumas coisas com respeito e carinho por se tratar de algo que faz parte da história da nossa família. Eu pensava que minha avó Severa e minha avó Alcídia rezavam pessoas porque tinham coração bom e queriam ajudar os outros. Mamãe também falava que Deus ouvia a oração das pessoas, mesmo de outras religiões, porque Ele se compadece de todos.

Com o passar do tempo e as informações adquiridas a respeito do racismo, percebi que essa demonização das religiões de matriz africana é algo que não se justifica e deve ser combatida. No Movimento Negro Evangélico aprendi que o combate ao racismo em todas as suas manifestações inclui a intolerância religiosa contra as religiões de Axé e que, para combatê-la, é preciso colocar-se ao lado de quem sofre.

Luto contra o chamado "racismo religioso" porque é meu dever enquanto pessoa negra. As religiões de matriz africana são parte da minha história. Foi pela luta e resistência do povo de Axé que eu pude ter um mínimo contato com a nossa cultura – a dança, as roupas, a comida e o idioma dos nossos antepassados –, como éramos quando não havia a escravidão para nos tolher.

Sei que faço parte de um grupo minoritário de evangélicos que vê o respeito à religião do outro como um princípio cristão. Infelizmente, a maioria se comporta com profundo desrespeito e violência contra o povo de

Axé. Mesmo as pessoas pretas agem assim, pois, como eu, aprenderam que esse é o comportamento que agradaria a Deus. A expressão "chuta que é macumba" é popular não apenas pelas palavras, mas porque muitas vezes se torna literal, quando as pessoas chutam oferendas nas ruas. Eu penso que quem fez aquela oferenda colocou muito amor e fé ali, e quebrá-la é uma falta de respeito ao sentimento do outro. Olhando para a história da minha família dá para imaginar qualquer uma das minhas avós colocando uma oferenda na rua pra pedir algo ou agradecer. Eu não chutaria algo que minha avó fez.

Acredito que é plenamente possível que vivamos em harmonia e respeito. Sonho em ver pessoas pretas unidas, dando uma rasteira na demonização das religiões de Axé para vencer o inimigo em comum: o racismo.

No dia da aula da formação Axé-Amém, senti que, pelo menos ali, naquela sala, isso seria possível. Foi como vivenciar no mundo real o sonho de fraternidade que todos desejam viver. Quando aceitei o convite para participar da primeira aula do curso, percebi que era realmente uma oportunidade de compartilhar minha experiência enquanto mulher evangélica, ao lado de uma mulher de Axé, e mostrar que é possível conviver em harmonia. Duas mulheres pretas, cheias de fé e dispostas a sonhar juntas – de olhos abertos. Ao lado de Yá Wanda, senti o acolhimento, a parceria e o desejo de que o sonho ultrapassasse as portas e invadisse as ruas. E se puder ser realidade? Como fazemos para que isso aconteça? Os desafios são muitos. Lutar contra o racismo exige esforço e perseverança, requer paciência, estratégia e principalmente união.

É preciso que cada pessoa decida fazer a coisa certa. Mesmo que pareça impossível ou que as circunstâncias sejam duras, devemos insistir na possibilidade de um mundo sem racismo. É quase inalcançável para nós pensar assim, pois tudo o que vimos e vivemos até hoje tem as marcas do racismo, mas não dá para não sonhar. Não falo de sonho que se sonha inerte, de olhos fechados, mas de um sonho de olhos abertos, aquele que se constrói no dia a dia, no caminhar, na oportunidade ao lado do seu semelhante. Um sonho que se faz com as mãos, com atitudes, com compromisso e com os olhos firmes no objetivo a ser alcançado.

Penso que a formação Axé-Amém é um sonho possível. Espero que todas as pessoas que participaram dessa experiência sintam o mesmo e estejam estimuladas a continuar construindo o sonho de uma sociedade em que evangélicos e religiosos de matriz africana vivam em harmonia e respeito. Que esse seja o resultado da nossa vitória sobre o racismo.



Andressa Oliveira é evangélica, membro da Igreja Batista, cantora e ativista de direitos humanos, com atuação nos temas do antirracismo e do diálogo inter-religioso. É estudante de Teologia e integra diversos movimentos sociais, entre eles o Movimento Negro Evangélico, o Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), o Coletivo Esperançar e a Coalizão Negra por Direitos.





O Axé-Amém me ensinou que superar o racismo não é apenas derrubar sistemas abstratos, mas redescobrir a beleza do encontro. É restaurar confiança entre irmãos que aprenderam a desconfiar, devolver ao corpo negro a dignidade de ser múltiplo, complexo e livre para crer e celebrar sem medo.



A travessia do Axé-Amém

Brian Kibuuka

Cheguei ao Axé-Amém como quem pisa num território ao mesmo tempo novo e ancestral, um chão regado por memórias e aberto para futuros ainda por inventar. Não era apenas uma sala, nem apenas um encontro: era um espaço de ressonâncias. Ali se ouviam ecos do Atlântico, vozes dos que atravessaram o mar em grilhões e cânticos dos que resistiram com esperança. Cada passo trazia comigo a consciência de um solo lavrado por lágrimas, sangue e fé, mas que agora florescia em diálogo e partilha.

No círculo de cadeiras vi corpos diversos, marcados pelo mesmo peso do racismo e pelo mesmo brilho da resistência. O Axé-Amém não era um projeto isolado, mas um rito de travessia. Eu me via numa procissão que atravessava fronteiras invisíveis, quebrava silêncios e erguia a palavra como espada e bálsamo. Ali, protestantes e filhos de terreiro não se enfrentavam, mas se reconheciam como herdeiros de uma ferida comum e de uma mesma coragem de seguir.

Falei das experiências protestantes que pisaram no chão do Brasil, não para erguer muralhas, mas para abrir o coração. Narrei um protestantismo atravessado por dores e contradições, mas também por lampejos de libertação. Uma fé que serviu ao colonialismo, mas que em outros momentos fez brotar comunidades insurgentes, cantos de igualdade, leituras bíblicas que ousaram colocar os pobres no centro e

Deus ao lado dos oprimidos. Minha fala foi testemunho, não doutrina; semente lançada para que o outro se visse no espelho das diferenças.

Enquanto falava, ouvia. Ouvia o tambor das memórias de terreiro, o sopro dos ancestrais que sobreviveram no corpo e na dança, as histórias de quem, mesmo perseguido, não deixou apagar a chama do Axé. Percebia que o Axé-Amém era mais que diálogo: era encontro de águas. Como rios que se juntam sem se perder, nossas correntes espirituais se encontravam. Não havia apagamento, mas reconhecimento: cada um permanecia sendo quem era, e ao mesmo tempo se tornava mais inteiro ao tocar e ser tocado pelo outro.

O Axé-Amém me ensinou que superar o racismo não é apenas derrubar sistemas abstratos, mas redescobrir a beleza do encontro. É restaurar confiança entre irmãos que aprenderam a desconfiar, devolver ao corpo negro a dignidade de ser múltiplo, complexo e livre para crer e celebrar sem medo. Naquele espaço, os gritos de dor do passado se transformavam em cânticos de esperança, e as feridas da diáspora se costuravam, ainda que provisoriamente, na tapeçaria da comunhão.

No coração do Axé-Amém, para além de discursos, tivemos cânticos. Vozes entrelaçadas vinham de margens diferentes, de templos diversos, de memórias que nunca se apagaram. O som se espalhava como eco dos porões de navios negreiros, misturado ao sopro dos hinos entoados em capelas humildes e ao pulsar dos tambores dos terreiros. Esse canto não pedia permissão: atravessava fronteiras, preenchia o ar, redesenhava o tempo. Ali estava inscrita a certeza

de que somos todos filhas e filhos da diáspora africana.

A diáspora é dor, mas também é música. Foi pelo canto que os acorrentados sobreviveram à travessia. Foi pela espiritualidade que reinventaram a vida, transformando choro em resistência, lamento em profecia. No Axé-Amém, cada voz carregava essa herança: o improviso que nasce da urgência, a poesia que brota da necessidade de respirar em meio ao sufoco, a dança que desafia correntes. Ser filho da diáspora é carregar no corpo a marca do açoite, mas também a força de não deixar que a alma seja destruída.

Lembrei que os africanos não chegaram como vítimas passivas, mas como agentes culturais. Essa memória vibrava entre nós. O samba, o gospel, o xirê, o blues, o reggae, o jongo – todos se encontravam como testemunhas de que a diáspora foi não apenas despossessão, mas também criação. Cada ritmo, cada oração, cada gesto espiritual era um fragmento dessa invenção da vida.

E nesse canto coletivo, também a Bíblia se inscrevia como parte da travessia. Livro de dupla face: usada para justificar a escravidão e o racismo, mas também erguida como espada de libertação, fonte de esperança para quem se recusou a aceitar o cativeiro como destino. A teologia negra recorda isso: a Palavra pode ser corrente, mas também pode ser chave. Por isso, no Axé-Amém, falar da Escritura e falar dos orixás não era contradição, mas diálogo de sobrevivência. Ambos nascem do mesmo clamor: que a vida negra seja reconhecida, respeitada e celebrada.

O Axé-Amém não terminou no último encontro, nem coube em calendários marcados por datas e ho-

rários. Ele permanece aberto como horizonte, como caminho que segue em curso, como rio que não volta atrás. O que vivemos ali foi mais do que uma formação: foi prenúncio. Cada palavra dita, cada gesto de escuta, cada oração feita com o corpo inteiro foi sinal de que um outro tempo já começa a despontar. Não um tempo sem conflito, mas um tempo em que a diferença deixa de ser abismo e se torna ponte; um tempo em que Axé e Amém respiram juntos como duas formas de vida de um mesmo sopro.

A luta contra o racismo revelou-se também como luta espiritual. Não basta derrubar estruturas externas: é preciso desalojar o racismo que se infiltrou em nossas teologias, liturgias e imaginários. No Axé-Amém, aprendemos que resistir é orar, que dançar é lutar, que cantar é protestar, que o corpo negro em movimento é já uma declaração de liberdade. O horizonte que se abre é o da espiritualidade descolonizada, onde nenhuma fé serve para subjugar, mas todas se tornam instrumentos de dignidade.

Vejo esse horizonte como um imenso quilombo espiritual. Nele, a igreja é espaço de acolhida, o terreiro é reconhecido como amigo-vizinho, e a rua se transforma em território de celebração. Nele, nossas crianças crescem sabendo que suas cores são marcas de realeza ancestral. Nele, nossos jovens aprendem que sua fé não precisa pedir desculpas por ser negra, e sua negritude não precisa pedir licença para ser espiritual. Nele, nossos ancestrais não são lembrados como sombras, mas como guias de futuro.

Esse horizonte é também revolução. Não uma revolução de barricadas apenas, mas de gestos de comunhão e solidariedade concreta. Revolução que se faz quando mãe de santo e pastor se olham nos

olhos e reconhecem, no rosto um do outro, a imagem de Deus e dos Orixás. Revolução quando a mesa se torna espaço de diálogo e não de disputa. Revolução quando o racismo religioso é denunciado não só como pecado, mas como crime contra a vida, contra a memória, contra a humanidade.

Saio do Axé-Amém sabendo que não caminho sozinho. Sou parte de uma multidão, herdeiro de uma história que começou antes de mim e que seguirá muito depois. O horizonte aberto me chama a continuar: a lutar, a ensinar, a cantar, a crer. Porque o Axé-Amém não é apenas nome de projeto: é oração e destino, bênção e tarefa, hino e manifesto. É grito e resposta, sopro e confirmação. É promessa de que a vida negra – inteira, diversa, sagrada – não será vencida.

O horizonte aberto é este: um mundo em que tambor e hino se encontram, em que Bíblia e búzios dialogam, em que quilombo e igreja se reconhecem na mesma luta. É nesse horizonte que escolho viver, ensinar e resistir. Porque é ali que a liberdade floresce, é ali que a memória se cumpre, é ali que o futuro se torna possível.



Brian Kibuuka é doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com estágio pós-doutoral pela Université de Paris 1-Panthéon Sorbonne. Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra. Mestre em História Social pela UFF. Graduado em Teologia pela

Universidade Metodista de São Paulo. Graduado em Letras (Português-Grego) pela UFRJ. Pai de Aimée, esposo de Edeny. Professor de História Antiga e Medieval pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Pesquisador Associado do Nereida.



A formação Axé-Amém foi a semente da reconciliação e da luta contra o racismo disfarçado de salvação. Porque o Deus que eu creio não exclui, Ele acolhe, cura e liberta!

A fé como instrumento de sobrevivência

Cláudia Custódio

Minha trajetória é marcada pela fé, pela resistência e pelo compromisso com a educação inclusiva. Ao ingressar na formação Axé-Amém, minhas expectativas estavam centradas na possibilidade de aprender, dialogar e construir pontes entre diferentes tradições religiosas, reconhecendo que a diversidade espiritual também é parte fundamental da formação cidadã e humana. Então, participar da formação descarregou em mim a potência de várias histórias da minha vida e me permitiu (re)construir-me em novas histórias. Estar nesse propósito foi descobrir o desconhecido do Axé em minha vida, acreditando desde o início que esse projeto seria o caminho para uma nova Cláudia Custódio. Sabia que precisava estar nesse lugar e dialogar sobre o racismo religioso que sempre atravessou nossos corpos, territórios e fé. Em todos os encontros que participei o aprendizado me encheu de dúvidas e respostas, e, mais do que isso, despertou em mim a vontade de levar interrogações e afirmações para todos os espaços da minha vida.

Caminhar pela minha comunidade e ver que irmãos e irmãs de religiões de matriz africana estão sendo perseguidos, silenciados e criminalizados, muitas vezes pelo discurso que dizem vir em nome de Deus... NÃO! A minha fé em Cristo não combina com intolerância nem ódio. Ela move a justiça e o amor ao próximo e a relação digna entre todos. Nessa formação, busquei

construir pontes, escutas, narrativas e perceber que a ancestralidade negra, seja na igreja ou no terreiro, é resistência, cultura e identidade.

Na Maré, onde moro e trabalho, a fé é instrumento de sobrevivência. Como diz a canção dos Paralamas de Sucesso: "Favela da Maré, a esperança não vem do mar nem das antenas de TV, a arte é de viver da fé, só não se sabe fé em quê". Nesse território de resistência e pertencimento, a violência atinge diretamente nossos corpos negros, sejam eles evangélicos ou de matriz africana, ferindo nossa identidade negra e as tradições culturais afro-brasileiras. Por isso, é tão importante impulsionar políticas como a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas, no Brasil, para que o baú de histórias, emoções, vivências e respeito à nossa cultura se abra em todos os espaços deste país, principalmente no espaço escolar, onde a diversidade é gigantesca. A formação Axé-Amém foi, para mim, a semente da reconciliação e da luta contra o racismo disfarçado de salvação. Porque o Deus que eu creio não exclui, Ele acolhe, cura e liberta!

No mês de agosto, passei por uma experiência marcante no meu local de trabalho. Uma criança chegou vestida com trajes de seu Terreiro e, infelizmente, foi recebida com racismo e desrespeito por alguns alunos e funcionários. Tive que intervir e, naquele momento, percebi o quanto havia aprendido nos encontros da formação. Foi uma situação difícil e discriminatória, que precisa ser abolida de todos os espaços de nossas vidas.

Nós diálogos em grupo (momentos que me deixavam muito feliz) sempre busquei tensionar o lugar do evangelho como ferramenta de acolhimento, e não de exclusão. Mostrando que eu, mulher negra e periférica, posso não reproduzir lógicas colonizadoras, pois a espiritualidade negra – seja no Culto ou no Terreiro – habita no silêncio das nossas almas, carregando uma força ancestral que precisa ser respeitada e valorizada.

Eu esperava que o curso fosse além da teoria e se tornasse um espaço de escuta, respeito e reconhecimento das diferentes expressões de fé, e foi isso que aconteceu em todos os momentos da formação. Como cristã evangélica, carregava comigo o desejo de compreender as raízes das religiões de matriz africana, muitas vezes estigmatizadas. Minha perspectiva era de crescimento pessoal e também pedagógico: conhecer para ensinar, respeitar para incluir.

Minha vida e caminhada como mulher negra evangélica sempre foram atravessadas pelo racismo e pela intolerância religiosa. Já vivenciei situações em que minha fé foi questionada por causa da minha cor e, ao mesmo tempo, em que minha negritude foi invisibilizada no espaço religioso. O projeto me deu condições de refletir sobre como o racismo se manifesta, tanto nas igrejas quanto nas escolas, e como ele impacta não só a mim, mas também meus alunos, filhos e netos.

As práticas propostas foram fundamentais para uma formação integral. As rodas de conversa, as leituras, os diálogos inter-religiosos e os momentos de reflexão fortaleceram em mim a ideia de que o respeito é o verdadeiro caminho para a convivência democrática.

As visitas às igrejas evangélicas e aos terreiros de religiões de matriz africana foram momentos decisivos.

Ao entrar nesses espaços, pude perceber a riqueza da espiritualidade negra, a força dos cânticos, a ancestralidade presente em cada rito. Ao mesmo tempo, foi um exercício de humildade e de aprendizado reconhecer que muitas vezes carregamos preconceitos herdados, e que é preciso desconstruí-los.

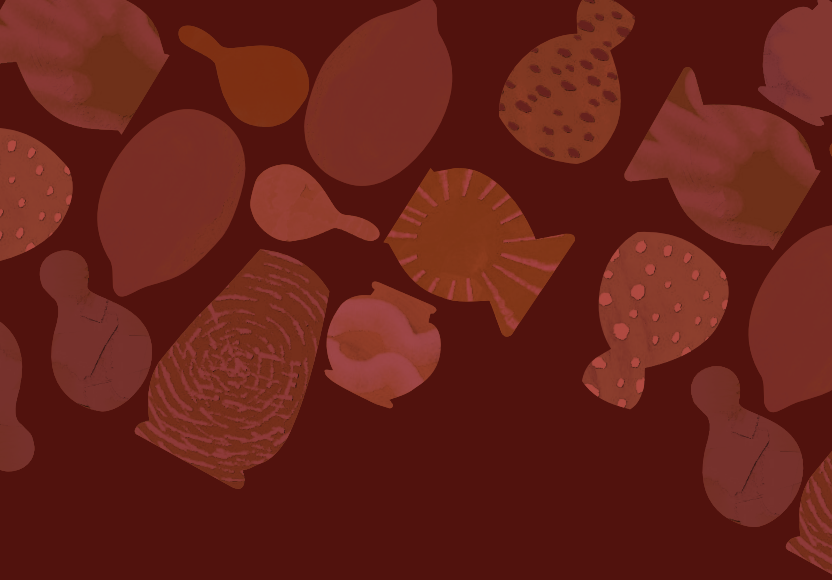
A formação Axé-Amém ampliou meu olhar. Hoje, compreendo ainda mais a importância do diálogo entre religiões para combater a intolerância e o racismo. Como professora e pedagoga, levo esse aprendizado para a sala de aula e para minha comunidade. Desejo que outras pessoas negras e periféricas, evangélicas ou não, também possam participar de formações que promovam a valorização da ancestralidade, da diversidade e da dignidade humana.

Minha caminhada no Axé-Amém reafirmou meu compromisso como mulher negra periférica, avó, professora e evangélica: lutar contra o racismo religioso, construir pontes de respeito e reconhecimento, e transformar a educação em um espaço de encontro entre fé, ancestralidade e cidadania.

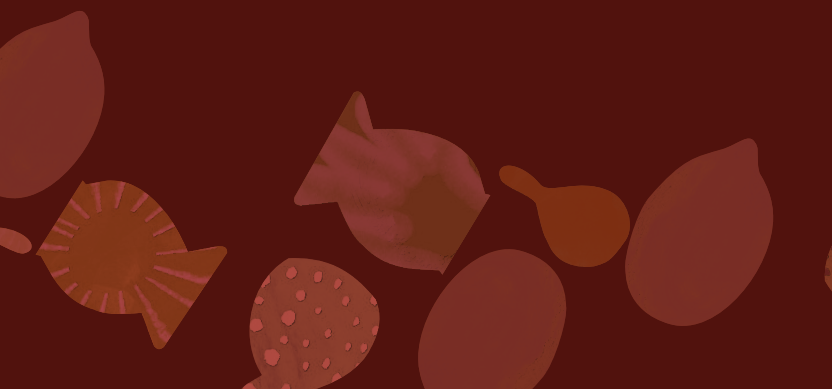


Cláudia Custódio é mulher negra, periférica, mãe atípica, avó, evangélica, pedagoga e psicopedagoga. Moradora da Comunidade da Maré e professora nas Prefeituras do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias.





Eu aprendi a transitar entre o Axé e o Amém, respeitando as particularidades e características de todas as manifestações religiosas.



Memórias de uma dupla pertença

Claudio Adão Santos Vitório

Meu pai nasceu em Além Paraíba, na Zona da Mata de Minas Gerais, e minha mãe em Aurora, distrito de Carmo, no interior do Rio de Janeiro. Vieram para a capital fluminense tentar a vida. Ele, com pouco estudo, trabalhava como lustrador de móveis; ela, como diarista. Fixaram-se numa favela em Inhaúma, atrás do cemitério.

Minha mãe teve duas filhas que não sobreviveram. Depois nasceu meu irmão e, por último, mesmo após ela ter feito laqueadura, engravidou de mim. Nasci em 1976, na Maternidade Carmela Dutra, no Méier.

A religiosidade foi algo marcante em minha vida desde a tenra infância. A minha família de Minas era adepta da Umbanda e frequentava terreiros em Além Paraíba. Eu, pequeno, ficava ouvindo os batuques madrugada adentro.

Fui batizado na Igreja Católica de São Benedito, em Pilares. Beto e Deinha, que eram brancos, foram os meus padrinhos. A madrinha de consagração foi a tia Adélia (Dindinha), mulher negra, lavadeira de roupas e mãe do meu melhor amigo Eli. Foi a minha segunda mãe e me incentivou a fazer catequese, que acabei não concluindo.

Em casa, minha mãe se dizia católica, mas tinha várias crenças espíritas, fazia previsões e recebia informações do mundo dos mortos. Quando eu me sentia mal, ela me levava nas rezadeiras da comunidade –

Dona Celuta, Aurora e Dona Maria – que curavam desde espinhela caída, quebrantes, vento virado até osso quebrado, costurado com linha e agulha. Em outros momentos, ela ia ao culto evangélico, e eu ficava em meio àquela infinidade de crenças.

Recordo-me de que nos fundos da minha casa, onde morava o Sr. Djalma, tinha um culto evangélico, presidido pelo obreiro Marcos da Universal, e às vezes minha mãe me levava até lá. Eu gostava dos louvores, mas me assustava quando tinha a libertação, momento em que as pessoas eram libertas dos espíritos opressores.

Eu era uma criança que tinha vários sonhos e visões, não aceitava a história da morte e tinha vários medos com a noite. Eu compartilhava tudo isso com minha mãe, sempre próxima e atenciosa. Ela me ensinava que nós éramos médiuns de berço e que ela também tinha aqueles dons.

Cresci ouvindo histórias de feitiços, assombração, atuação de espíritos etc. Minha avó paterna, Florisbela, resolvia tudo com ervas e rezas. Era uma mulher negra misteriosa. Todos da família tinham respeito e medo dela. Eu gostava muito de ficar em sua companhia, pois me contava histórias e comprava algo para mim.

Como pode-se notar, eu convivi muito com meus familiares do interior do Rio e de Minas, e, com eles, nunca faltaram os contos de lobisomens, fantasmas e coisas ditas sobrenaturais. Mas com o passar do tempo eu me tornei uma criança bem introvertida, não tinha muitos amigos. Não jogava bola nem brincava com os outros meninos, me interessava por ler, escrever e desenhar. Eu sempre estava envolvido em histórias do sobrenatural, isso é que me chamava a atenção. Tinha

fascínio por filmes de terror e levava aquilo para o meu dia a dia.

Eu frequentava vários cultos evangélicos, motivado por minha mãe. Lembro-me da Dona Leci, que era a costureira da Assembleia de Deus e falava de Jesus para a gente. Como em toda favela, havia inúmeras igrejas evangélicas. Eu frequentava com medo de morrer e ir para o inferno.

Minha mãe, por trabalhar como diarista, passava grande parte do tempo fora de casa. Eu ficava na casa de vizinhos, e, de certa forma, fazia parte da história da família deles. Meu pai faleceu quando eu tinha sete anos. Ele havia feito uma viagem para Além Paraíba e passou mal, depois de três meses ao retornar para casa, enfartou. Eu nem cheguei a vê-lo com vida. Como sempre acontecia, também não pude vê-lo no velório e nem entrar no cemitério para o sepultamento. Lembro que, quando a minha avó materna faleceu, eu fiquei na porta do cemitério e também não pude entrar para acompanhar o funeral.

Com a morte do meu pai, comecei a ter "sonhos" que me eram muito reais. No primeiro Dia dos Pais após a sua morte, sonhei com ele: apareceu com o rosto inchado, algodão no nariz, cheiro de flores, e me dizia que não era mais como nós, humanos, e que sentia minha falta, mas não poderia ficar muito tempo comigo. Disse que a minha tristeza não o deixava seguir. Acordei assustado e chorando, minha mãe disse que era a forma que meu pai tinha de se comunicar comigo.

Eu e meu pai éramos muito ligados. No ano seguinte, novamente na época do Dia dos Pais, fui para a casa de uma vizinha na Baixada Fluminense. No meio da noite, sonhei com meu pai. Ele tinha uma expressão

tranquila, vestia branco e me deu vários conselhos. No terceiro ano, sonhei com ele outra vez. Disse que era uma despedida, que eu já tinha dez anos e seria capaz de me cuidar. Estava bonito e, mais uma vez, vestia branco. Depois disso, nunca mais sonhei com ele.

Cheguei à adolescência, sempre estudando muito. Comecei a trabalhar com 13 anos, no parquinho do Norte Shopping. Com 14, minha mãe me levou à União Fabril Exportadora e arrumou um emprego para mim. Eu era fichado como auxiliar de embalagem. Trabalhava como adulto e comecei a estudar à noite.

Foi nesse período que tive uma definição da minha vocação religiosa. Desenvolvi uma dor de cabeça crônica. Tinha crises constantes. Minha mãe tratou de me levar ao médico, mas nenhum conseguiu me dar um diagnóstico. Foi então que ela me levou à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), na Abolição. De início, eu não queria ir, pois pensava que eu teria de dar meu dinheiro. Mas dei ouvidos à minha mãe, que muito sofria com a minha dor.

Chegamos à igreja, era culto de cura e libertação. Aquela gritaria me deixou incomodado, no entanto, como a minha mãe havia dito, eu usei a fé, que, para mim, consistia em confiar em Deus. Depois da oração forte de libertação, houve o momento da oferta, de que não gostei muito. Em seguida, o pastor leu a bíblia e disse: "Deus está vivo e pode fazer o milagre em sua vida". Eu pensei: vou acreditar, quero ser curado.

O culto terminou, e eu e minha mãe fomos andando a pé para casa. No meio do caminho, minha mãe me falou uma coisa: "Claudio, você notou que não teve mais dor de cabeça?" No primeiro momento, fiquei assustado, mas, de fato, nunca mais tive dor de cabeça.

A partir daí, resolvi frequentar a IURD, passei a contribuir com dízimos e ofertas e aprendi a determinar, com Deus, o milagre. Me converti, me batizei, recebi o Espírito Santo. Evangelizava em hospitais, abrigos e na rua. Entrei para o grupo jovem, me tornei obreiro da igreja e trabalhei nas reuniões de libertação, atendendo pessoas que acreditavam estar sofrendo com feitiços de macumbaria. Orei por muita gente de terreiro e presenciei muita cura e milagres.

Eu era um obreiro muito dedicado à crença. Procurava viver uma vida separada, orava, jejuava e fazia votos com Deus. Fui chamado para ser pastor, mas resolvi continuar como obreiro, pois preferi terminar a faculdade.

Aos 17 anos, conheci a mãe do meu filho, que também era obreira. Nos casamos aos 19. Meu filho nasceu quando tínhamos 24 anos. Durante todo esse tempo me mantive na igreja, exercendo a obra de Deus. Nunca me decepcionei com a fé. Embora muito se fale da IURD, eu presenciei muitas pessoas felizes dentro da igreja.

Com o passar do tempo eu me desviei, fui aos poucos deixando de frequentar os cultos e comecei a conhecer as outras coisas do mundo. E, com isso, me separei e fui viver a vida. Comecei a beber cerveja, participar de shows e conhecer a noite do Rio.

Nesse meio-tempo, passei a ter algumas reações confusas. Em certos momentos, eu mudava de personalidade, sentia uma presença estranha que, às vezes, falava por mim. Isso ocorria em diversos lugares. Contei à minha mãe e ela disse que, estando fora da igreja, a espiritualidade acabaria se manifestando.

Após o falecimento da minha mãe, em 2008, fui levado a fazer um tratamento num terreiro de Umbanda. Cheguei desacordado e, após recobrar o juízo, reagi de forma agressiva. A entidade que estava em terra, Seu Exu Caveira, falou algo que me deixou paralisado: "Você passou grande parte da sua vida falando mal da gente, dizendo que fazíamos mal às pessoas... Mas agora você está aqui e vai trabalhar aqui, nesta casa de caridade".

A partir desse dia comecei a ter intuições, visões, sonhos... Passei a frequentar a Casa de Umbanda do Pai Joaquim de Angola, em Inhaúma. Coloquei roupa branca, e as entidades não tardaram a incorporar. Parecia que aquela prática já fazia parte da minha vida. Eu trabalhei com os Pretos-Velhos, Caboclos, Crianças, Exus e Pombagiras.

Voltando à minha mãe, ela sofria com insuficiência renal crônica e fazia hemodiálise três vezes por semana. Todas as vezes que ia visitá-la em casa, em Inhaúma, onde passei minha infância, eu chamava por ela, pois a porta estava sempre fechada. Confesso que tinha muito medo de que, um dia, ela não atendesse. No dia do seu falecimento, 23 de janeiro de 2008, eu comprei um carro e fui até a clínica, na Penha, para buscá-la. Chegando lá, recebi a triste notícia. Não consegui me despedir. Tive que providenciar o funeral, e o corpo foi para a capela em Inhaúma. Eu, que não me relacionava bem com a morte, passei a madrugada lá, sozinho. Durante toda a noite, espíritos me aconselharam e encorajaram. Eu estava tomado por uma sensação muito ruim e sentia um frio extremo. Até que um desses seres me incentivou a me aproximar do caixão. Quando vi minha mãe, não tive coragem de dizer nada. Apenas toquei nela, e tudo aquilo que eu sentia pareceu passar para ela. Saí dali em silêncio e voltei para casa

Exatamente três anos depois, tive um sonho com ela em sua casa. Eu a chamava e ela não respondia. Até que a porta se abriu e visualizei uma imagem triste e sofrida, ela não falava e demonstrava muita dor. Tive mais dois sonhos em períodos distintos. No seguinte, aquela imagem triste já estava em processo de paz, mas ainda não falava comigo. No último sonho, vi minha mãe bem magra, mas estava em paz, vestida de branco e com azeite na cabeça. Sem palavras, ela me revelou que estava em processo de transformação e já não sentia dor. Minha mãe está sempre em meus sonhos, orientando e mostrando caminhos.

Fui morar no Recreio dos Bandeirantes, tive comércio por lá e minha vida prosperou muito. Participava ativamente da comunidade do terreiro. No entanto, minha prosperidade havia despertado inveja. Passei por um período difícil: perdi bens, enfrentei uma depressão e precisei de acompanhamento psiquiátrico.

Larguei o centro de Umbanda e fiquei um ano sem frequentar lugar nenhum. Vivia em depressão e desempregado. Voltei para a Igreja Evangélica. Agora, não mais a Universal, e sim a Igreja Cristã Contemporânea. Voltei a ser evangélico, Ministro de Louvor e membro da igreja.

E por lá fiquei por sete anos. Mas, como em todo grupo humano, vivi alegrias e decepções. Fui me afastando, já mais fortalecido, e me convenci de que poderia estar em um ambiente que me fizesse bem. Desde então não oficializei mais uma única religião. Vou aonde meu coração pede: posso assistir a um culto ou tomar um passe em uma sessão espírita.

Meu irmão fez a passagem aos 42 anos. Eu não fui ao enterro e não estava presente quando faleceu. No

dia 12 de dezembro do ano passado, tive um sonho com ele: discutimos, ele me disse várias coisas e mostrou um menino, que eu deveria acolher. Acordei com uma aflição no peito e fui procurar documentos: era o aniversário do meu irmão, e eu nem lembrava da data. Liguei para o filho dele, meu sobrinho, que me contou que o neto do meu irmão havia nascido há algum tempo e que agora tinha sido diagnosticado com autismo.

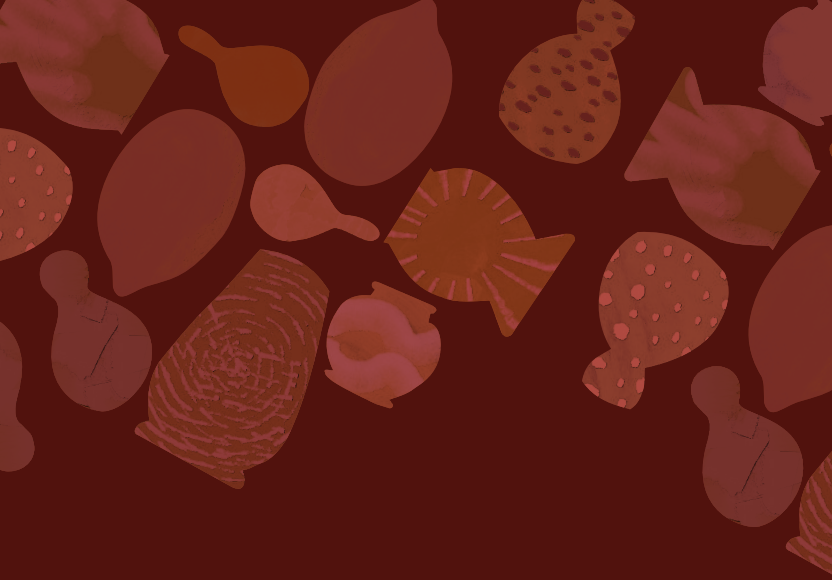
Em 2013, fiz o concurso para a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e passei para o cargo de Professor do Ensino Religioso Evangélico/Protestante. Mais uma vez, me vi na missão de trabalhar com a religiosidade genuína, combatendo a intolerância e o fundamentalismo.

Atualmente, sou doutorando do Programa de Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. Pesquiso as Irmandades dos Homens Pretos do século XVIII e escrevo sobre cultura e religiosidade africana, o que tem sido uma realização.

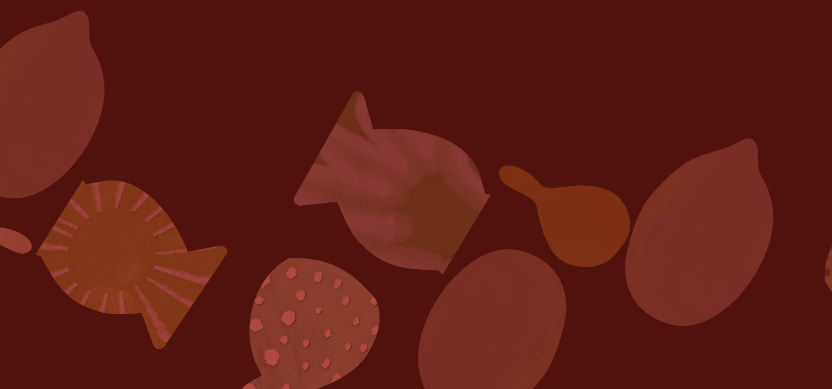
E, neste ano, tive o prazer de conhecer a formação Axé-Amém e poder compartilhar várias vivências com o sagrado. Encontrei pessoas maravilhosas e fiz novas amizades. Conheci a designação de "dupla pertença", com a qual me identifiquei plenamente. Nessa formação, pude refletir sobre os conceitos da religiosidade e do sagrado, me tornando uma pessoa melhor. Hoje, aprendi a respeitar e valorizar a força do Orixás, a intercessão dos Santos, a acreditar na Santíssima Trindade e em todas as forças do bem. Eu aprendi a transitar entre o Axé e o Amém, respeitando as particularidades e características de todas as manifestações religiosas. Vou à curimba, assisto um culto, uma missa, uma festa, e assim busco viver em equilíbrio com o transcendente.



Claudio Adão Santos Vitório é professor de Ensino Religioso no município do Rio de Janeiro e de Informática Educativa em Duque de Caxias. Doutorando em Humanidades, Cultura e Arte pela Unigranrio, é mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em História da Arte Sacra pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (FSB) e em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). É licenciado em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e graduado em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha) e em Ciências Contábeis pela UFF.



O Axé-Amém me ensinou que a espiritualidade pode ser ponte, e não barreira; que o evangelho não precisa se opor às tradições de matriz africana, mas pode dialogar, aprender e reconhecer a beleza de uma fé plural e multiforme.



As encruzilhadas de quem sou

Negra, mulher, periférica e cristã[1]

Emanuele Silva

Sempre acreditei que o evangelho tem relação direta com a família, não apenas a de sangue, mas aquela que se forma nos caminhos de fé. Pessoas que te fortalecem, que orientam, acolhem. Ao longo da minha caminhada encontrei amigos e fiz irmãos. Esse texto é um relato sobre existência, sobre trocas ao longo da vida. É sobre mim, sobre os outros, sobre religião e sobre fé.

Desde que me entendo por gente, sou cristã. Cresci dentro de diferentes doutrinas, todas pentecostais. A igreja sempre foi referência, e a Bíblia, durante muito tempo, o único jeito de enxergar o mundo que me era apresentado. Minha relação com as comunidades de fé foi, ao mesmo tempo, lugar de acolhimento e de socialização, mas também espaço de vigilância e controle. Minha crença em Deus sempre foi muito forte, mas, naquela época, era alimentada muito mais pelas experiências dos outros do que pelas minhas próprias.

Rompi com a igreja cedo, aos 13 ou 14 anos. Mais tarde, aos 18, retornei, um pouco mais ciente de mim, mas ainda cercada de crises de fé. Em 2018, no auge das eleições, rompi novamente. Não suportava aquele

1 Dedico este texto ao meu pastor, Joelmir Santos, a quem agradeço por acolher com tanto amor a minha individualidade e as minhas dificuldades, e por cuidar das minhas feridas. É um prazer estar nesta casa de amor liderada por você.

“evangelho de voto de cabresto”: racista, excludente, hierarquizado, distante do amor que eu acreditava existir em Deus.

Foi só em 2023, aos 26 anos, que retornei a uma comunidade de fé, mas dessa vez em uma posição diferente: mais firme, politicamente consciente, escolhendo o evangelho que quero seguir, ainda em processo de construção. No meio dessa busca por representatividade, encontrei o Movimento Negro Evangélico (MNE) e participei de uma das escolas de justiça racial. Fui atrás de um evangelho que me aproximasse de referências negras. Ali, no meio de pretos crentes, pude finalmente beber de uma água que era, ao mesmo tempo, memória, força e esperança.

Sempre me ensinaram um evangelho que cabia dentro de uma caixa, delimitado por fronteiras invisíveis, mas rígidas. Um evangelho que não me permitia habitar todos os lugares da minha existência, como se eu tivesse que escolher entre ser negra ou ser evangélica, entre lutar por justiça social ou me manter fiel a uma doutrina.

Mas meu corpo não cabe nessas divisões. Ele é território de fé e de luta. A minha pele carrega memórias que não se apagam, a minha voz ecoa cantos antigos e a minha fé insiste em se reinventar. Por isso, tenho buscado um evangelho decolonial, que não nega as encruzilhadas da minha identidade, mas que me permite habitá-las com inteireza.

Esse evangelho decolonial me faz ver Deus nos detalhes do cotidiano: no silêncio das lágrimas, no canto que nasce da dor, no abraço que sustenta a vida. Um Deus que se assenta ao lado dos oprimidos, que caminha conosco na rua, na marcha, na cozinha, na sala de

aula, na prisão. Um Deus que não se limita aos muros da igreja, mas se revela nas experiências de quem resiste e insiste em existir.

Agora, fortalecida, como Sankofa, eu volto ao passado para resgatar o que me foi negado: a liberdade de ser inteira, a possibilidade de celebrar Axé e Amém no mesmo respiro. Um evangelho decolonial não me obriga a escolher entre a minha ancestralidade e a minha fé, mas me lembra que ambas caminham comigo, me empurram para frente, me sustentam nas crises e me chamam à transformação.

Hoje, eu compreendo que o evangelho não é prisão, mas caminho. Não é silenciamento, mas voz. Não é negação, mas corpo que dança, ora e luta. Buscar um evangelho decolonial é buscar um Deus que habita na multiplicidade, que se faz multiforme, que se recusa a ser domesticado pelas estruturas coloniais.

Esse é o Deus que eu sigo: o Deus que cabe em mim, em nós, em todos os corpos que clamam por justiça. Um Deus que nos chama para a vida plena, que não teme nossas perguntas e se revela no ordinário.

No ISER, cheguei devagarinho, pisando em solo desconhecido, trazendo o evangelho como pertença e me colocando ao lado de pessoas que, todos os dias, são feridas e têm o seu sagrado marginalizado por pseudos evangélicos. Eu estava insegura, mas estar entre pessoas pretas nos fortalece, e as singularidades vão nos nutrindo e afirmando enquanto indivíduos.

No primeiro encontro do Axé-Amém, nos perguntaram o que estávamos trazendo para a formação, e a minha resposta foi imediata: inquietações! Foram elas

que nunca me deixaram conformar-me com o evangelho apresentado de forma limitante.

Essa formação me revelou, mais uma vez, o amor de Deus por mim em todos esses 28 anos e como esse amor traz cura para a minha alma. A oportunidade de estar ali e ouvir o Pastor Júlio foi uma das experiências mais marcantes. Escutar relatos tão próximos aos meus me permitiu, enfim, nomear todas as sensações de não pertencimento que me acompanharam por tanto tempo. Chorei, sorri e agradeci por poder estar ali. Obrigada, portanto, Pastor Júlio.

Participar do Axé-Amém foi um mergulho profundo em territórios de fé que sempre estiveram presentes, mas muitas vezes foram invisibilizados. Cheguei com o coração cheio de inquietações e perguntas que me acompanham há anos. Perguntas sobre pertencimento, sobre como habitar a fé sem precisar rasurar minha identidade, sobre como conciliar a minha trajetória evangélica com a minha negritude e ancestralidade.

O espaço da formação me acolheu como um sopro de vida. Encontrar outras pessoas negras, com histórias parecidas e dores tão familiares, me deu a certeza de que eu não estava sozinha. O Axé-Amém me ensinou que a espiritualidade pode ser ponte, e não barreira; que o evangelho não precisa se opor às tradições de matriz africana, mas pode dialogar, aprender e reconhecer a beleza de uma fé plural e multiforme.

Ao longo dos encontros, fui percebendo que um evangelho não se constrói apenas com teoria, mas com as práticas cotidianas de escuta, respeito, cuidado e partilha. Cada fala, cada olhar e cada memória compartilhada abriram em mim espaço para compreender que o sagrado não é propriedade de ninguém, mas experi-

ência coletiva, vivida de formas diversas e que devem ser igualmente legitimadas.

A experiência do Axé-Amém me deu liberdade. Liberdade para olhar para trás, reconhecer a dor do apagamento e, ao mesmo tempo, celebrar a resistência que me trouxe até aqui. Liberdade para afirmar que sou mulher negra, evangélica, conectada à minha ancestralidade e comprometida com a justiça social. Saio da formação com a convicção de que minha fé é caminho de transformação, e que Deus habita também nos cruzamentos, nas encruzilhadas e nos encontros que ousam romper com as lógicas egoístas excludentes.

Oro para que o evangelho se revele a todos no cuidado coletivo, tendo a justiça social como prática e na dignidade de vida como promessa viva. E que assim seja.

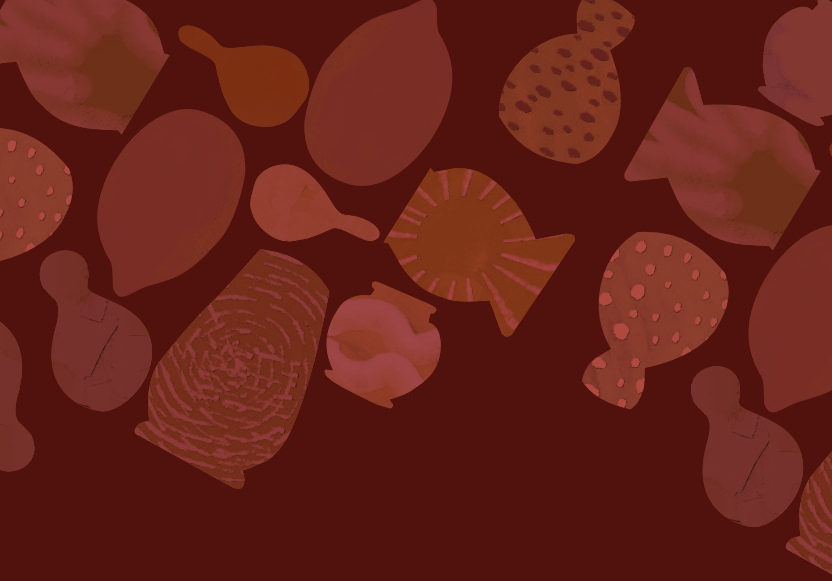
Fazei justiça ao pobre e ao órfão; justificai o aflito e o necessitado.

Livrai o oprimido e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios.

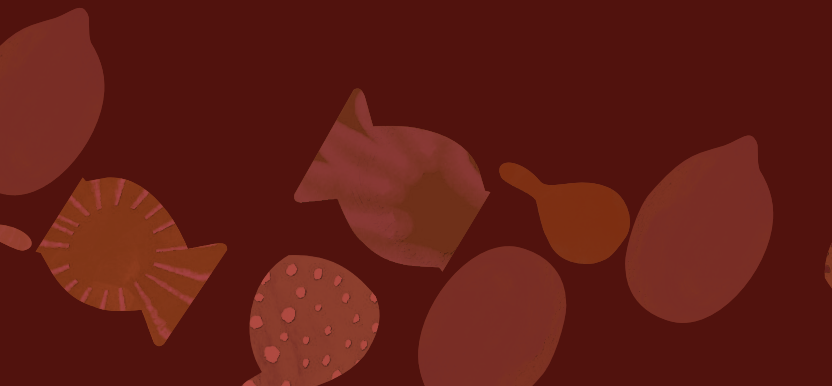
(Salmos 82: 3-4)



Emanuele Silva é mulher negra de 28 anos, da Baixada Fluminense, cristã. Filha, irmã, madrinha, amiga e pesquisadora. Emanuele Silva – Manu – é a dinda.



O Axé-Amém foi um espaço de construção de pontes, tendo como matéria-prima a nossa negritude, força motriz que nos une.



Os rios que habitam em mim

Everton Batista

Foi um rio que passou em minha vida
E meu coração se deixou levar

Paulinho da Viola

Todas as vezes em que pensei sobre o que escrever neste livro, essa música do grande sambista Paulinho da Viola sempre me vinha à mente. Talvez porque eu a considere uma alegoria interessante para pensar minha jornada religiosa, os caminhos percorridos e a forma como a religião sempre esteve presente em minha vida. Talvez também porque, sendo filho de Oxum, divindade ligada às águas doces, falar de um rio se torne ainda mais interessante nessa perspectiva.

Cresci em uma casa evangélica tradicional, em uma família completamente ligada à Assembleia de Deus. Meu bisavô, Valdemiro Batista, foi um dos dirigentes presentes na fundação da Assembleia de Deus em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Já o meu tio-avô, David Pacheco Batista, foi Vice-Presidente da Assembleia de Deus em Cosmos, outro campo denominacional da Zona Oeste. Nesse contexto, quem não era pastor, deveria ser presbítero, e as mulheres, diaconisas e trabalhadoras da igreja, cantavam nos cultos de domingo.

Foi nesse ambiente que cresci, imerso no pentecostalismo tradicional. Desde cedo, eu e meu irmão mais

novo, cantávamos e pregávamos no Ministério Infantil. Na adolescência, cantei nos grupos de adolescentes e no coral. Aos 17 anos mudei de igreja, saí da Assembleia de Deus e embarquei na onda de uma nova modalidade de igrejas que avançavam no território nacional. Passei a frequentar com amigos o Projeto Vida Nova, a Igreja da Cara de Leão, em Campo Grande. A igreja tinha uma roupagem jovem, seu pastor era o cantor Marcos Salles, conhecido por ser vocalista do grupo Quatro por Um. Nos cultos, eu me dedicava às atividades voltadas ao vocal da banda jovem e nas ministrações dos cultos de juventude.

Aos 19 anos, ingressei na faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ) e tive a oportunidade de vivenciar um "novo mundo" até então desconhecido. Pela primeira vez na vida, estava fora da bolha evangélica, conhecendo novas pessoas e experimentando participar dos diversos debates que tangem a vida universitária. No início, ainda permanecia na Igreja. Me dividia entre as aulas, ensaios da banda, cultos e um namoro cristão. Mas logo passei por uma fase conhecida por muitos jovens, o "desencantamento do mundo", para usar uma expressão weberiana associada por Peter Berger à angústia. Passei a perceber que as questões que antes norteavam minha vida já não faziam sentido.

Após algum tempo sem frequentar qualquer culto religioso, conheci aquela que se tornaria minha esposa. Na época, Sarah, criada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. também estava distante da igreja, "desviada", conforme o jargão evangélico. Namoramos, e quando Sarah retornou à Igreja Adventista, eu também passei a frequentá-la, fui rebatizado, e nos casamos. Sarah era líder de jovens e atuava em todos os setores da igreja. Eu,

além de ajudar com a juventude, lecionava na Escola Sabatina, liderava o Ministério de Liberdade Religiosa, e cantava nos cultos e programações. No entanto, após o casamento, entrei em um novo período de desencantamento.

Essa longa introdução sobre minha trajetória familiar e formação religiosa tem como intuito demonstrar como seria desafiador o que viria a seguir. Depois de mais três anos novamente sem frequentar nenhum culto religioso, me definindo como agnóstico, quase ateu, algo novo aconteceria.

Tudo começou quando Sarah passou a frequentar casas de Axé, principalmente templos de Umbanda. Em uma dessas visitas, em meados de março de 2024, decidi acompanhá-la. Naquele período, eu enfrentava dificuldades profissionais e, ao conversar com um Preto-Velho, Pai Benedito, tive meu primeiro contato direto com um guia espiritual. O templo de Umbanda era de uma linha mais próxima ao Espiritismo, sem atabaques ou pontos cantados. Pai Benedito me disse que eu estava prestes a mudar de emprego, mas que eu precisava cuidar da minha mente e das minhas inseguranças. O novo trabalho realmente aconteceu, mas eu não retornei à casa de Umbanda.

Sarah, no entanto, continuou a frequentar diversas casas e decidiu fazer um jogo de búzios. Descobriu sua ancestralidade e se tornou colaboradora do Templo de Umbanda Caminheiros da Luz (TUCAL), no Cachambi. Os convites para que eu a acompanhasse se tornaram cada vez mais frequentes, mas eu permanecia firme em minhas convicções de não ter crença. Em setembro de 2024, ela me convidou para uma Gira Cigana, que aconteceria no mês seguinte. Como ainda estava distante,

aceitei apenas para encerrar a conversa. No dia do evento, 12 de outubro, estava angustiado, com crises de ansiedade e triste, e, após alguma insistência, decidi ir. Ao falar com uma entidade cigana, senti minha energia renovada. Saí feliz por aquele momento e pela experiência religiosa. Era um contato ainda muito embrionário. E pude perceber como a construção familiar retorna e nos atravessa, mesmo quando nos enxergamos como "desconstruídos", pois ainda havia em mim o receio em frequentar e participar das religiosidades afro-brasileiras.

Em novembro, recebi um novo convite, dessa vez, para uma cerimônia de batismo do TUCAL, voltada aos médiuns do terreiro e aberta para membros e colaboradores da casa. O evento acontece todos os anos, sempre em 15 de novembro, data em que se comemora o Dia Nacional da Umbanda, junto ao feriado da Proclamação da República. E ocorre em um espaço especial: o Parque Ecológico dos Orixás, em Magé (RJ), um lugar marcado por imagens de orixás, árvores e cachoeiras.

Um pequeno parêntese espiritual: o convite foi feito com antecedência, e novamente minha resposta foi uma pronta negativa. Contudo, na véspera do evento, me senti bastante incomodado. Pensava em demasia na cerimônia, no Parque dos Orixás, com a sensação de que precisava estar naquela celebração. Perguntei à Sarah se ainda havia vaga no ônibus fretado pelo terreiro, e assim fui incluído no grupo. No dia do evento, ajudei na organização: carreguei alguidares, frutas, acompanhei até a cachoeira pessoas com dificuldades de locomoção. O trajeto até a última queda d'água, onde aconteceriam os batismos e oferendas, tinha cerca de cinco quilômetros a partir do local onde o ônibus estava estacionado.

Após a defumação, foi dado início ao trabalho espiritual. Os médiuns se organizaram para o batismo, macerando ervas, flores e elementos ligados ao seu orixá de Cabeça em uma bacia de metal. O líquido dessa mistura, que continha também água de cachoeira, era derramado sobre o Orí (cabeça) de cada médium. Os consulentes e convidados, entre os quais eu me encontrava, eram levados para consagrar uma guia (colar ritual) específica, ligada aos fundamentos da Umbanda e às suas sete linhas de trabalho. Após os batismos, os médiuns retornaram a um espaço coberto, para um gira de celebração aos boiadeiros e caboclos – guias espirituais ligados ao orixá Oxóssi, com atuação nas florestas e matas, em total sintonia com aquele ambiente do Parque. Todo este texto caminha para esse momento, um marco em minha vida religiosa.

Começam os toques dos tambores, junto à incorporação dos médiuns, e começo a sentir um leve incômodo. Algo que, até então, eu justificava mentalmente como parte da novidade dessa vivência. Nesse exato momento, a Mãe Pequena do TUCAL me chama para a roda onde os médiuns incorporavam Caboclos e Boiadeiros. Por um instante, achei que ela se dirigia à Sarah, mas era a mim que chamava. Quando adentrei o centro da roda, por um instante não via nem ouvia mais nada. Me concentrei apenas no atabaque, no ponto cantado que anunciava a chegada do Caboclo Sete Flechas no Congá, e na Mãe Pequena, que segurava minhas mãos. Era um misto de medo, êxtase e novidade diante de tudo aquilo. O corpo ficou mole, a visão turva, e, naquele instante, tive meu primeiro momento de incorporação. Foi algo inicial e breve, pois senti muito medo e, em minha mente, tentava me convencer de que tudo

não passava de uma consciência coletiva. “Não havia sobrenatural”, repetia para mim mesmo.

Naquele dia, voltei para casa pensando em cada detalhe do que havia vivido e em como conduzir toda a felicidade que sentia, essa sensação de completude. Tudo parecia fazer sentido. Desde então, já são dez meses como médium do TUCAL. Nesse meio-tempo, foi revelada minha ancestralidade, ligada a Oxóssi e Oxum, o que explica o fato de a espiritualidade ter se manifestado tão forte em mim naquele parque – lugar de mata, território de Oxóssi, e de águas doces, domínio de Oxum.

Neste ponto, volto a Paulinho da Viola e ao rio que passou em minha vida. Há pouco tempo li o livro O Exu que habita em mim, de Vagner Òkè[1], e uma frase me chamou a atenção: “Rio que esquece as nascentes não flui”. Novamente o rio, não era coincidência. Escrever este texto é um modo de não esquecer minha trajetória, de reconhecer os rios que formam nossas vidas. Como a Sankofa, minha primeira tatuagem, feita quando nem imaginava participar de uma religião afro-brasileira. Esse símbolo Adinkra, do povo Ashanti, representa a ideia de que sempre se pode retornar ao passado para transformar o presente e projetar o futuro. Assim, navego nessas águas de lembranças, construindo-me como individuo, negro e umbandista – alguém que, outrora, não se via como tal e era evangélico.

Foi nesse cenário que encontrei o Axé-Amém. Para quem já transitou entre os dois grupos religiosos, essa proposta surgiu como um descarrego. Para os evangélicos, o descarrego é um processo de libertação que

1 ÒKÈ, Vagner. *O Exu que habita em mim*. São Paulo: Planeta, 2024.

retira o peso das possessões do mal. Para as religiões de matrizes africanas, o descarrego (ebó) é parte de um processo de limpeza que também afasta as influências negativas. O Axé-Amém foi ambos: libertação e limpeza. Libertação dos gatilhos religiosos que, volta e meia, pesam sobre nós. Limpeza das pressões familiares que surgem ao romper com a religião ensinada desde a infância. E cura, para a solidão de quem luta de forma recorrente contra o racismo religioso, que sempre surge ao falarmos da religião que amamos.

O Axé-Amém foi um espaço de construção de pontes, tendo como matéria-prima a nossa negritude, força motriz que nos une. Para o antropólogo que sou, pensar a religião sempre foi concebê-la como esse grupo de pessoas entrelaçadas por um contexto cultural em comum. Mas, ao vivenciá-la, esse espaço passa a ser um catalisador de relações sociais, lugar onde escutamos os problemas dos irmãos de santo, terreno em que nos sentimos abraçados por algo maior.

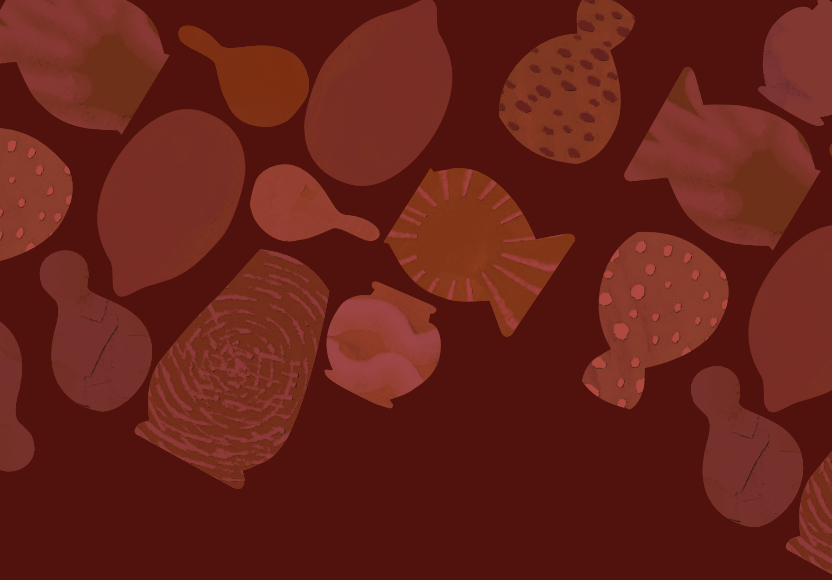
Chego ao final deste texto e imagino o futuro que planejo daqui para frente: os filhos que quero ter, a espiritualidade que pretendo exercer. Todos esses caminhos me fazem valorizar a necessidade de se criar espaços seguros para que possamos partilhar nossa fé. Em uma cidade como o Rio de Janeiro, onde atos de violência depredam terreiros, projetos como o Axé-Amém são como vozes que clamam no deserto. Logo, devem ser valorizados, assim como a construção que estamos a realizar.

Axé para quem é de Axé e Amém para quem é de Amém, ou ao contrário. Porque nossas religiosidades são pulsantes e se movem como um rio.

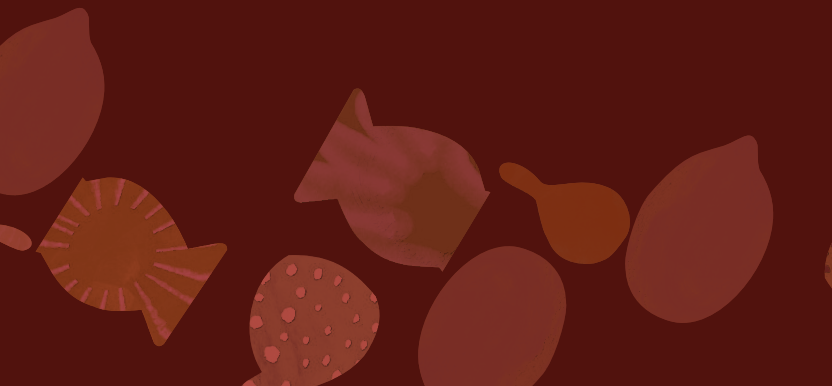


Everton Batista Teixeira é filho de Oxóssi e Oxum, e médium no Templo de Umbanda Caminheiros da Luz (TUCAL). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), desenvolve pesquisas nas áreas de Antropologia da Religião e Política, com atuação em territórios como Angola e Moçambique. Morador da Zona Norte do Rio de Janeiro, nasceu na Zona Oeste, em Paciência. É filho carnal de Andreia Batista Teixeira e filho espiritual de Mãe Kelly D'Ogum.





A profecia tem
a pele preta
como o jaspe.



O Sagrado que há em mim

Fabíola Oliveira

O céu estremece com o vigor.

O vento agita o mar, que se perde brando e se torna cólera.

Brisa que aguça sentidos.

Mágica que desperta ruídos.

Infinitudes rastejantes por entre folhas e arbustos – esconder-se da multidão! Estar só por entre gente.

É o corpo lânguido e formoso que circula por becos, vielas e nobres salões. É cheiro de vida e de morte que coexiste na mesma veia, vertiginoso correr de sangue.

É a brisa suave da manhã. Doçura que paira sobre as águas e refresca a pele endurecida pela secura da luta diária.

É o frio depois do calor. É a água depois da sede. O banho depois do amor.

É a sedução perambulante. A paixão cantante – não tem quem não se encante...

Sim não. Basta um tudo e mais um nada.

A folha que vira com o vento e que não precisa se explicar por isso.

É a razão sem ter razão. É o passo descompassado, coração desalinhado.

Angústia pela perda, pelo ganho, nua em pêlo.

É o estar na ausência.

É fogo que arde e que a carne sente!

É a mãe zelosa. A filha amorosa. A amante cheirosa.

Força da natureza em forma de mulher. Conectada ao Aiyê, pés fincados no chão.

Jequitibá!

Sente-se fogo, terra, água, mais ar!

É o rio em curso. A renovação plena. É a raiz em eterna mutação.

Opará e sua dança envolve os corpos numa trama de amor e guerra.

Profundo... Profundo...

O ar mudou, ficou mais denso...

Profundo profundo...

Amar é a vida da gente....

Profundo... Profundo...

As mágoas do peito, as angústias do leito a gente joga no fundo do mar...

Profundo... Profundo... Profundo...

O tempo abre em si um portal para uma dimensão profunda...

Fundo do peito é onde mora a dor da gente...

É água de mar que brota da alma, inunda os olhos e chora profundo...

É corpo que é oceano. É coração que é esteio. É seio frondoso que alimenta de Vida...

É sereia que encanta o sonho e nos faz pairar em águas claras... profundo...

É mar sereno, é sopro ameno, profundo...

É navegar de amor na dor. É ser todo alento! É ser a cura do lamento! É carregar em si

os mistérios das águas... profundo...

É cadência lenta, palavras que ecoam por sete cantos.

É afago... profundo...

Seu coração de oceano, tudo é imensidão!

Mãe da Conexão, tudo é junção!

Zelosa irmã, tudo é emoção!

Mar que embala calmos sonhos, doces fachos de luz. Sol que espanta o frio e água

que envolve em proteção...

É tormenta! É revolta! É temor!

Agita suas águas, implacável Força Mãe.

Desvenda mistérios, revela segredos, remove pedras dos caminhos e guarda nas profundezas o que faz mal.

É amor que se manifesta doce e suave.

É calor que queima e faz arder.

É um bailar por sobre as águas.

Refrescante sensação de alma lavada pelas águas profundas de Iemanjá...

Lá vem ela caminhando lentamente.

Com seu passo pesado que me faz chorar.

Olhar pra ela é encarar meu peito ardente.

Das dores duras que me faz um correr de águas rio abaixo, mar adentro, peito ardendo...

Seu manto roxo limpa minhas feridas.

Ela me toca e me envolve a alma.

Uma cantiga surge e sua voz doce e firme me põe pra dormir o sono dos cansados de tanta dor, Nanã... Mãe de quem é mãe!

Do lodo surge a velha caminhando.

De onde nada mais se esperava ela surgiu.

Cabelo branco, pele que carrega as marcas das tantas vidas vividas na re-existência.

As cicatrizes profundas... sim, o tempo lhe feriu implacável.

Entre o mistérios do fogo e do vento.

Na sofreguidão do pântano.

Do odor forte do desespero.

Da solidão do breu.

Surge arrastando suas mazelas.

Em suas mãos, a dicotomia do bem e do mal se torna rasa diante dos múltiplos e profundos afetos.

Em seu domínio, bem mais que a morte e a vida.

Em seu espírito, muito mais que a dor e a cura.

Seu tempo é outro.

As aflições pueris não castigam mais.

Meu pavor é seu conforto.

Nosso ardor é seu repouso.

Quem não envelhece não vive!

De lá, nada bom se esperava.

Da escassez, da falta, do desalento, só esperavam ausência.

Da pobreza, do abandono, da perseguição e do improvável, esperavam a frustração dos planos de um Deus bélico, conquistador e soberano.

Mas das entranhas do empobrecimento veio a profecia.

A profecia é o corpo que tocou as multidões, que abraçou prostitutas e que amou os dissidentes.

A profecia é o território à margem, explorado pelos poderes opressores e malvisto pela religiosidade opulenta.

A profecia é a ancestralidade africana, mágica, feiticeira, conectada com a multiplicidade de uma espiritualidade que é visceral.

A profecia veio do seio do povo, dos desqualificados pelo moralismo e se fez carne e sangue e caminhou, construindo sua re-existência para anunciar ideais de paz, alegria e justiça.

A profecia tem a pele preta como o jaspe.

Jesus Pombagira da Calunga, que afronta o sistema com sua gargalhada de insubordinação, bradando com seu corpo a libertação do cativeiro da morte e a possibilidade de viver livres da escravização da moralidade que só atende o interesse dos poderosos.

Jesus Preto-Velho, que cuida de um povo cansado e doente, que acolhe as dores da alma e do corpo e que sempre tem palavras de acalento e braços calorosos pro abraço.

Jesus Erê, que preenche os nossos corações melancólicos de alegria. Que nos ajuda a enxergar os recomeços e os novos caminhos com o olhar das crianças que acolhe o inédito e o novo.

Jesus Preto de Nazaré, que provocou a desmistificação do templo e que percorre pulsante, através da divina e dançante Ruah, soprando afetos de emancipação para o povo cativo pela religiosidade embranquecida que tenta matar nossa diversidade.

Mas, insurgiremos e, ainda que nos matem, ressuscitaremos como ele, porque pra nossa ancestralidade, a morte é recomeço!

É a terra.
É a água.
É o fogo.
É o ar.

É a rua e seu fluxo diário. Sem escapes, sem atalhos.

É a memória do que não se viveu. A saudade do que não passou.

É o movimento mágico do divino cotidiano no qual mergulhamos e nos reencontramos.

É um lá, é um cá, é um ibiri, um abebé, um Axé, um Amém.

É um som de um cantar que atrai pra si cores-dores-sabores-odores-amores.

É a vida que é tão forte aqui e tão frágil em si.

É o Tempo-tempo-tempo manipulando o sagrado que há em nós – que há em mim!



Fabíola Oliveira é mulher preta, mãe, seguidora de Jesus Preto de Nazaré e filha de Oxum. Educadora social, é idealizadora do programa educacional Odarah Cultura e Missão. Pastora na Comunidade Rizoma (RJ), atua também como articuladora de projetos na Casa Mãe Mulher.

Essa experiência me fez refletir sobre o racismo que atravessa nossa sociedade, que tantas vezes nos faz esquecer a divindade e a diversidade que existem em nós.

Deus não tem forma: está em todo lugar

Fabrício Malheiro

Sou da cidade de Pinheiral, no Vale do Paraíba, sul do estado do Rio de Janeiro. Um lugar cuja história tem sido apagada dia após dia. Desde que me entendo por gente – gente com alma e que não se submete facilmente – carrego um certo incômodo. Cresci em Três Poços, um bairro periférico, grande e profundo, onde as histórias e vivências fazem a gente duvidar que exista pouca coisa nessa Terra. O bairro onde nasci recebe esse nome por causa dos três únicos poços que abasteciam a região. A área, antes uma fazenda e depois colégio de padres, hoje abriga uma universidade privada. Até onde a oralidade alcança, minha família tem raízes na Bahia e no norte de Minas Gerais. Vieram para o Sudeste, como muitos outros, para trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda.

Fui criado pela parte materna da família, que sempre se orgulhou de dizer que era católica. Tínhamos um histórico de participação em ordens religiosas – vicentinos, jesuítas, missionários, romeiros (até hoje, membros da família viajam a cavalo até Aparecida do Norte-SP em determinada época do ano). Minha bisavó Maria, hoje com 91 anos, conta que o tataravô era maestro em uma igreja no norte de Minas. A igreja era o centro de tudo: organizava a semana, ditava o ritmo da vida. Minha bisavó chegou a se casar com um homem que nunca tinha visto antes. Aos 14 anos, mudou-se para Volta Redonda com meu bisavô João, que veio trabalhar na CSN.

Religião sempre foi coisa séria. “Olha, Fabrício, a nossa religião é que é a certa!” ou “Tem que ir à missa!”, “Tem que fazer o catecismo”, diziam. Mesmo os que não iam reforçavam a regra: “Se está ruim assim é porque não vai à missa. Tem que ir à missa!”.

Lembro que, com uns oito anos, vi uma entrevista da Ivete Sangalo. Ela foi criticada por ter recebido uma entidade de Umbanda no palco. Daquele episódio, o que me marcou não foi o julgamento, mas uma frase dita pela artista que ficou guardada dentro de mim: “Eu acredito em um Deus tão grande e maravilhoso que seria incapaz de ter um inimigo”. Como poderia Deus, tão imenso, criar um perdedor como filho? Isso mexeu comigo. Me apelou. Me abraçou. E eu deixei de acreditar no Diabo. A partir dali, me tornei a criança mais “pentelha” do catecismo. Passei a dizer para todo mundo que o Diabo não existia.

Esse pensamento mudou minha forma de ver o mundo. Minha avó sempre me dizia para respeitar a religião dos outros, mas ao mesmo tempo falava: “Esse pessoal do centro, não fica brincando com eles…” ou “Não pega doce na macumba, não!”. Mesmo assim, como uma boa criança, comi até o arroz de um trabalho feito na cachoeira. Não só comi, como também peguei as moedas antigas que estavam junto – sem valor, mas com muito significado.

Esses episódios me levaram a duvidar da existência do Diabo, mas, curiosamente, isso me ajudou a ter fé. Entendi que pessoas são boas ou ruins, e que o mal não é um ser com chifres. Isso me trouxe sanidade e bom senso.

Durante minha adolescência, circulei por igrejas católicas e protestantes. Gostava de ir à igreja protestante

– comer, cantar, ver gente. Mas também passei por momentos estranhos. Uma vez, numa igreja, disseram que "uma rasteira que alguém levou foi obra de um enviado do Capiroto". Outra vez, fui a uma missa de exorcismo na Canção Nova. Eu era um jovem preto de 16 anos do interior que gostava de fumar cannabis, e disseram que isso era uma influência demoníaca.

Minha rua era pequena, mas diante da grandeza do bairro – que é intermunicipal – se tornava esquecida pelas políticas públicas. Aconteciam muitas coisas ali: tragédias, violências. E o Diabo sempre era o culpado. Aos 18 anos, cansado da hipocrisia que via dos dois lados e sem me encaixar nas noções de pecado (especialmente enquanto adolescente com hormônios à flor da pele), comecei a pensar que talvez o pecado fosse só uma desculpa. E o arrependimento, uma forma barata de controle.

Foi então que resolvi ir a um terreiro. O convite veio de Sidnei Leandro, chamado Ukimi, seu nome sagrado (dijna). Saí de casa quieto, meio dividido, mentindo para minha família que estava indo para uma roda de rima. Ao chegar, fui recebido com um sorriso tão brilhante quanto a lua cheia que refletia no Rio Paraíba do Sul, que passa em frente ao terreiro. Dona Marlene me acolheu: "Fique à vontade. Assine seu nome. Pode bater palma, cantar, dançar. Espero que goste".

O primeiro impacto veio logo no início. Achei que ia começar com ponto cantado, mas veio versículo bíblico. O pai de santo, Pedro Paulo (Tateto Kavungesi), de quem eu acabaria me tornando filho espiritual, fez uma reflexão sobre união e humildade. Aquilo me pegou. Gente sorrindo, música boa, clima leve. Nesse dia tomei meu primeiro passe. Adorei os pontos, me

trouxeram sentimentos bons, tentei memorizar algum para levar comigo, mas ganhei uma outra coisa: boas memórias e afeto.

Na segunda parte da gira, depois do intervalo, os tambores começaram a tocar para Exu. Pensei comigo: "Agora que vou perguntar e desenrolar esse caô". Fui até o Exu das Sete Encruzilhadas para abraçá-lo. Pedi licença, e ele me disse: "Preste atenção nos pontos". De fato, as músicas traziam sempre uma dualidade: "Satanás no inferno, Jesus de Nazaré…", "Foi padre, rezou missa... na encruza é Satanás". Fiquei meio perdido, mas depois entenderia que esse imaginário da demonização havia sido ressignificado nos terreiros como uma forma de afirmação diante do racismo.

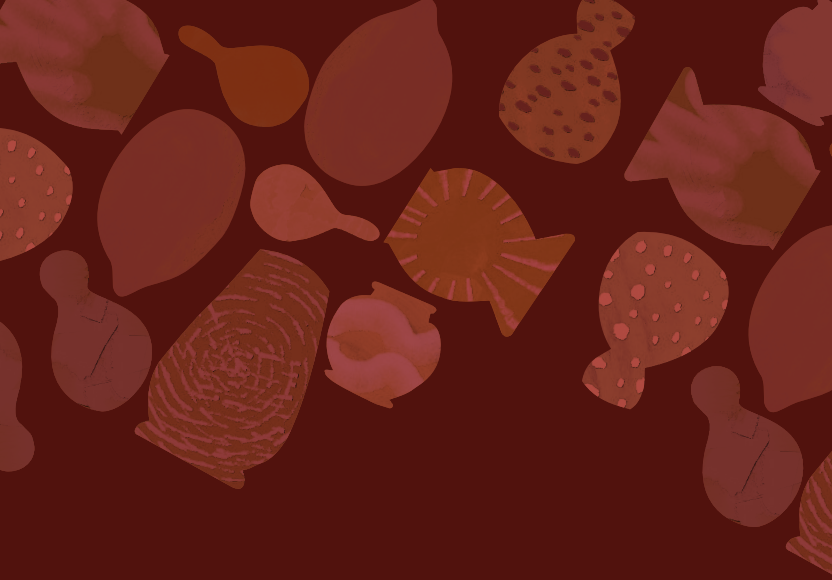
Eu estava preocupado com a hora de ir embora, e foi aí que a mãe do meu padrinho, que eu nem sabia que frequentava o terreiro, me ofereceu uma carona na volta para casa, permitindo que eu ficasse até o fim. No encerramento, a entidade dona da casa, Seu Tranca-Rua de Embaré, pediu que todos dessem as mãos e cantassem a sua música favorita. Começaram: "Como Zaqueu, eu quero subir…". Para a minha surpresa, entoaram um louvor cristão. Na hora, pensei: "Caramba! Parece pegadinha". Mas Seu Tranca-Rua explicou que, naquela música, Deus não tem forma. E repetia: "sou apenas um grão de areia". Meu coração saiu leve. E me identifiquei com aquela entidade tratada por muitos como o "Diabo", que falava sobre ética, honestidade, memória e a lei de causa e efeito.

Essa experiência me fez refletir sobre o racismo que atravessa nossa sociedade, que tantas vezes nos faz esquecer a divindade e a diversidade que existem em nós. O axé e o amém responderam a muitas das

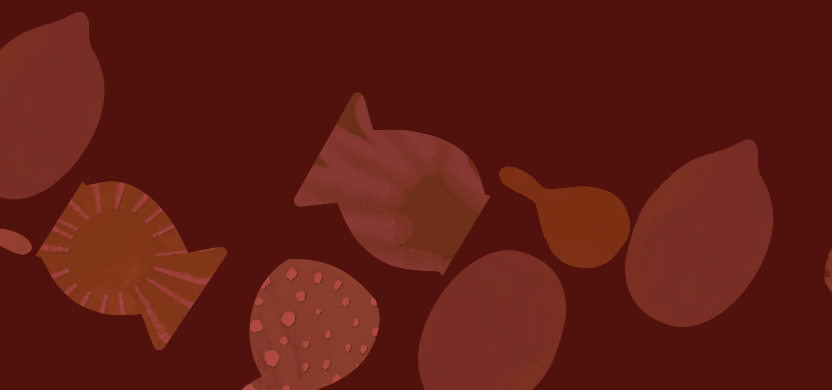
minhas perguntas e me libertaram daquele peso. São muitas questões, que atravessam famílias e exigem autoconhecimento e valorização, sem aceitar o pouco. Considero que essa vivência me tirou da ignorância e me fez compreender que, na "agricultura da vida", muitas forças influenciam o processo. No fim, uma consciência leve sempre será o verdadeiro salário das nossas intenções e atitudes.



Fabrício Malheiro é pai de Aroní e José Miguel, e filho de Kavunjesi. Nascido e criado no interior do Rio de Janeiro, na região Sul Fluminense, reside há 28 anos na Cidade do Jongo (Pinheiral). É graduando em Ciências Biológicas, bolsista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), membro do Projeto Muílo e acupunturista.



Quando penso em encontros entre nós, pessoas pretas, penso sempre que nossa força comunitária nos une muito mais do que as nomenclaturas que nos fizeram criar para as nossas histórias.



Construindo redes fortes em recusa à autonegação

Ifadayo Nda Kwa Ndeka (Natany Luiz)

Escrever sobre espiritualidade é uma tarefa difícil. Demorei muitos anos para aprender que a voz interna que falava comigo, que muitos chamam de intuição, era, na verdade, comunicação ancestral. Cresci nas barras dos oratórios da Igreja da Glória e da Catedral de São Sebastião, levada pela fé de minha mãe de que a reza do Pai Nosso e da Ave Maria podiam curar os males financeiros e matrimoniais. No entanto, nunca foi um lugar de conforto para mim. Sempre estranhei o espaço, não me sentia à vontade com aquelas rezas repetidas, palavras que não faziam sentido, vida que não mudava… Foram anos muito difíceis, principalmente após a separação dos meus pais. Meu pai nunca foi muito afeito à igreja, fosse ela católica ou evangélica. Acho que para ele também nunca fez muito sentido ouvir sermões que não se conectavam à sua vida cotidiana. O dinheiro continuava a faltar, as brigas insistiam em acontecer. Minha mãe me criou falando que não podíamos confiar em ninguém, que não tínhamos ninguém para nos apoiar além de umas às outras – eu, ela e minha irmã.

No entanto, quando cheguei ao terreiro e fui vendo o dia a dia, a dinâmica, vi que havia muito – e até muito mais do que via na igreja – sobre apoio, cuidado, comunhão e sentimento de família. A primeira coisa que o terreiro me proporcionou, foi acolhimento. Quando descobri que estava grávida de meu primeiro filho, foi

no terreiro que encontrei um lar para morar e um espaço para início de uma nova história de vida.

Durante a formação Axé-Amém, ouvi muitas histórias sobre como o tempo que as famílias negras passavam nos cultos de matriz africana era visto como um tempo de ausência. Ausências múltiplas, mas principalmente financeiras. A falta de comida, recursos, acesso, era associada à espiritualidade. Espiritualidade essa que, quando investigada conceitualmente, apresenta diversos elementos da natureza como fundamentais para a existência e criação da vida. Que celebra divindades cultivadoras da terra e do seu ciclo. O plantio, a aração, a colheita e o florescer, todos os elementos que o compõem, todos esses são celebrados em nossos cultos. Como é, então, que a escassez pode ser vista como adjacente à história e ao culto africano?

O culto tradicional yorubá – o Ifá – ensina que, quando alguém tem problema de escassez, doença ou infelicidade, deve procurar o babalawo, sacerdote que irá lhe orientar sobre os rituais necessários para reestabelecer o equilíbrio de sua vida. Em Owonrin Odi, odu Ifá, há diversos versos que falam de uma mulher incapaz de gerar filhos e de como, ao ofertar a Ifá devidamente, sua infertilidade foi extinta e sua prosperidade estava restabelecida. Como uma dinâmica cultural que enxerga a vida como caminho-chave para a prosperidade pode ser vista como aquela que abriga a escassez, a pobreza e a ausência?

À espiritualidade foi conferido e manipulado um discurso de responsabilização sobre o problema da falta de ação governamental no pós-abolição, que jogou de volta todas as pessoas negras da sociedade brasileira num novo tumbeiro. A inexistência de políticas

públicas, de socialização adequada, de distribuição de terras, remonta ao discurso de que nós, pessoas pretas, vivemos na pobreza, nas ausências, no terror social, porque nosso povo foi amaldiçoado por Noé. Somos condenados a sermos eternamente servos, no modelo da escravização, pois assim diz a narrativa bíblica que sustenta nossa hostilização social. Dessa forma, se o Deus em que creio diz que meu destino é ser servo, por que lutar ou exigir mudanças?

O que me fez querer estar no Axé-Amém foi a curiosidade e o sentimento certeiro de que tínhamos muito mais a contribuir em conjunto do que separados. Se há algo que me é certo é que a raça é um fator primário na nossa experiência como pessoas, inclusive vivenciando a espiritualidade. Não há como reter o desejo enérgico da manifestação religiosa, seja ela qual for, porque em nós mora o júbilo de uma ancestralidade, que aprendeu a se manifestar de diversas formas num novo contexto social.

Outra certeza latente, que ficou óbvia no primeiro encontro com a irmã Andressa e sua explanação sobre sua vivência, é a de que nós, pessoas pretas, encontramos no seio comunitário o apoio, acalento e carinho que muitas vezes transformam nossas vidas, nos retiram do desengano, da pobreza e fome extremas, da falta de direção na vida. Foi tanto no terreiro quanto na igreja que encontrei esse apoio, muitas vezes em momento de fome e incerteza, para ter forças de seguir em frente e poder desvelar novos caminhos. Foi meu pai, Taata Nkisi Lêmba Dyala, que me conhecia há menos de seis meses, que me deu um teto, sem questionar valores, contribuições, sem pensar se eu estaria ainda na comunidade quando minha vida voltasse a se equi-

librar. E essa prática de meu pai só é possível porque a ancestralidade e o respeito a ela existem.

Meu pai sempre que pode nos conta histórias sobre seu avô, Taata Nkisi Biolê de Nkosi, de quem é herdeiro de sacerdócio. E ele repete, inúmeras vezes, que o espaço da roça de santo sempre abrigou pessoas sem moradia ou com dificuldades momentâneas de vida. Inclusive, que o Caboclo Boiadeiro da Aldeia de Jequiriçá, caboclo de Taata Biolê, retirava arroz, feijão, tíquetes de ônibus de uso da família para acolher aqueles que buscavam ajuda. Por isso, quando penso em encontros entre nós, pessoas pretas, penso sempre que nossa força comunitária nos une muito mais do que as nomenclaturas que nos fizeram criar para as nossas histórias.

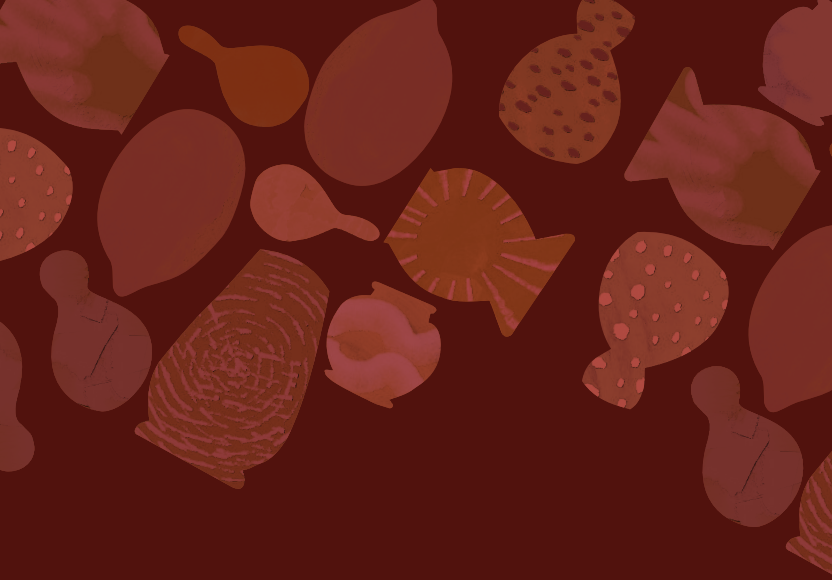
Para mim, é muito difícil aceitar que há sentido num Deus e numa história que sabemos ter sido escrita e sustentada por muitos homens que a articularam em prol de uma narrativa de poder e dominação. É difícil entender como uma história que levou ao sequestro, ao apagamento e ao genocídio continua fazendo sentido para uma luta por autoidentificação – a luta por um símbolo de um Deus Negro que se pareça comigo. Por que buscar em outra história e em outro referencial cultural algo que já existe no ethos do meu povo?

É muito satisfatório encontrar inúmeras referências, mesmo do lugar em que habito, de que a minha história começou a ser construída no continente africano, e que aqueles deuses da gênese da minha família continuam respondendo e cuidando de mim. Mesmo sem poder saber exatamente de onde vim, quem foram meus bisavós e qual a raiz de minha família, os Deuses africanos estão a cuidar de mim.

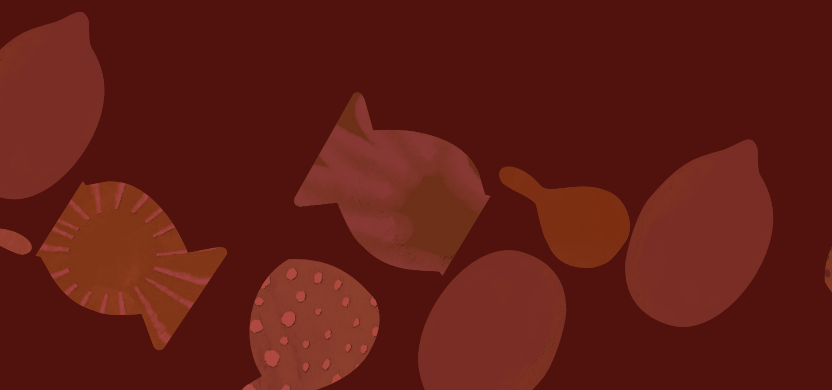
O encontro coletivo com os irmãos do Axé-Amém ficou longe de prover respostas para essas perguntas, mas foi fundamental em promover uma ideia que me era familiar e presente quando refletia sobre a interação com pessoas cristãs negras. Não importa a denominação: é direito de toda pessoa negra remover toda demonização que foi criada sobre a história africana, porque deles também é direito aprender sobre os Deuses, cultura, hábitos e narrativas de seu povo. Se a escravização nos fez dar voltas ao esquecimento, que tenhamos em mentes e em mãos que é nosso direito e dever buscar saber como as divindades de nossa cultura podem nos fazer retornar ao autoconhecimento, à autoafirmação e à construção de uma comunidade negra que se quer maior que qualquer manipulação ou redução de sua própria História.



Ifadayo Nda Kwa Ndeka (Natany Luiz) é materna Nkembo e Bakala. Internacionalista de formação, é Makota Mbakisi do Terreiro Muna Nzo Kongo Dya Mayala Mavuemba Nkôsi Biolê, localizado em Vaz Lobo, e Apetebi Ifá da Ijo Egbe Ifá Iwori Meji. Trabalha com diversidade, encarceramento feminino, masculinidades, negócios de impacto social e combate à violência de gênero.



Nem sempre é preciso viver na pele a mesma experiência, mas é necessário, de algum modo, se aproximar e vivenciar a história e as dores do outro.



A travessia da fé compartilhada[1]

Igor Almeida

OKÁN RIRAN JU OJÚ LO
(O coração pode ver muito mais
profundamente do que os olhos)

Sair da minha zona de conforto e da vivência religiosa significou vivenciar as quebras de tabus do conhecimento inter-religioso, especialmente em relação ao protestantismo. Ao chegar no ISER, estava armado na minha fé, prontíssimo para um combate. Aff! As marcas e dores do passado, deixadas pelos intolerantes que encontrei pelo caminho, estavam comigo como uma autodefesa. Mas, subitamente, fui recebido com amor, apesar do medo e das expectativas que transbordavam ao meu redor. Foi nesse momento que sementes começaram a ser plantadas em mim, sementes de mudanças, de um novo conhecimento, de uma nova construção de valores e de um respeito construtivo. Estar no Axé-Amém trouxe tantas mudanças e, principalmente, a desconstrução do meu Eu, dando lugar a um novo ser. Em cada encontro surgiram novas descobertas do outro, novas experiências, lembranças familiares, de vivências cotidianas, da construção do dia a dia no meu próprio Axé.

1 Quero agradecer, em especial, ao meu amigo Ogã Wilton Marques, que me apresentou ao ISER e me incentivou a realizar a inscrição para esta experiência transformadora, um verdadeiro divisor de águas em minha trajetória pessoal e religiosa.

Na comunidade onde vivo, conhecida como Antares, em Santa Cruz, as pessoas são muito ligadas às suas religiões. Há igrejas católicas, evangélicas, terreiros de Candomblé e de Umbanda, e cada grupo vivencia o seu espaço. Isso, no entanto, sempre me incomodou, pois muitas vezes a comunidade precisa de um acolhimento total, coletivo, e vejo que cada um tenta fazer a sua parte, mas não fazem em conjunto. Nessa busca por maior união e pelo entendimento da liberdade de conviver uns com os outros e de respeitar o espaço do outro, encontrei no Axé-Amém uma oportunidade de participação. Busquei conhecimento para quebrar barreiras e quebrar paradigmas, conhecer novas pessoas, entender a vivência para que eu possa também testemunhar aquilo que não conheço, pois, assim, acredito que poderei somar na minha comunidade. É muito bom poder dizer "eu te entendo", tendo consciência e sensibilidade sobre o que o outro está passando. Nem sempre é preciso viver na pele a mesma experiência, mas é necessário, de algum modo, se aproximar e vivenciar a história e as dores do outro.

Em um dos encontros da formação, me deparei com um novo termo que até hoje me representa: dupla pertença. Hoje me vejo nessa vivência. Guardo no coração cada relato, cada história e experiência transmitida. Uma vez ouvi um participante da formação relatar que sua mãe fazia um grupo de oração no quintal de casa e que, ao vê-la fazer tal ato, o associou ao de uma rezadeira. Na verdade, nada mais era do que um momento de acolhimento a quem ali chegasse precisando de ajuda. Logo me emocionei, pois me lembrou a vivência que tive no decorrer da minha vida, principalmente na infância, com a minha vó, que foi uma grande rezadeira.

Outro dia, após todas as experiências vividas durante a formação, me vi em passos de quebrar barreiras. Na mesma rua em que tenho a minha casa de Axé, tem uma Igreja Evangélica. Todas as quartas-feiras eles realizam um culto de Ação de Graças e, no final, servem um angu muito cheiroso. Sempre passo por lá, olho, e as pessoas me veem, apontam, cochicham, comentam… Na última semana, quebrei esse paradigma. Me arrumei, coloquei um pano de cabeça e fui ao culto. Sentei no último banco. Todos ficaram me olhando, querendo entender o que estava acontecendo. Eu, aparentemente muito tranquilo, mas com o coração apreensivo, fiquei sorrindo o tempo todo. Ao final, fui até o pastor, agradeci pelo culto e falei: "Vim aqui ter uma nova experiência". Não comi o angu (não sou fã, kkk), mas vi que todos ali se impactaram com a minha presença. Por alguns minutos, me tornei membro daquela comunidade, e tive a oportunidade de convidá-los a conhecer um pouco da minha crença. Hoje, ao passar todos os dias diante da igreja, sou cumprimentado. O nosso diálogo se ampliou, porque conseguimos entender ou, pelo menos, conseguimos vivenciar que o outro também pode estar ao nosso lado, seja por um alimento, seja por um momento de fé ou simplesmente pelo fato de estar ali, em busca de descobertas. Gostei muito de estar ali.

Vivenciar essa experiência me fez notar que, muitas vezes, eu mesmo era intolerante comigo. Me fez ver que poderia partir de mim a iniciativa de mudança e, assim, mostrar ao outro que podemos conviver, construir, evangelizar, cultuar a fé e, principalmente, ajudar a quem precisa. A formação Axé-Amém me construiu como um novo ser, sem perder minhas raízes e, melhor

ainda, podendo enaltecer a história de cada povo preto que aqui chegou e escreveu uma história de fé e de luta.

Ao decorrer dessa experiência que o ISER nos proporcionou, pude edificar a minha fé, construir um novo legado do ser que hoje sou e, acima de tudo, vivenciar através dos irmãos as suas dificuldades e anseios. Descobri também que somos frágeis em nossa fé e que buscamos todos, independente da crença, uma única união, uma única oportunidade de ser nós mesmos. Percebi que todos ali, naquele espaço, tínhamos o mesmo anseio e os mesmos medos: medo do confronto, medo do combate, medo de desvalorizar aquilo que trazíamos como semente, que era a nossa fé. No entanto, durante os encontros, aprendemos que essa semente deveria ser plantada junto com todas as outras, e que, assim, formaríamos uma única árvore com vários galhos e ramos, folhas e frutos, diferentes, mas capazes de alimentar a todos. Isso nos fez relembrar o quanto é importante viver em união, amar o próximo e construir juntos.

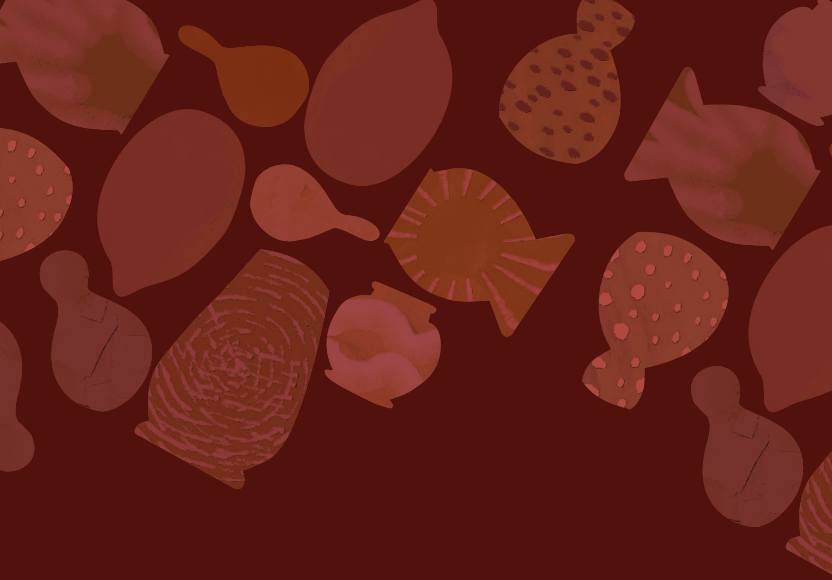
Foram muitas as experiências compartilhadas, que nos fizeram compreender a necessidade de acolher e vivenciar a fé do próximo e, assim, ter mais clareza sobre como construir os nossos alicerces de fé, embebidos por todo aquele bálsamo de conhecimento que nos foi transmitido. Acima de tudo, aprendemos a valorizar que o negro constrói uma nação, ergue um alicerce religioso e, desde os primórdios, luta e reluta para vivenciar a sua fé. Em qualquer espaço e em qualquer campo, o negro cria meios e caminhos para não deixar de amar, louvar o seu sagrado e se colocar de joelhos em oração

Todas as vivências que experimentamos – encontros, lanches, celebrações, passeios, trocas e dinâmicas – me fazem pensar sobre o quanto esse espaço precisa crescer e se tornar multiplicador, e sobre o quanto nós temos a responsabilidade de ser multiplicadores em cada comunidade, dentro da nossa sociedade, para que o outro compreenda o valor e o amor ao próximo. Foram construções grandiosas as que surgiram aqui. No entanto, precisamos entender que é necessário avançar: quebrar barreiras, pular obstáculos, pisar nas pedras dos caminhos sombrios, mas sem deixar para trás nossas características, nossa fé e nossa luta.

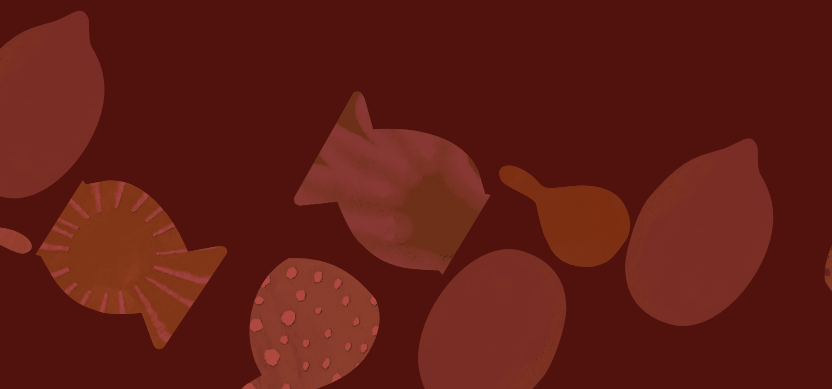
É preciso difundir a força da nossa ancestralidade e, assim, marcar nessas estradas as nossas pegadas como legados de conduta e de transformação. Esses exemplos se tornarão um todo, justamente pelos caminhos vividos, legados de vida, que deixarão às futuras gerações a grande lição de que devemos saber e viver o Axé e, sempre, dar glória ao Amém.



Igor Almeida é homem negro, gay, oriundo de comunidade de favela e fruto da periferia. Tem 42 anos de idade e 21 anos de iniciado para o orixá Oxaguian. Babalorixá, é responsável pelo Ilé Asé Eyije Fum Fum, localizado no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro.



Cada cristão decide, conforme sua consciência e convicção, em qual mesa irá sentar-se. A única mesa que devemos recusar com veemência é a da intolerância e do desrespeito.



Nossa maior revolução é sentar à mesa

Isabel Braga

Decidi participar da formação Axé-Amém por entender a importância do diálogo como possível caminho para mitigar a intolerância religiosa sofrida por grupos não cristãos. Como pessoa negra, percebi, ao longo da formação, que muitas experiências da minha infância foram atravessadas pelo que hoje compreendo como racismo religioso, o que reforça um pensamento que ainda estou desenvolvendo sobre a questão da raça nos alcançar antes de qualquer outra intersecção social.

Sou nascida e criada na Igreja Evangélica Protestante. Meu pai é católico não praticante, e minha mãe, Dona Valdete, converteu-se ao Cristianismo nos anos 1990. Antes disso, ela era adepta da Umbanda, uma história sobre a qual sei muito pouco, pois ela não gosta de falar; é quase um assunto proibido. Ainda assim, sempre nos ensinou, a mim e aos meus irmãos, a respeitar a fé e as práticas dos outros, e orientando-nos a jamais mexer em oferendas ou desrespeitar pessoas que estivessem em suas obrigações, vestidas de branco.

O desafio de fazer um relato pessoal envolve mexer em dores tratadas e resolvidas, mas também atravessar lembranças que, consciente ou inconscientemente, escolhemos esquecer. Além de vivenciarmos a exclusão e o racismo, nós, pessoas negras, ainda precisamos articular o modo de dizer, traduzir e exemplificar a dor, correndo o risco de sermos taxadas de “mimizentas”.

A alienação acaba parecendo ser a escolha mais econômica e lucrativa em uma sociedade que insiste em negar o racismo antinegro que salta aos olhos de todos, o tempo inteiro.

Ser uma pessoa cristã não nos isenta de passar por situações embaraçosas e racistas dentro da igreja, independentemente da denominação. Por decisão própria, fui batizada aos onze anos em uma igreja Batista tradicional, e lembro de alguns hinos e imagens que afirmavam que a "África" (sim, como um país, não como o continente imenso que é) era pobre por causa da adoração a deuses pagãos. Eu acreditava, assim como muitas pessoas devem ainda acreditar, que se os povos africanos se convertessem ao Cristianismo, a miséria acabaria.

Lembro que, em 2006, quando cursava o Normal, chegavam rumores da recém-aprovada Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana. Foi um alarde, pois as pessoas diziam que estudávamos "macumba" na escola. Eu, que sempre tive muita curiosidade sobre a história do povo negro, oscilava entre alegria e medo. Na prática, porém, tivemos algo muito superficial. Só na universidade tive acesso a textos mais profundos e pude compreender que a pobreza do continente africano não era por causa de magia.

Mesmo jamais tendo professado outra fé além do Cristianismo, fui alvo do racismo religioso, em sua face mais cruel e dura, vinda de filhos de pessoas cristãs. Minha mãe trabalhava como faxineira e, certa vez, ganhou umas pulseiras de miçangas da patroa. Certamente não tinham cunho religioso, pois, caso tivessem, Dona Valdete não permitiria que eu as usasse. Pois bem, fui à

escola feliz com meus novos adereços e ganhei o apelido de "macumbeira". Eu devia ter uns oito anos. Fiquei incomodada e magoada com o apelido, que me acompanhou até o final do ensino fundamental.

Ser chamada de forma pejorativa de macumbeira me doía nos ossos, gelava a espinha, secava a boca, trazia dor e desconforto por ser acusada de algo que eu não era e nem conhecia. É impossível se defender de algo que não se compreende, ou quando o conhecimento que se tem é enviesado. Se naquela época eu não conseguia elaborar uma defesa além da autoproteção, atualmente posso finalmente fazê-la, não somente para que outras crianças não passem pelo que passei, mas, sobretudo, para que os adeptos de religiões de matriz africana sejam respeitados em sua crença. E aqui falo especificamente com meus irmãos cristãos.

O desejo de cumprir o IDE ("Ide e pregai o Evangelho"), que é o que acreditamos, não deve ser feito de qualquer maneira, ofendendo, invadindo, quebrando espaços que não nos pertencem e atacando indiscriminadamente o outro; não há nada na Bíblia que nos autorize ou incentive a fazer isso. Vandalizar o sagrado alheio não condiz com o amor que devemos ao nosso próximo. Nossa obrigação enquanto cristãos é amar o nosso próximo como a nós mesmos. Como pessoas cristãs que têm a Bíblia como manual de fé e prática, e que pertencem a denominações específicas nas quais escolhemos atuar, é natural que existam discordâncias entre nós. Somos diversos e divergentes na interpretação do que consideramos nosso livro sagrado e na maneira de cultuar o nosso Deus.

O diálogo com pessoas negras que professam a fé de forma diferente da minha encontrou eco na dor, no

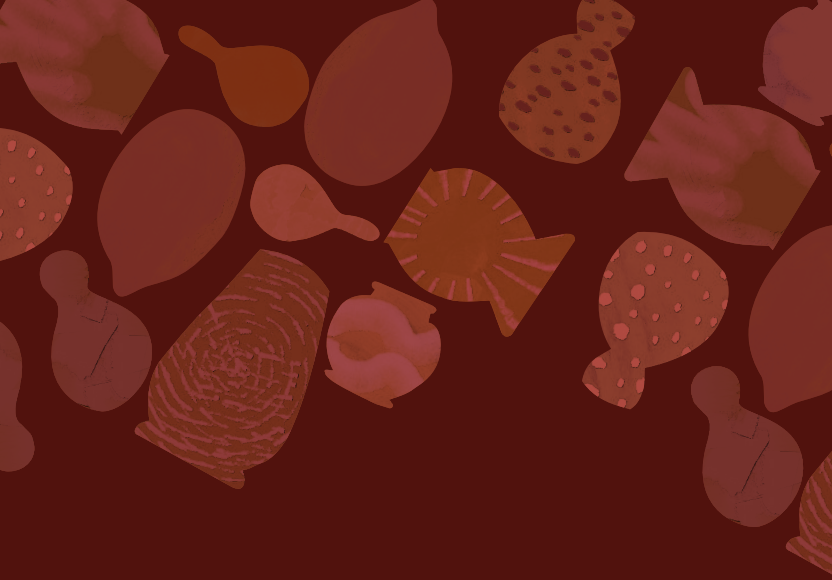
incômodo. Eu entendo, a partir da minha própria experiência, que o outro deve ter o direito de existir sem ser violado, sem ser questionado, sem sofrer escárnio. A formação Axé-Amém trouxe, entre outras coisas, muitos confrontos e questionamentos pessoais. No geral, os diálogos foram muito carregados de reticências, talvez pelo medo de falar e ser mal interpretado. Nunca é fácil, nem simples, colocar-se à prova, em evidência, ainda mais em um tema tão sensível que é a fé. Quando cremos em algo e fazemos parte de alguma instituição, sabemos que nossa fala tem um peso a mais e, como pessoas de fé, nossas ações sempre têm consequências, Não somos guiados apenas por nossas vontades.

Como a Carol sempre nos dizia, tanto crente como macumbeiro gostam de comer. Ao contrário do que muitos falam, a Bíblia não nos traz restrições quanto ao ato de comer. Pelo contrário, temos a recomendação de comer e beber sempre para a glória de Deus (1 CO 10:31). Logo, cada cristão decide, de acordo com sua consciência e sua convicção, em qual mesa irá sentar-se. A única mesa que devemos recusar com veemência, porém, é a da intolerância e do desrespeito.

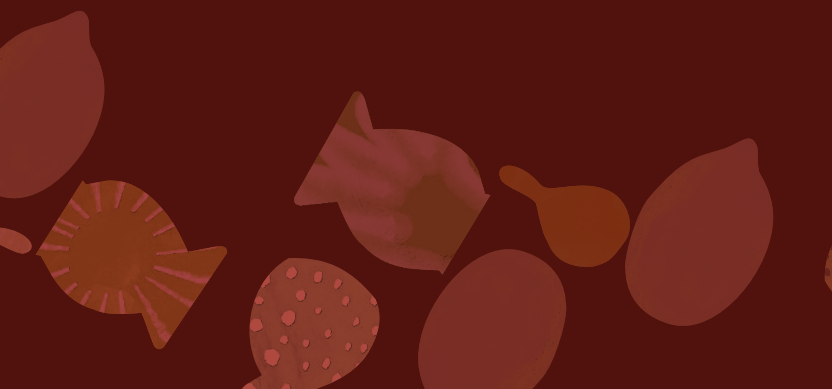


Isabel Braga é cristã protestante. Graduada em Letras/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).





Essa é a espiritualidade que hoje me move: uma fé que se alimenta do diálogo, que aprende com o outro, que se reconhece no espelho da diferença.



A fé vista pelo espelho da diferença

Júlio Oliveira

Sou uma pessoa que viveu uma experiência religiosa, o que o movimento evangélico costuma chamar de conversão, mas que eu entendo de outra maneira. Para mim, foi uma experiência espiritual, vivida há uns cinquenta anos, mais ou menos, numa igreja evangélica. Foi na Igreja Batista 22 de Novembro, no Fonseca, em Niterói, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Depois de ouvir uma reflexão feita por um pastor sobre quem era Jesus, fiquei fascinado por aquela figura e pela experiência que ele contou. Entendi que aquilo faria algum sentido para mim um dia.

Sou fruto de uma família tradicionalmente ligada ao protestantismo histórico: avós maternos e paternos, e meu próprio pai. Mas meu pai também era um homem das religiões de matriz africana. Então, vivi essa experiência dupla. Às vezes, ou quase sempre, na parte da manhã, eu estava na escola dominical, no culto, na Igreja Batista, e à noite estava com meu pai em algum terreiro, eu e meus irmãos. Somava-se a isso o fato de meu pai ser também seresteiro. Disputava festivais, tocava na noite com Nelson Gonçalves, com Orlando Silva e outros.

Com essas vivências, nunca tive problema, por exemplo, em pegar um doce de Cosme e Damião. Mas uma experiência, em especial, foi muito marcante. Eu estava na casa da minha avó, na Alameda, em Niterói, num lugar chamado Buraco do Juca. Da casa da minha avó dava para ver a casa de uma senhora, cercada de

madeira. Ela tinha uma frutinha, chamavam de mariana, que eu gostava muito de pegar, porque era docinha. Um dia, fui pegar a frutinha, e a senhora, de quem o povo dizia que era uma bruxa, falou assim:

— Menino, você vai morrer.

Lembro que fiquei três meses numa espécie de coma. Não falava, não abria a boca. A família se uniu num processo de oração. Eu escutava, meio distante, as vozes, e o meu pai, num dado momento, me pegou no colo e disse:

— Vou levar meu filho no terreiro.

Ele me levou a um terreiro em São Gonçalo, município vizinho a Niterói. Atravessou um casarão grande, subiu um morro e me entregou a uma senhora negra, de lenço na cabeça, cabelo crespo, branquinho, com um cachimbo na boca.

Ela me deu um banho de pipoca, pegou algumas ervas, me benzeu com elas, soprou a fumaça do cachimbo e me devolveu bonzinho para o meu pai. Fez a reza, e quando meu pai se preparava para sair, ela perguntou:

— Seu Almir, o senhor sabe quem é esse menino?

Meu pai respondeu:

— Sei sim.

E ela completou:

— Cuide muito bem desse menino.

Meu pai, que já transitava entre o protestantismo histórico e o pentecostalismo, passou por uma experiência de flerte e, mais tarde, de conversão ao movimento evangélico. Acho que ele se identificava com o pen-

tecostalismo justamente por conta da experiência que tinha no terreiro. Aquela coisa que chamam de "línguas estranhas", dos carismas, dos dons... tudo isso lhe era, de alguma forma, familiar. E isso também foi forjando as minhas percepções, tanto com relação ao movimento evangélico quanto às outras religiões.

Ele sempre teve um papel enorme na formação do meu olhar. Era um homem acolhedor, generoso, respeitoso com a diferença. Ele acolhia os mais pobres, os mais vulneráveis, e eu me lembro de ver nossa casa abrigando famílias inteiras que enfrentavam problemas, gente que vinha de situação de abandono, dependência química, ou simplesmente não tinha para onde ir. A convivência com essas pessoas também era atravessada por dores dentro da própria casa: três dos meus irmãos tiveram envolvimento com o uso abusivo de drogas. Mesmo assim, meu pai mantinha uma ternura e uma fé imensas. Ele não julgava. Ajudava quem precisava, e, sem saber, foi me ensinando o que era o evangelho de verdade.

Essas experiências – a da igreja, a do terreiro, a música do meu pai – foram o solo sagrado das minhas memórias. São elas que me ajudaram, mais tarde, a não me tornar uma figura fundamentalista dentro do movimento evangélico. Foram elas que me deram chão para resistir, quando esse tipo de pensamento começou a me cercar.

Todas as igrejas por onde passei eram muito conservadoras, com discursos duros sobre o céu e o inferno, o bem e o mal, e uma força muito grande de proselitismo. A conversão, para eles, significava zerar a vida anterior: apagar a história, a religião de origem, os vínculos anteriores. Tornar-se, como eu costumo dizer,

uma pessoa desmemoriada. Mas, para mim, conversão nunca foi isso. Nunca foi anular a caminhada anterior. Sempre entendi como uma transformação, um novo olhar sobre a vida, sobre a sociedade e sobre as pessoas. Resistir a essa tentação de apagar o passado foi essencial. E resisti porque carregava em mim a memória do meu pai, esse ancestral que me ensinou a ser afetuoso, generoso e livre.

Depois dessa infância entre a igreja e o terreiro, fui crescendo dentro do movimento evangélico. Na adolescência, comecei a viver experiências próprias dessa fase. Aos poucos, tornei-me uma liderança forte dentro dos movimentos de juventude, depois diácono, uma posição importante dentro do meio evangélico. E foi aí que comecei a viver outra experiência marcante: a de plantar igrejas.

A primeira delas foi na favela da Fazendinha, em São Gonçalo. A criação dessa comunidade me exigiu muito, porque ali era um território de muita vulnerabilidade, violência, onde o tráfico começava a se instalar. Mas também onde uma pluralidade de religiões me desafiava e me ensinava muito. Ali conviviam o catolicismo popular, o catolicismo da libertação, o catolicismo carismático; os movimentos pentecostais e neopentecostais; o pessoal de terreiro e outras expressões religiosas. Aprendi que um território que ferve vida, é um território que ferve diferença. E foi ali que comecei a construir um outro olhar sobre a caminhada da fé. Percebi que não dá para fazer teologia sem colocar o corpo no lugar, sem estar ali com os pés, com o coração, com o cérebro e com as entranhas. Foi nessa vivência que aprendi o sentido mais profundo da paciência e do amor. Era uma experiência de escuta, de convivência, de compreender as pessoas e suas religiões, suas dores

e esperanças. Na Fazendinha, enfrentei pela primeira vez temas como aborto, dependência química, violência doméstica.

Depois de organizar a comunidade e deixar uma liderança cuidando dela, precisei sair e seguir para uma nova missão: a Primeira Igreja Batista de São Gonçalo. Quando cheguei a essa igreja, eu já vivia outro momento da vida. Estava estudando teologia e trabalhando como administrador. Já era pai – o Heber e a Juliana ainda pequenos – e casado com a Lílian, minha companheira há mais de quarenta e cinco anos. Cheguei àquela igreja exausto, cansado, ferido. A saída da comunidade que eu havia plantado na Fazendinha não foi uma escolha, foi uma saída forçada, uma dessas experiências de dor que a gente carrega por muito tempo.

Na Primeira Igreja Batista, encontrei acolhimento. O pastor Mauro Jael Moreira cuidou de mim e da minha família, e acompanhou de perto o amadurecimento da minha vocação pastoral. Com o tempo, a igreja me enviou ao Pontal, um bairro de fim de linha no Gradim, em São Gonçalo, para plantar outra comunidade de fé. Uma igreja que crescia entre a favela do Cassinú, do Picapau, do Gato e a colônia de pescadores. Era um espaço de muita dor, mas também de vida pulsante, de gente querendo viver, gente que sonhava, que buscava dignidade.

Depois dessa passagem, fui transferido para o Morro do Castro, um dos bairros mais violentos de São Gonçalo. Muitas crianças, muita pobreza, o tráfico de drogas dominando o território, e, ao mesmo tempo, uma imensa fé espalhada pelos morros. A presença do movimento evangélico na região era muito forte, mas eu via também a alienação da instituição. Via igrejas cheias,

fervorosas no culto, mas cegas diante do sofrimento da comunidade. Com todo respeito aos irmãos e à fé de cada um, a igreja institucional não enxergava as dores ao redor.

Depois de três anos pastoreando aquela comunidade, me afastei, voltei como interino para ajudar na transição para um novo pastor, e logo depois passei a servir novamente na Primeira Igreja Batista de São Gonçalo, onde fui ordenado pastor em 26 de novembro de 2006. Aquele foi um tempo de muito aprendizado, mas também de muito adoecimento. Entrei na igreja com o propósito de ajudar a comunidade a se embrenhar na cidade, a enxergar suas dores, seus dramas, seus desafios. Sempre fui apaixonado por isso, por essa fé encarnada, que caminha junto das pessoas e das realidades do território. Mas, com o passar do tempo, percebi que esse movimento não estava acontecendo. Para uma igreja histórica e de centro, como aquela, numa cidade tão plural e sofrida quanto São Gonçalo, havia algo que não se movia. Eu via o potencial daquela comunidade, mas o corpo institucional parecia rígido demais.

Por volta do terceiro ou quarto ano, comecei a perceber que não conseguiria avançar. Como pastor de família, acompanhava adolescentes, jovens, casais, homens, mulheres, e via ali muitas dores. Casamentos desfeitos, mulheres sofrendo violência doméstica, adolescentes em conflito com seus pais, jovens com dúvidas sobre a própria fé e sobre a própria sexualidade. Mas não havia espaço para falar sobre isso – nem da dor das mulheres, nem da solidão dos homens, nem das angústias dos jovens. E eu adoeci, entrei em depressão.

Essa lembrança ainda me comove profundamente. Lembro do dia em que cheguei em casa depois de um

dia inteiro de trabalho na igreja. Estava cansado, pesado. Meu filho e minha esposa me esperavam na sala. A conversa começou com delicadeza, mas foi direta. Eles disseram que me viam apagado, sem alegria, e perguntaram o que estava acontecendo. Meu filho perguntou se era por causa da igreja. Eu respirei fundo e respondi que sim, Foi uma conversa difícil. Eles me disseram que talvez fosse hora de eu deixar a igreja, porque ela já não me fazia bem. E, por mais duro que fosse ouvir aquilo, eu sabia que era verdade. Mas sair não seria simples. Era de lá que vinha meu sustento financeiro, o sustento da família. Então demorei quase dois anos para conseguir sair completamente.

Quando finalmente deixei a igreja, tomei uma decisão: ficar um tempo em silêncio. Comecei então um período de recolhimento e imersão. Passei a frequentar a Igreja Batista da Orla, em Niterói, liderada por um amigo querido. E ali fiquei cerca de dois, quase três, mergulhado numa leitura silenciosa e profunda dos evangelhos. Eu lia como quem caminha. Queria andar com Jesus por aqueles lugares sem o peso das doutrinas, sem os filtros teológicos. Queria olhar para ele como homem, como pessoa, como alguém que habitou a vida com todas as suas contradições. Queria entender por que ele dizia o que dizia, por que fazia o que fazia, como falava, com quem andava, onde dormia, como amava, como se irritava, por que chorava e por que morreu, como morreu.

Voltei dessa imersão diferente. Compreendi que não conseguiria mais viver uma espiritualidade tão pulsante, tão cheia de perguntas e de desejo de transformação, dentro de uma estrutura religiosa que não acolhesse a diversidade, o ecumenismo e a inter-religiosidade. A fé, para mim, precisava estar aberta ao

diálogo, ao encontro, à diferença. E, olhando ao redor, percebi que não havia na cidade um espaço assim. Então decidi começar uma nova comunidade de fé, uma comunidade para gente cansada de igreja, e para gente que jamais entraria em uma igreja convencional. Começamos com cinco pessoas e, aos poucos, fomos ganhando corpo. O grupo se juntou a outro, ligado a um pastor amigo meu, que vinha do movimento pentecostal. A comunidade nasceu como um espaço de cuidado, de reconstrução e de fé em movimento. Não éramos uma igreja no sentido tradicional. Éramos um corpo em busca de sentido, um grupo de pessoas tentando viver uma espiritualidade honesta e libertadora.

Passamos a nos reconhecer numa teologia progressista; não como modismo, mas como um processo de desconstrução responsável, que não destrói, mas transforma. Começamos a ler a Bíblia com outros olhos. Aprendemos que ela não é "a regra de fé e prática", nem "a inerrante palavra de Deus", como sempre nos ensinaram. Para nós, a Bíblia é sagrada pelas histórias que carrega, pelas gerações que atravessa, pelas vozes que resistem dentro dela. Também racializamos o texto bíblico, lendo-o a partir do nosso chão, das nossas dores e ancestralidades negras. Reconhecemos o racismo e a violência inscritos nas narrativas, mas também a força da vida e da resistência ali escondidas. Descobrimos que a Bíblia pulsa ancestralidade, e que muito do que hoje vemos nas religiões de matriz africana também vive ali, soterrado pela história, mas presente.

Nossa missão passou a ser trazer esses sentidos de volta à roda, para conversar, para curar, para libertar. A comunidade cresceu com essa disposição: provocar o diálogo inter-religioso, promover encontros, enfrentar a

violência e a fome, lutar contra o racismo e o racismo religioso.

Minha aproximação direta com os terreiros aconteceu por convite da Tainá Alves, uma jornalista e intelectual maravilhosa, membro da nossa igreja até hoje. Na época, ela trabalhava na prefeitura e me convidou para participar de um encontro no terreiro da Mãe Jussara de Yemanjá, o Ilê Axé Ogumjá, em Tribobó, em São Gonçalo. O evento se chamava Afeto, um nome bonito, com duplo sentido: afeto de fé que se encontra e afeto de afetar, de tocar o outro com a fé. A proposta era simples e profunda: reunir religiões diferentes para conversar sobre respeito, sobre a violência contra as tradições de matriz africana, e sobre como a fé pode curar, e não ferir. Fui, participei e me emocionei. Me encontrei naquele espaço. Senti como se estivesse voltando para casa. Fiquei muito amigo da Mãe Jussara e de outras lideranças das religiões de matriz africana. Dali nasceu uma relação sincera, de troca espiritual e amizade.

O Afeto cresceu. Levamos as conversas para praças públicas, para escolas, para espaços abertos. Falávamos sobre religiosidade, respeito, diversidade. A partir desse encontro, minha trajetória deixou de ser apenas uma defesa da liberdade religiosa. Passou a ser também uma vivência: estar nos espaços sagrados, conviver, aprender, e fazer rede com essas pessoas. Hoje, nossa busca é essa: aproximar uma comunidade de fé que nasceu do protestantismo histórico, mas que não carrega mais seus dogmas; uma comunidade que caminha sobre o solo das pessoas que construíram esse movimento, mas que agora quer redesenhar a teologia a partir das histórias dos povos originários e dos povos de matriz africana. Perguntamo-nos como deve ser a estética de uma igreja que olha para essa terra, para

esse povo, para essa história. Como deve ser a teologia, a pastoral, a música – o que se canta, o que se celebra, o que se sente. Estou nesse caminho. Pensando, pesquisando, vivendo.

Por isso, o projeto Axé-Amém me emocionou profundamente, porque me fez revisitar os espaços históricos do protestantismo e, ao mesmo tempo, perceber a urgência de viver uma nova experiência de fé evangélica; uma experiência que se reconcilie com o Brasil real, com o nosso povo, com as nossas raízes.

Acredito que esse é o projeto que precisa continuar: o encontro. Encontrar-se para "desdemonizar", para compreender o outro. Porque só convivendo, só conhecendo o que as outras religiões pensam, vivem e professam, é que a gente deixa de reproduzir o racismo religioso. Essa é a espiritualidade que hoje me move: uma fé que se alimenta do diálogo, que aprende com o outro, que se reconhece no espelho da diferença.



Júlio Oliveira, 59 anos, é pastor, teólogo e cria de São Gonçalo (RJ). Filho de um seresteiro que transitava entre o candomblé e o evangelho, aprendeu desde cedo que fé é encontro, não separação.



Axé e Amém não são fronteiras, mas caminhos que se cruzam. E é nessa encruzilhada que podemos seguir firmes para enfrentar o racismo.

A força de um sentimento ancestral

A cooperação negra entre o Axé e o Amém

L. Obalerá

Auê, meu irmão café!
Auê, meu irmão café!
Mesmo usados, moídos, pilados
Vendidos, trocados, estamos de pé
Olha nós aí, meu irmão café!
Meu passado é africano
Teu passado também é.

Nei Lopes e Wilson Moreira

Abri esse texto com um trecho da música *Jongo do Irmão Café*, composta por Nei Lopes e Wilson Moreira, por ela expressar uma espécie de sentimento ancestral: uma noção política de irmandade construída na diáspora negra. Sob o ritmo do jongo e embalado por suas vozes pretas, essa canção estimula nossos corações a perceber algumas conexões históricas e ancestrais presentes na vida negra brasileira. Conexões tão profundas que seriam capazes de produzir laços de irmandade além mar.

Por um lado, *Irmão Café* evidencia as violências da escravidão que buscaram exaurir nossos corpos, jeitos e fazeres e, por outro, enfatiza o nosso pertencimento ao grande continente africano do qual somos todas fi-

lhas e filhos. Fomos capazes de elaborar novas configurações sociais que permitiram a gente continuar produzindo sentidos para viver, afirmando diariamente que, à revelia do racismo, "estamos de pé"! Reencontrar-se nesse chão comum é reconhecer que a cooperação não é uma invenção contemporânea, mas uma estratégia de sobrevivência negra historicamente construída e, por esse mesmo motivo, historicamente atacada pelos "podres poderes" racistas.

O que estou nomeando de sentimento ancestral é uma tentativa de expressar uma dimensão da experiência que também foi vivida durante a formação Axé-Amém. As dúvidas e incertezas sobre os caminhos que tomariam um projeto que ousava convidar pessoas negras evangélicas e de terreiro a compartilharem de um mesmo espaço político e educativo foram sendo assentadas na medida que esse sentimento ancestral foi desabrochando vagarosamente. Mais do que uma atividade pedagógica, o que se construiu ali foi um espaço de encontro. E todo encontro verdadeiro traz riscos e tensões, mas também abre possibilidades para a criação do novo. O orixá Exu nos ensina sobre o valor e a necessidade dos incômodos e conflitos, isso porque é ele que provoca o movimentar em novas direções que podem nos fazer crescer. Essa concepção de movimento em Exu significa a própria vida pulsando no seu fazer.

Nesse sentido, a indagação sobre a possibilidade de pessoas negras de terreiro e evangélicas conviverem, trocando saberes sobre si e pensando juntas em caminhos de cooperação, foi se transformando na certeza de que esse caminho, apesar de carregado de desafios, não só era possível, como também profundamente desejado e poderoso. Um poder que ao longo dos encon-

tros foi aparecendo tanto em suas dimensões políticas quanto espirituais.

Revisitar os caminhos percorridos no Axé-Amém e perceber a existência desse sentimento ancestral, que desabrochou aos poucos entre todos nós, levou-me a recuperar uma frase de Achille Mbembe: "ser protegido requer uma partilha do sensível e do afeto, da percepção e da palavra".[1] Embora o contexto em que o autor emprega a frase seja bastante distinto, a articulação entre a ideia de proteção e a necessidade de partilha do sensível – isto é, o estabelecimento de conexões íntimas, de histórias e memórias negras – revelou-se fecunda. Essa partilha, que a meu ver aconteceu entre os participantes, foi capaz de criar um espaço de proteção, tecido lentamente por meio de laços invisíveis, porém sentidos desde a primeira oportunidade concedida. E foi ela que transformou essa "ousadia" na potência vivenciada em nossos encontros, ao aproximar pessoas negras e expressões de fé que, contrariando o que o Axé-Amém experimentou, insistem em dizer serem inconciliáveis.

Ao longo da formação, não foi apenas a razão que falou. Foram os corpos, os afetos, as emoções, a palavra, as memórias, inclusive memórias de família, os cantos que ecoaram, as lágrimas que caíram. O sentimento ancestral do qual falo também está relacionado aos gestos simples: no abraço entre uma filha de santo e um pastor; no compartilhar de uma dor que ambos reconhecem; na comunhão da comida; na alegria de perceber que é possível rezar junto, ainda que com palavras e formas diferentes; nas risadas provocadas pelo simples ato de se encontrar com as pessoas humanas

1 MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.

que somos. Esse sentimento é força vital, é Axé que se soma ao Amém, é energia que sustenta a caminhada. Ele mostra que a cooperação pode ser não apenas uma estratégia política racional, mas também uma experiência espiritual profunda que toca o mais íntimo de nossas existências negras. A ancestralidade nos guia, potencializa nossas lutas e abre caminhos para as nossas vitórias.

"A quem interessa um preto ficar amaldiçoando outro preto por conta de sua fé?"

Sem dúvida, essa provocação feita por Carolina Rocha no decorrer dos encontros nos afetou – no sentido de afetar o coração – e inspirou a todos e todas a saírem de suas zonas de conforto. Essa indagação convida a gente a refletir sobre, efetivamente, quem são os grupos que têm se beneficiado política, econômica, social e culturalmente, e alerta: não somos nós os beneficiários desses conflitos e fragmentações. Como já denunciava Abdias Nascimento, seguimos sendo alvo do crime que nega à própria vítima o direito à autodefesa: o racismo em suas múltiplas facetas.

Essa noção política de irmandade entre pessoas negras, experimentada a partir desse sentimento ancestral compartilhado, contraria uma das grandes mazelas do colonialismo: apartar, separar e fragmentar a nós, negros e negras, tanto de nossos modos de vida tradicionais quanto apartar de nós mesmos. O colonialismo e o racismo colocam aquilo que singulariza e humaniza a cada pessoa negra como um empecilho ou, mais ainda, como um elemento a nos separar e antagonizar. Nesse sentido, conseguir aproximar pessoas negras com experiências de fé distintas é um gesto político contra os efeitos do colonialismo e as dinâmicas

do racismo, que fazem com que, em muitos contextos, nos vejamos como inimigos, em razão do impacto do racismo religioso sobre as nossas vidas.

Nessa perspectiva é importante salientar que o racismo religioso tem gerado uma incapacidade de autoreconhecimento entre negras e negros dos mais diversos segmentos religiosos. Uma fragmentação que torna o "irmão café" em um outro inacessível, naturalizando a luta contra os supostos demônios em nome da fé que, no limite, estimula a quebra de oferendas e as pedradas que atingem o corpo e o espírito dos povos e comunidades de terreiro. Quando uma pessoa negra demoniza e persegue as religiões de matriz africana, está também negando uma dimensão de si mesma, arrancada pela lógica colonial racista que impõe a cultura branca como padrão de desejo.

Caminhando por essas encruzilhadas de luta, resistência e criação, evoco uma frase dita por Yá Wanda d'Omolu durante a formação, que ecoou como uma espécie de palavra sagrada de reencantamento das relações:

"Nós, pretos e pretas, temos que nos abençoar independentemente das experiências de fé".

Abençoar, sim (!), pois o racismo não poupa ninguém. Seja um negro do Axé ou um negro do Amém, a violência racial é implacável. Certamente, um dos pontos de maior sensibilidade nos encontros foi perceber que tanto as pessoas do terreiro quanto as evangélicas sofrem com o peso do racismo, embora de formas distintas.

A luta contra o racismo precisa ser conjunta. Reconhecer isso é abandonar a percepção de que estamos

em lados opostos: o inimigo não é o irmão que incorpora Orixá ou o Espírito Santo, mas o sistema que insiste em hierarquizar, dividir, oprimir e matar pessoas negras.

A despeito da violência imposta a nós, negros e negras, Bell Hooks[2] nos provoca a compreender a força que reside na nossa capacidade de amar. Não qualquer amor, mas esse amor entre nós, um ato de amar voltado para dentro da nossa comunidade negra. Um amor que é verbo, uma ação política de resistência capaz de curar. Para a autora, a capacidade de amar a negritude que habita cada corpo negro em sua dimensão política pode transformar nossas formas de ver e ser, abrindo caminhos que nos movem contra as forças que tentam nos esvair de morte física e espiritual. Não seria essa dimensão de amar uma expressão de nosso sentimento ancestral?!

O Axé-Amém, portanto, foi mais do que uma formação: foi uma prática viva de reconstrução da irmandade negra. Reencontramos, na partilha de dores e alegrias, o que o colonialismo tentou romper e o racismo segue buscando efetivar. Há sim a possibilidade de nos reconhecermos no outro independentemente de nossas expressões de fé. A experiência do Axé-Amém também coloca para o debate, em um sentido prático, como invocar a raça e o racismo pode abrir caminhos de diálogo e cooperação entre pessoas negras evangélicas e de terreiro. A experiência vivida do negro aponta elos de aproximação e de cooperação política.

Se *Irmão café* lembra que seguimos de pé, foi porque soubemos transformar nossas diferenças em força coletiva. O sentimento ancestral, que traz consigo a no-

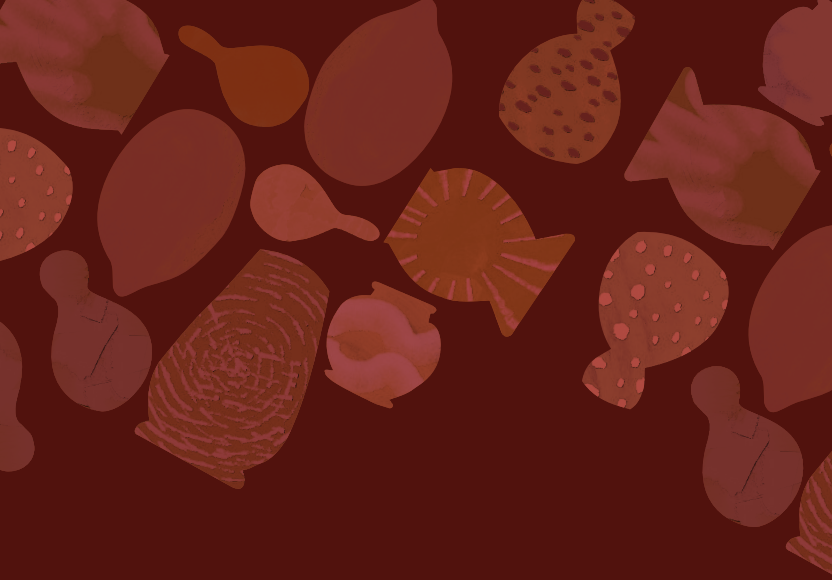
2 HOOKS, Bell. *Olhares negros. raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

ção política de irmandade emergida nesse encontro, mostra que é possível inventar novas formas de caminhar, sem abrir mão do que nos singulariza, mas sem deixar que isso nos separe política e afetivamente.

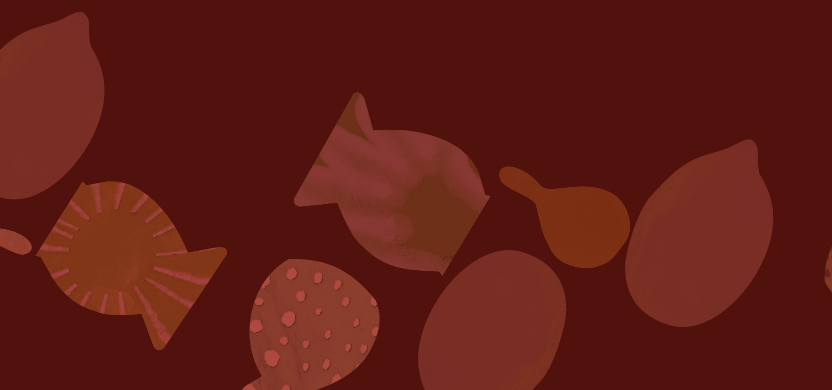
Axé e Amém não são fronteiras, mas caminhos que se cruzam. E é nessa encruzilhada que podemos seguir firmes para enfrentar o racismo, o racismo religioso, e cultivar um futuro onde nossas bênçãos possam se multiplicar e semear um horizonte de respeito e vida digna e abundante para todas as pessoas negras.



L. Obalerá é homem negro e ebomi de Omolu. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e cientista social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atua como pesquisador-ativista nos campos das relações raciais, do racismo religioso, do diálogo inter-religioso e da filosofia africana e afrodiaspórica. É coautor do livro *Ebó poético: palavras ancestrais que abrem caminhos* (Aruanda, 2025).



É preciso mais encontros como esse, que nos lembrem que, antes de qualquer dogma ou doutrina, a nossa história é a de um povo que sobreviveu e hoje se encontra para sorrir e celebrar, juntos.



O eco do medo e a revolução do encontro

Laremi Emiliano de Oliveira

No momento em que vi o link de inscrição para participar da formação Axé-Amém, senti uma enorme curiosidade. Seria uma novidade estar tão perto de pessoas evangélicas e escutar o que elas tinham a dizer. Eu, uma mulher nascida e criada em um terreiro de Candomblé, nunca "entrei" para a minha religião; eu sempre fui filha de orixá. Não vou mentir, eu estava esperando que fosse algo bem caótico, principalmente considerando os conflitos religiosos que já existem devido a divergências de dogmas e doutrinas.

Em casa, conversei com meu companheiro e nós já imaginávamos vários cenários de discussões dentro de um quarto com evangélicos versus candomblecistas. Mas, mesmo assim, eu fui, até porque ser do Candomblé é estar preparada para se defender.

Chegando no primeiro dia, encontrei pessoas conhecidas que me fizeram sentir mais confortável. Fomos conduzidos por Yá Wanda d'Omolu, que é minha tia e foi a primeira mediadora da formação. Ali, já fui entendendo que era um lugar onde eu poderia e deveria estar. Ela, como boa condutora, nos deixou mais à vontade com palavras, dinâmicas e sempre propondo a união entre nós. Quando chegou a hora de Andressa Oliveira, que é evangélica, confesso que me deu um nó na cabeça. Não posso negar que ser uma mulher preta falando me deixou mais entusiasmada, mas entender que dentro da Igreja Evangélica

existe racismo e que eles têm seu próprio movimento negro me deixou de boca aberta.

No segundo encontro, fui agraciada com meu pai Adailton sendo um dos mediadores, ao lado de Dona Fézinha, que já fazia parte de outro projeto comigo. A forma como vi aquelas duas figuras se respeitando, segurando as mãos e se emocionando, me lembrou porque estávamos ali: compartilhamos a mesma história inicial.

É claro que se espera que colocar pessoas de diferentes religiões em uma sala não seria uma ação totalmente pacífica, mas reunir pessoas com o entendimento de que dividimos a mesma história foi absurdamente inteligente e revolucionário. A ideia ali não era só falar que temos religiões diferentes, mas que possuímos o mesmo início para escolhermos a nossa fé. Entender que nos foi tirado o conhecimento dos nossos antepassados e, mesmo com todas as tentativas de extermínio, nós estávamos lá!

Fiz amizade com uma menina e ficamos bem próximas. Nós duas somos do Candomblé. Um dia, nos tornamos amigas de um rapaz. Conversando, bebendo suco no canto da sala, de repente eu perguntei: "Qual seu santo mesmo, menino?". E ele me respondeu: "Eu sou da Igreja". Os três se olharam e começaram a rir. Aquela foi a risada mais leve que eu soltei. Não teve briga, não teve desrespeito; éramos nós, três jovens negros, conversando e conhecendo um ao outro.

Seria ótimo se conseguíssemos ter essa leveza para tratar as religiões, mas entendo que as discriminações chegam de formas bem diferentes. Quando ouvimos as pessoas das Igreja Evangélica (e aprendi que existem várias denominações), nós do terreiro entendemos que somos alvos por não seguir o Deus que eles adoram. A forma como levamos a vida amorosa ou como nos vestimos

fora dos seus padrões também contribui para esse preconceito. Mas o que eu mais ouvi foi: "Eu tenho medo!".

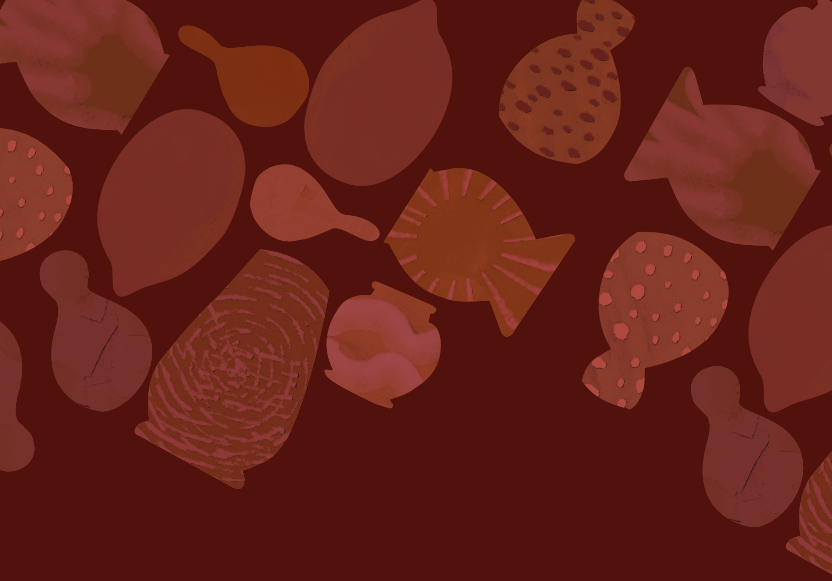
Se tratarmos o "medo" como significado, ele nada mais é que uma reação automática a uma ameaça. Então, que ameaça é essa que o Candomblé propaga? As respostas sempre eram "eu ouvi", "me falaram", "eu aprendi", e nunca "eu tenho medo porque vivi tal experiência". Sempre foi algo terceirizado, implantado em algum momento por alguém que, muitas vezes, a própria pessoa nem sabe dizer quem foi.

A formação Axé-Amém me mostrou que o medo é um eco, uma história que alguém contou e que foi repetida, mas que se desfaz diante de um olhar honesto, de uma risada compartilhada. A ameaça não era o meu orixá, nem a sua fé. A ameaça sempre foi a ignorância. A nossa maior revolução foi, e sempre será, a de sentar à mesa, tirar as máscaras e encontrar a humanidade que reside em cada um de nós. É preciso mais encontros como esse, que nos lembrem que, antes de qualquer dogma ou doutrina, a nossa história é a de um povo que sobreviveu e hoje se encontra para sorrir e celebrar, juntos.

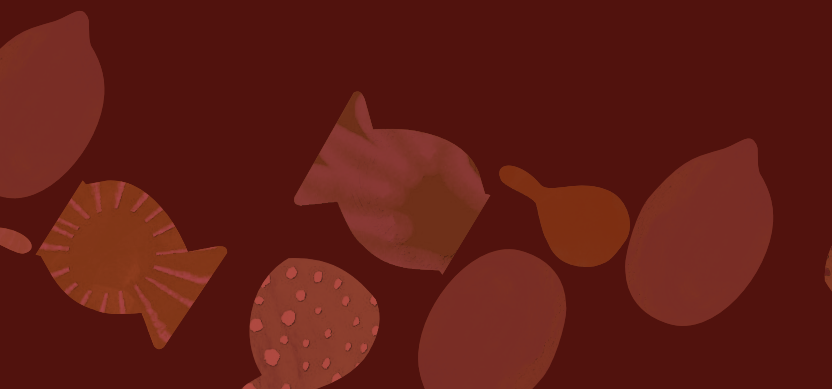
Minha imensa gratidão a Carol, Obalerá, Ronilso, Fabíola e a todos os integrantes dessa formação que nos possibilitou construir novos olhares e cuidados.



Laremi Oliveira é nascida e criada no Candomblé, na Baixada Fluminense. Neta de Mãe Beata de Iemanjá, tem 28 anos, é formada em estética e trabalha como trancista. Dedica-se a projetos que valorizam a ancestralidade e promovem a igualdade.



Ouvir gente preta falar sobre crença e fé fez meu coração se sentir acolhido e minhas escolhas se acomodarem naquilo que eu entendo como certo.



De quantas crenças se faz uma fé?

Luiza Aquino

É engraçado escrever “uma fé” porque deixa evidente o sentido singular da palavra. Acredito que posso dizer que a fé é plural. E minha vivência me permite dizer isso. Por quê? Cresci numa família “católica de Censo”. Ninguém frequentava a igreja, mas a Bíblia ficava sempre aberta na estante, e quando o recenseador batia à porta, a resposta era sempre a mesma:

— Qual a religião?

— Católica.

Ainda assim, precisei cumprir todos os ritos iniciais do Catolicismo – batismo, primeira eucaristia e crisma. Mas, à medida que o tempo foi passando, algumas coisas foram se modificando. O protestantismo veio com força, parte da minha família se “converteu” e eu segui como uma ovelha meio mística, não-praticante de nada. A Lei 10.639/03, que instituiu o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, me possibilitou ter acesso à raiz afro que me constitui. O misticismo foi dando lugar a uma curiosidade profunda sobre Umbanda, Candomblé e os arquétipos dos orixás.

Me converti! Ou não, né?! Acho que o correto seria dizer: Me redescobri! E foi ótimo...Tem sido maravilhoso, engrandecedor, enriquecedor. Na família, algumas caras tortas; outras puxando conversa sobre assuntos que jamais haviam sido comentados. Talvez todo mundo seja meio macumbeiro, sabe? Diversidade provavelmente é herança ancestral.

Já na fase adulta, os problemas adquiriram uma roupagem mais madura e, na ânsia de resolvê-los, estratégia e bom senso dividiram espaço com o exercício da fé. Admiro os ateus. Eu fico imaginando como deve ser resolver questões somente com o viés da razão. Para mim, é impossível! Eu nasci para ter uma religião. Preciso de um espaço para professar uma crença. Espiritualista? Com certeza!

Minha relação com a fé, o divino e a espiritualidade se estreitou ainda mais no processo de adoecimento da minha mãe. Na verdade, ela foi o espelho. Minha mãe sempre foi uma mulher muito forte, iluminada. Nunca fez parte de nenhuma denominação religiosa, mas tinha "poderes esquisitos"... aquela magia que todas as mães parecem ter. Em resumo, posso dizer que minha mãe acreditava muito na força do bem. E, por acreditar, ele sempre acontecia.

Foram cerca de 13 anos convivendo com uma cirrose hepática não alcoólica. E a vontade de viver de "mamis" era inabalável. Ela tinha a certeza do êxito, da cura. E viveu da melhor maneira que pôde. Fez, de fato, a vida ser uma festa. Culto, óleo ungido, passe, Johrei, tudo era aceito e muito bem recebido. Mas, no dia 24 de abril de 2025, não deu mais para aguentar. No dia anterior, eu tinha ido à Igreja de São Jorge. Minha mãe estava internada e eu aprendi a amar São Jorge com toda a força do meu coração assim que a Umbanda me disse que eu era regida por Ogum. Nesse dia, me emocionei muito, foi a primeira vez que vi uma das maiores profissões de fé da vida. Chorei bastante, levei a foto da minha mãe, deixei uma vela acesa e pedi a Deus que fosse feito o melhor para ela. E foi. Para mim, não. Para ela, a liberdade e a certeza da ausência de dor.

Enquanto vivia – e vivo – o luto, vi no Instagram o anúncio de um curso muito interessante e convidativo: Axé-Amém. Uma proposta que envolvia adeptos de religiões de matriz africana e cristãos, a fim de que fossem (com)partilhadas experiências relacionadas à fé. Fiz a inscrição e aguardei. Achei sensacional a iniciativa, porque, durante o tempo em que minha mãe ficou no hospital, o que eu mais fiz foi procurar meios de acalentar o coração e de encontrar respostas. Eu acordava fazendo canjica para Oxalá e ia dormir ouvindo Cassiane. Durante o dia, leituras de Tarot, oráculos e afins. Orei, rezei, roguei, saravei, pedi e me ajoelhei.

Saiu a primeira seleção e eu fiquei na espera. Ai, poxa... Seria tão bom ocupar a mente nesse momento... Enfim, tudo tem um propósito. Dias depois, recebo uma mensagem da Dandara Suburbana perguntando sobre a possibilidade de uma reunião. O coração acelera novamente... Agora vai! Na reunião, Dandara e Fabíola. Dandara, uma velha amiga, professora e orientadora, que muito admiro. Fabíola conheci naquele momento, e me arrisco a dizer que ficará para sempre na minha vida. Para além da beleza e do estilo, Fabíola abriu um clarão na minha cabeça ao comentar que se identificava como uma pessoa de *dupla pertença religiosa*. Cara, era isso! Era esse o meu lugar!

O deslumbre que eu senti na entrevista se confirmou nas aulas. A começar pelo café... Crente come bem, macumbeiro nem se fala! Gente, o paraíso dos gulosos. Mas, foi além, sabe? Ouvir gente preta falar sobre crença e fé fez meu coração se sentir acolhido e minhas escolhas se acomodarem naquilo que eu entendo como certo.

Além da religiosidade, havia um pouco mais em comum: o racismo. Racismo este que fez com que eu e outros irmãos fôssemos testemunhas ou vítimas de terreiros depredados, fios de conta escondidos, vestimentas ridicularizadas… mas que também foi de encontro aos irmãos protestantes quando afirmavam aquilo que os constitui: a identidade negra.

A cada encontro, ríamos e chorávamos juntos. Conseguíamos sentir dentro de nós cada ataque relatado. Ouvidos atentos, peito pulsante, pele arrepiada. O que começou com desabafo terminou com estratégias de coalizão e enfrentamento. A fé, que do lado de fora insistiam em dividir, nos unia. O conhecimento estreitava os laços, e o sentimento de pertença atava os nós. Nós e nós!

Quase ao final dessa jornada fomos presenteados com aulas de campo. Impossível mensurar o que foi vivido. Como disse Arthur Baptista, fomos "pisar na história"! Fomos entender melhor o que nos constitui. Fomos ressignificar nossas escolhas, compreender melhor o sentido de alteridade e, principalmente, compreender de onde viemos, a fim de ratificar o que somos e insistir no que seremos.

Yá Wanda, Andressa, Brian, Babá Adailton, Fézinha… É a esse grupo que eu pertenço! Que honra a minha. Saio extasiada dessa formação. Acho que foi bonito poder viver o luto tendo o coração preenchido e constituído de bons encontros e conhecendo boas pessoas. Minha missão como educadora se engrandeceu e agora se expande. Eu preciso fazer reverberar tudo que vi e aprendi. Eu preciso firmar meu lugar no mundo, porque agora sei um pouco mais daquilo que me origi-

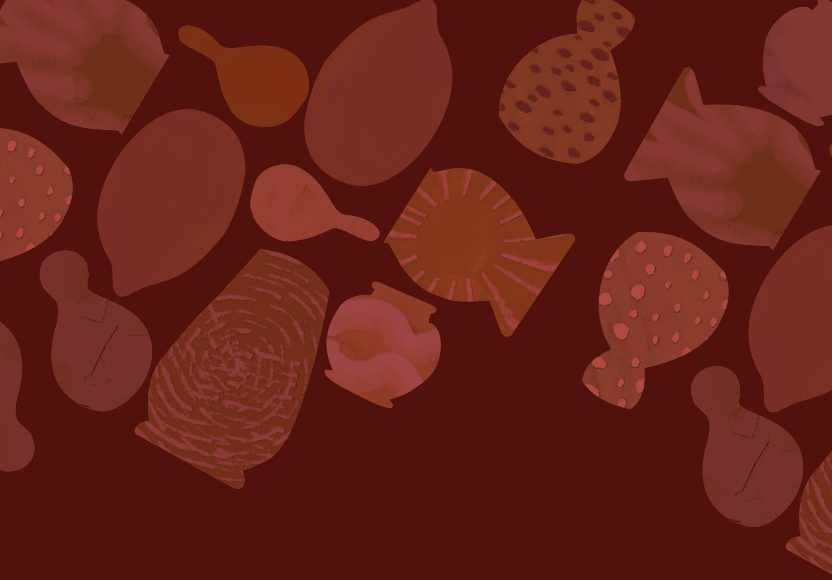
nou. Minhas escolhas tomam novas formas. E eu posso dize: eu tenho fé.

Não adianta tentar me derrubar
E quem tentar pode até se machucar
O meu caminho é de luz
Eu tenho Axé
A minha fé vai me sustentar

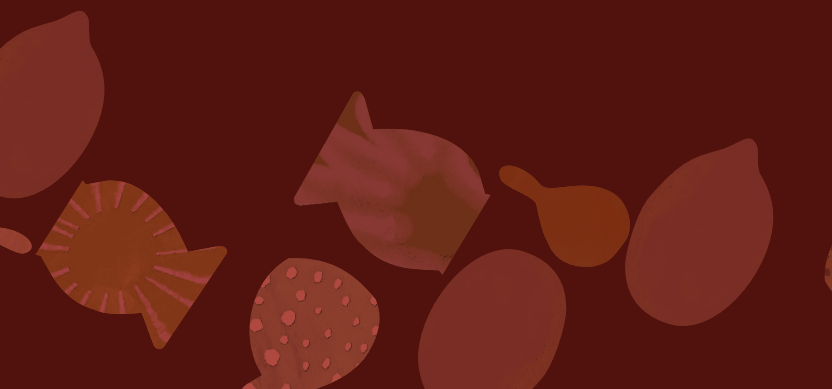
Arlindinho e Zeca Pagodinho



Luiza Aquino é professora de Língua Portuguesa e Inglesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e atua em espaços de privação de liberdade. Cria do Boogie Woogie, na Ilha do Governador, é abian do Àse Ode Igbó, em Magé (RJ). Canceriana, com ascendente em Peixes e lua em Touro, é filha de Ogum e Oxum na Umbanda, devota de São Jorge e cavalo de Maria Mulambo. Mulher preta e de fé!



O diálogo entre as nossas palavras de afirmação – Amém e Axé – é uma forma de juntarmos forças em uma sociedade que nos separa de muitas formas e que nos leva a inúmeras situações de desvalorização.



Forças que nos unem

Maria da Fé (Fézinha)

Sou Maria da Fé, conhecida popularmente como Fézinha, membro da Igreja Metodista em Fonte Carioca, Venda Velha, São João de Meriti, mas que milita em diversos grupos do Movimento Social em todo o estado – ou, posso dizer, em todo o país, pois as conexões entre os movimentos nos possibilitam isso. Sendo Mulher Negra, consciente das muitas injustiças sofridas por grande parte do nosso povo, minha atuação se dá nos grupos que priorizam essas causas e as reconhecem como direitos humanos.

Atualmente, estou coordenadora da Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista na Primeira Região Eclesiástica. Também participo do Colegiado do Fórum Permanente de Mulheres Negras Cristãs, integro o Grupo OBINRIM de Mulheres do Movimento Negro Evangélico (MNE), a Comissão de Direitos Humanos da OAB Meriti e sou parceira da ONG Criola, atuando como líder territorial no projeto Saúde das Mulheres Negras. Além disso, tenho participação no Comitê Técnico Estadual de Saúde da População Negra.

Por que falar de todas essas participações? Porque é preciso justificar o motivo de eu ter sido convidada para um evento de tamanha importância como o Axé-Amém ao lado de grandes personalidades dos diversos movimentos: religiosos, acadêmicos em muitas instâncias (professores, mestres, doutores e alguns apenas graduados, como eu), que buscam maiores entendimentos em suas práticas espirituais e formas de oferecer maior contribuição social em seu cotidiano.

Minha diversidade de atuação nos diversos setores da sociedade já representa o quanto podemos fazer levando nossa bandeira religiosa como ponto de fortalecimento, e não como método ou chamado à conversão. O diálogo entre as nossas palavras de afirmação – o Amém para nós cristãos e cristãs, que significa "sim, concordo", usado com frequência em finais de orações e pregações da Palavra, e o Axé, que representa algo como a força e a energia dos ancestrais, invocadas e passadas a quem recebe essa saudação – é uma forma de juntarmos forças em uma sociedade que nos separa de muitas formas e que nos leva a inúmeras situações de desvalorização. Nosso propósito deve ser o oposto disso.

Finalizo dizendo que me senti muito honrada em participar dessa formação e que me coloco sempre à disposição para estar onde eu possa me mostrar como sou, falar sobre o que faço e ser recebida em igualdade. Como seguidora das práticas Metodistas, aprendi que devemos "pensar e deixar pensar" e também que "no essencial, unidade; no não essencial, liberdade". Sigo isso religiosamente em tudo que faço!

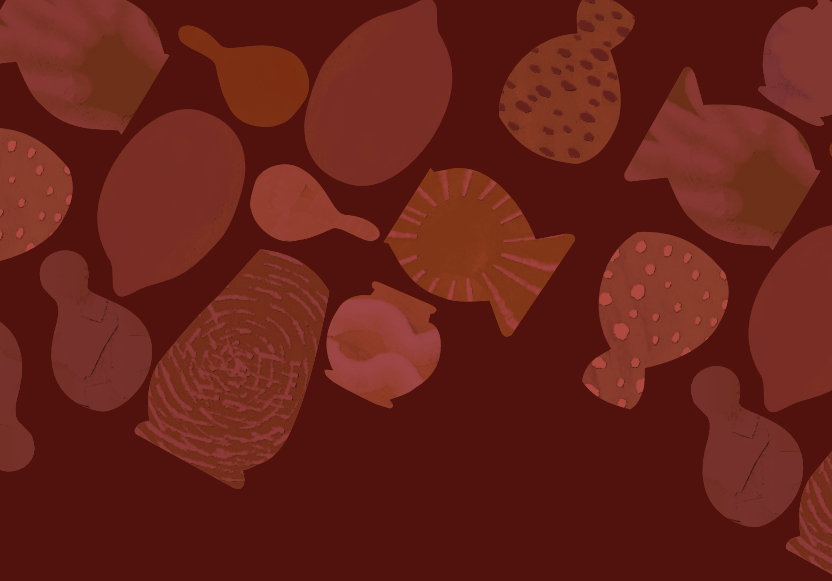
Meus sinceros agradecimentos a esta equipe maravilhosa que me incluiu entre participantes tão maravilhosos quanto!

Minha Gratidão.



Maria da Fé da Silva Viana, também conhecida como Fézinha, é mulher negra, metodista, ativista dos direitos humanos e coordenadora da Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista na Primeira Região

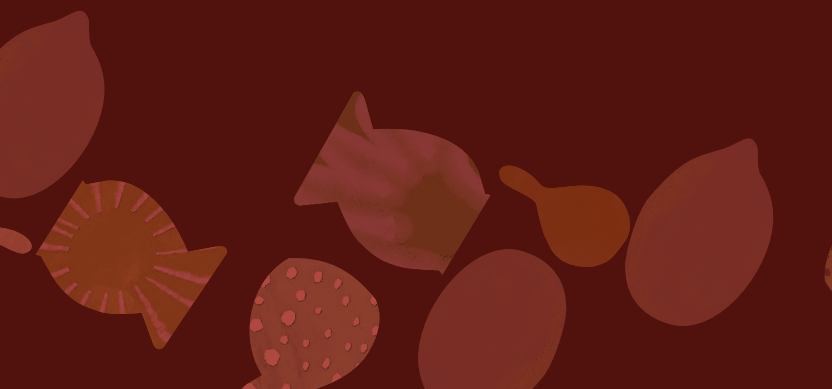
Eclesiástica. Integra o Fórum Permanente de Mulheres Negras Cristãs, o Movimento Negro Evangélico e o Comitê Estadual de Saúde da População Negra. Parceira da ONG Criola, atua pela promoção da igualdade racial, da justiça e da dignidade do povo negro.



Se eu me vejo, eu pertenço,
reverencio, propago... Existo!

Se sei quem sou, não sou eu,
somos nós!

Comunhão, abrigo.



Elos

Mariana Freitas

A quem interessa?

A quem interessa a dor?
A quem interessa o ódio?
A quem interessa as diferenças?

Quem se interessa pela falsa consciência?
Quem se beneficia se eu não me reconheço?
Quem escuta se grito que sou melhor e estou aqui?

O apagamento, a negligência e o descaso com nós... A guerra entre os nossos se perpetua.

Onde iremos chegar, para onde estamos indo?
Que horas vou descortinar o meu eu?

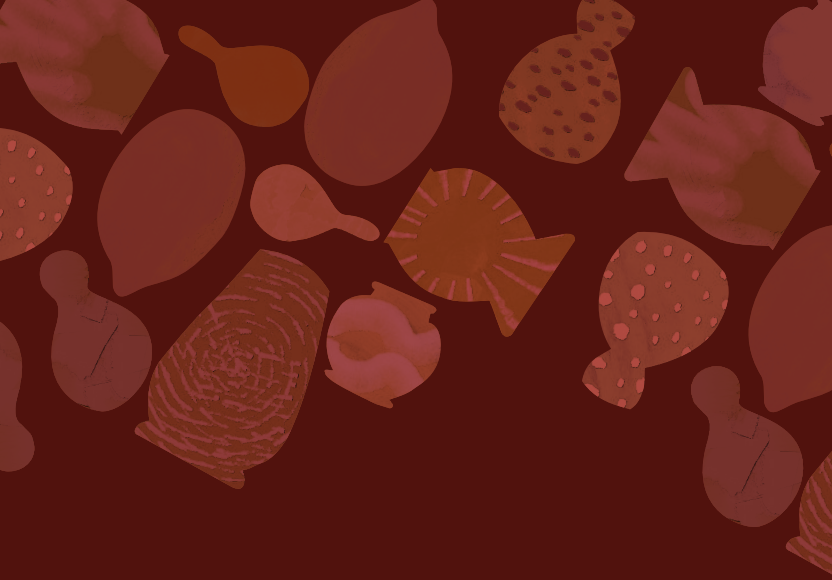
Se eu me vejo, eu pertenço, reverencio, propago... Existo!
Se sei quem sou, não sou eu, somos nós!
Comunhão, abrigo.

Agora, para mim, interessa! É para ontem que
sejamos uno, sejamos luz, sejamos o todo!
Sejamos nós desatados, descomplicados...
Elos!

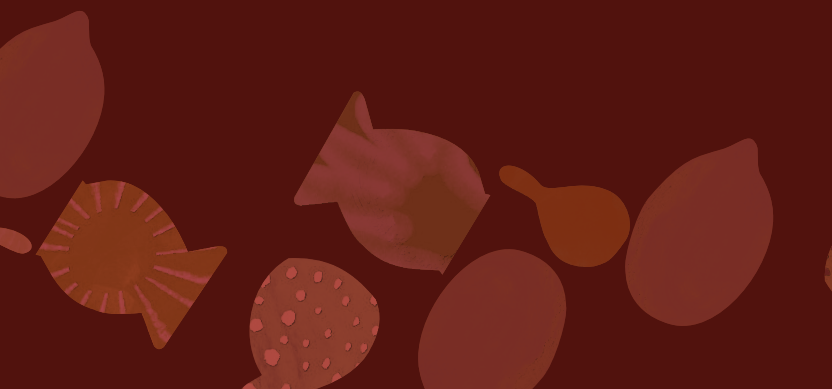


Mariana Freitas é mulher cis, preta e umbandista. Estudiosa do comportamento e da mente humana, é graduada em Recursos Humanos, pós-graduada em Rotinas Trabalhistas e Previdenciárias e atualmente cursa Psicologia.





É plenamente possível ser negro, pentecostal e fiel, sem esquecer da África que nos habita e da diáspora que nos forma.



Suspiros de fé

Maxwell Valle Teixeira

Sou Maxwell Valle Teixeira, alguém com uma história que se assemelha à de milhões de brasileiros e brasileiras: preto, pobre, sem muitas perspectivas e que fez da religião um suspiro. Minha relação com o Sagrado vem desde o berço. Em minha casa, Dona Melissa, pentecostal até o "tutano", sempre me colocava para orar, ler a Bíblia e ouvir os "corinhos de fogo". Seu Maxwel, por sua vez, esperava calmamente e, depois, colocava seus LPs do Candeia, ou os sambas antigos da União da Ilha e do Salgueiro, e me ensinava a batucar. Parando para pensar, era bastante engraçado quando começava a cantar com meu pai*:*

> Saruê, Baiana, iorubana
> Da saia amarrada co'a paia da cana
> Olorum, ô ô ô
> Misto de infinito e eternidade
> Também teve seu momento de vaidade
> Criou a terra e o céu de Oxalá
> Pra gerar Angaju e Iemanjá
> E Yemanjá, além de Xangô
> Em seu ventre, doze entidades gerou
> Pra reinarem pregando a paz e o amor, ô ô ô…

E, em seguida, só o tempo de montar o teclado, juntávamos na sala com minha mãe e entoávamos:

> Vejo um homem de branco dentro da congregação
> Vejo um homem de branco com um cântaro na mão
> Ele quer te dar água pra beber

Ele quer te dar água pra beber
Ele quer te dar água pra beber
Ele quer dar água pra você
Vem, vem conhecer Jesus
Ele vai te abençoar
Ele vai te restaurar

Foi graças a esses dois que entendi a religião, longe de ser uma abstração. Ela sempre teve cheiro, voz e corpo. Era o cheiro do café nas manhãs de domingo antes da Escola Dominical; era a voz forte da minha mãe em línguas espirituais que me embalava o sono; era o corpo marcado pelo batuque do samba que meu pai ensinava no sofá da sala. Entre a Bíblia aberta na sala e os discos girando na vitrola, aprendi cedo que o Sagrado também suspira. Suspira na dor, mas também no riso. Suspira quando o corpo cansado encontra descanso, quando a lágrima se mistura ao canto, quando o pobre descobre que ainda pode sonhar.

Religião é isso: suspiro. E suspiro não é fuga, mas respiro para seguir vivendo. É como um fôlego que não deixa o corpo se entregar ao sufocamento da vida dura. Talvez seja por isso que tantos de nós, pretos e pobres, encontramos nela um espaço de sobrevivência e esperança. O suspiro nos lembra que ainda há algo além da dor, um além que começa no agora: na roda de samba, no culto pentecostal, no Axé e no Amém.

Foi assim que entrei na formação: buscando possibilidades de aproximação, tentando entender os fios que costuram fé, identidade e ancestralidade. Hoje, com 35 anos, sou pastor evangélico. Nesse caminho, uma inquietação sempre me acompanhou. As pesquisas do IBGE confirmam aquilo que vemos nas ruas: o número de evangélicos cresce, sobretudo entre os pentecostais, e esse crescimento é marcado pela presença

de gente preta, pobre, periférica, como eu. Mas então, por que, mesmo com essa forte presença negra, ainda existe um distanciamento tão grande entre os negros pentecostais e sua ancestralidade africana?

Logo, lembro-me da perspectiva durkheimiana de que toda religião é constituída por um sistema de crenças e práticas que têm sua substância nas representações sociais. De acordo com essa formulação, religião não apenas reflete a sociedade, funcionando como uma cosmogonia que oferece sentido à existência, mas também desempenha um papel ativo na formação do sujeito. É por meio dela que o ser humano se constitui, sendo por ela dotado de ferramentas cognitivas para interpretar o mundo.

No Brasil, a religião cristã carrega em si uma marca do tempo e da autoridade: Deus é sempre visto como um senhor idoso, branco, distante e onisciente. Esse imaginário se infiltra na vida cotidiana, nas imagens de santos, nos cultos, nos filmes, nos livros e nas músicas, criando uma figura do Sagrado que reforça uma hierarquia social invisível. A relação com o divino, assim, não é neutra: ela constrói modelos de comportamento, de valores e de identidade que acabam por reproduzir padrões de poder historicamente estabelecidos, vinculando o que é considerado sagrado à branquitude.

Essa construção não é casual. Ela se desenvolveu em um país colonizado, onde a exploração de corpos negros e indígenas foi legitimada por discursos religiosos. Enquanto os povos originários eram vistos como inocentes e passíveis de proteção teológica, os africanos eram demonizados e submetidos a uma conversão forçada, transformando a escravidão em um suposto caminho de salvação espiritual.

Essa assimilação cultural impõe a nós, pentecostais negros, um peso invisível: a necessidade de moldar a fé e o comportamento segundo padrões que historicamente pertencem ao grupo dominante. Isso significa aprender a adotar uma linguagem, uma estética e uma espiritualidade que pouco dialoga com nossas referências culturais e históricas. Muitas vezes tive que vestir máscaras brancas para ser reconhecido e aceito, escondendo partes de mim para não confrontar o imaginário religioso hegemônico.

Por isso, participar do Axé-Amém foi justamente uma possibilidade de poder ajudar a construir pontes, criar diálogos e lançar sementes. Olhar para os meus irmãos de diáspora no terreiro e perceber que ali eu também estou, que minhas memórias, meu corpo e minha fé dialogam com aquele espaço, é uma experiência de reconhecimento e pertencimento. Quero me afastar das leituras reducionistas que nos colocam em pólos opostos: o bem contra o mal, luz contra trevas, Cristo contra Exu, salvação e perdição. Ao contrário, nessa relação, gosto e quero pensar na encruzilhada como metáfora viva, capaz de sugerir um campo de confluências, tensões e ressignificações.

Encerrar esta reflexão é também reafirmar uma possibilidade: é plenamente possível ser negro, pentecostal e fiel, sem esquecer da África que nos habita e da diáspora que nos forma. A fé não precisa apagar nossas raízes; pelo contrário, ela pode se entrelaçar a elas, criando caminhos de reconhecimento, resistência e celebração. No culto, no terreiro, no samba ou na oração silenciosa, podemos sustentar nossa ancestralidade e, ainda assim, viver a plenitude do Sagrado que nos acompanha desde a infância. Ser negro na igreja não significa abandonar a

África, mas levar a África conosco, respirando sua memória em cada suspiro de esperança.



Maxwell Valle Teixeira é marido de Renata, pai de Maitê e filho de Seu Maxwel e Dona Melissa. Teólogo e pastor pentecostal, é comprometido em construir pontes entre fé, ancestralidade e justiça racial.

Ao dividir nossas histórias, buscamos compreender de que forma podemos contribuir para o nosso território de maneira mais participativa e menos excludente com aqueles que não professam a mesma percepção de sagrado que a nossa.

Memória e afetos

Detalhes do vivido

Nathalia Neves

A minha experiência como integrante da formação Axé-Amém foi muito simbólica. Não só pela própria proposta, que era juntar pessoas negras de terreiro e de religião evangélica, mas também pelo próprio deslocamento de representações que desvalorizam a pertença religiosa do outro. Todos nós estávamos ali, de alguma forma, buscando entender como era possível encontrar diálogo a partir das diferenças.

Eu nasci e fui criada no Jardim Catarina, uma das maiores favelas-bairro da América Latina, e vivia imersa na religião evangélica desde muito menina, o que é muito comum entre moradoras de periferia. No meu caso, a influência se deu a partir dos meus vizinhos, já que os meu país apenas se declaravam católicos não praticantes.

No entanto, a partir dos elementos da minha espiritualidade cristã, eu não conseguia entender a atração e a curiosidade que sentia pelas histórias dos orixás. Em toda banca de jornal por onde eu passava, tinha que parar e ler as revistinhas que contavam sobre cada um deles. Havia beleza em seus mistérios, em suas vestes e, por alguma razão que na época eu não compreendia, eu me identificava com eles. Ainda assim, sentia medo, porque me diziam que era algo que eu não podia acessar, por ser demonizado pela Igreja Evangélica. Então, eu não dizia nada a ninguém sobre isso.

Como a minha conversão ao protestantismo se deu aos nove anos, passei por diferentes denominações: de

assembleiana para batista tradicional, depois batista renovada, até chegar à Comunidade S8, que tinha uma segmentação com a qual me identifiquei mais, por ter jovens mais alternativos e uma linguagem mais próxima do que eu buscava naquele momento.

E como o tempo carrega muitos ensinamentos, já na fase adulta eu comecei a compreender o diverso, a respeitar o diferente, percebendo que eu mesma estava inserida na "lógica da diferença", de quem não é considerado padrão em uma sociedade colonizada. Daí por diante, continuei buscando conhecer mais a Jesus, de quem sou admiradora, e me entrelacei aos mistérios das divindades oriundas das tradições africanas, reveladas a partir da minha ancestralidade.

Em minhas andanças, em busca de um espaço onde eu me sentisse pertencente, pois já não me identificava com algumas exigências e padrões que a igreja me demandava, sobretudo a ideia de demonização das religiões de matrizes africanas, encontrei a Comunidade Batista, localizada no município de São Gonçalo. Uma comunidade de fé que respeita a subjetividade do outro, que se preocupa com a justiça social e com a diversidade. Portanto, um espaço que representa a materialidade do que entendo como comungar. Como sempre digo, é o meu lugar de aquilombamento. Foi lá que conheci o pastor Júlio Oliveira, homem negro, engajado com os movimentos sociais e anunciador do evangelho de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, venho me dedicando a pesquisas acadêmicas sobre laicidade, intolerância religiosa e educação antirracista.

Esses foram alguns dos motivos que me levaram ao Axé-Amém: compreender a complexidade de nos confrontarmos fraternalmente com religiões diferentes

das nossas, entendendo que é possível o diálogo, pois ocupamos os mesmos territórios e os mesmos corpos, carregados de histórias e marcas de um passado afrodiaspórico. Hoje entendo que não se trata apenas de fé, mas também de um olhar coletivo, sobretudo na perspectiva da justiça social.

O Axé-Amém, além de ser um espaço que me ajudou a organizar as ideias de um ponto de vista religioso que não era o meu, me permitiu experienciar sentimentos profundos e muitos aprendizados ao conhecer as histórias de vida do demais participantes, entendendo o porquê de estarem ali, suas dores e alegrias. Todos os repertórios me tocaram de maneira muito intensa. A dor e a alegria deles eram, um pouco, as minhas também, pois perpassavam, de alguma forma, as minhas experiências.

Percebi que as nossas histórias, por mais distintas que fossem, tinham algo de similar, e isso nos aproximou muito. Não à toa, não só por coincidência, mas porque nossa ancestralidade é o vínculo que movimenta os fios que nos tecem.

No curso, éramos sempre recebidos com uma mesa de café da manhã farta. Era um momento em que compartilhávamos nossas idas e vindas, nossas experiências da semana. E, se tem uma coisa que o povo de terreiro e o evangélico gostam, é de uma boa comida, não é verdade? Assim se deram os dias de encontros e saídas de campo: aprendemos e rememoramos as histórias que atravessam o tempo e o espaço, permeando o chão que pisamos, nossas histórias, a terra que sobrevive abaixo do asfalto, as encruzilhadas, os espaços religiosos marcados pelos que vieram antes de nós e que resistem a toda tentativa de apagamento.

A partir dessa tessitura, circularam saberes que se encontraram, se misturaram e se transformaram em experiências dessa formação. Como diz a canção *Vida Código*, do Tiganá Santana: "A vida codifica o nó, meu nego, eu não desato só". E aqui estamos, ressignificando a história a fim de romper os abismos impostos pelas diferenças religiosas que crescemos ouvindo e que moldaram nossa forma de ver o outro e a legitimidade da sua religiosidade.

O momento mais marcante para mim foi a visita ao terreiro da iyalorixá Wanda D'Omolu. De alguma maneira, estar ali me fez sentir como na casa de vó, um lugar enternecido, onde sou cuidada, orientada e recebo a comida mais saborosa, que só vó sabe fazer.

Ao som dos atabaques fomos recebidos, e minha alma despertou naquele instante. Meu corpo pôde sentir a energia do lugar, afinal, eu nunca tinha experienciado algo semelhante. A Yá Wanda e todos os irmãos e irmãs do terreiro nos acolheram com muito afeto e carinho. Fomos convidados a nos sentar em roda e a conversar sobre as nossas primeiras palavras ditas no primeiro dia do curso; assim, declaramos quais sementes tínhamos plantados e quais frutos estávamos colhendo, como nos sentíamos e como estávamos no último dia. Foi notável que saímos bastante diferentes de como entramos. Eu, particularmente, já não era a mesma de quando entrei, muita coisa já tinha se deslocado em mim. Eu percebi que a escuta é muito importante, mas que o embate também é uma forma de aprendizado, e que não dá para falar só em afeto quando também há mágoas e ressentimento, há traumas e feridas. Tem um lado que sempre sente mais que o outro e, sem dúvidas, o povo de terreiro vem sofrendo

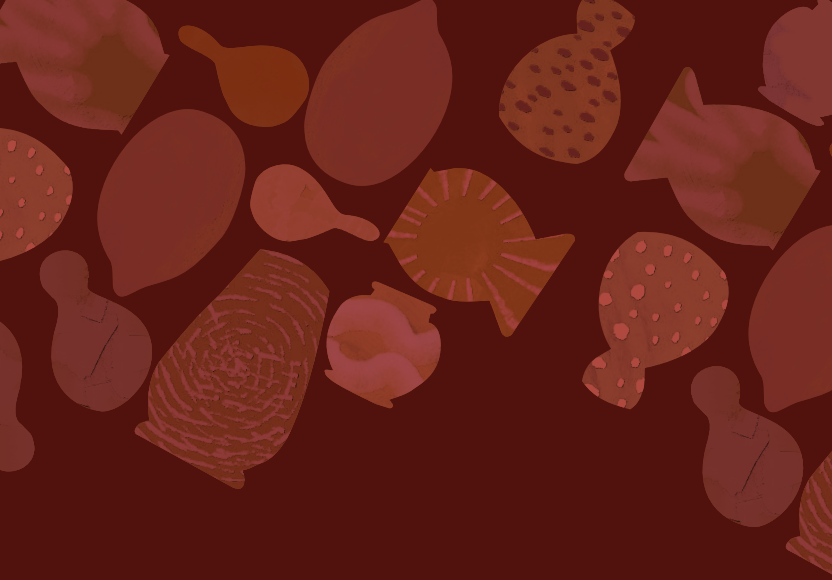
há décadas perseguições e violências, quando não na pele, de forma simbólica.

Essa formação abriu caminhos e só foi possível graças às pessoas que estiveram à frente e deram o melhor de si para que tudo desse certo, desde os organizadores e palestrantes até quem cuidou da organização do espaço, assim como cada irmão e irmã presente, cujas conversas e narrativas compartilhadas deram corpo ao Axé-Amém. Ao ouvir e dividir nossas histórias, buscamos compreender de que forma podemos contribuir para o nosso território de maneira mais participativa e menos excludente com aqueles que não professam a mesma percepção de sagrado que a nossa, mesmo diante das incertezas e complexidades que geram tensões e conflitos.

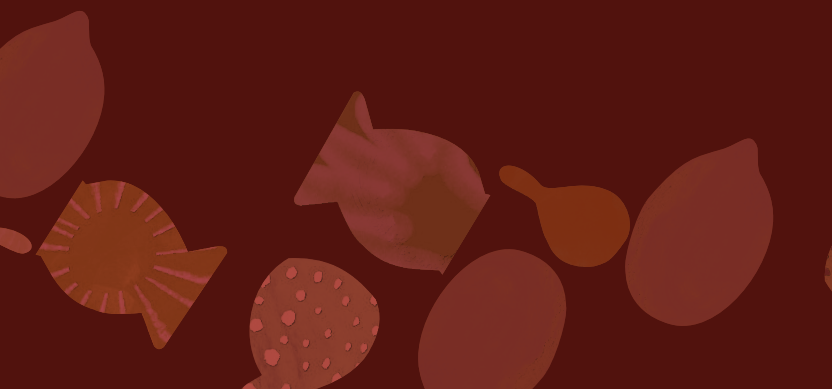
Não posso dizer que alcançamos um resultado final, mas sim que estamos em um processo em andamento, pautado nos diversos pensamentos que concebemos como possíveis de dialogar, trazendo à reflexão os elementos de como iremos caminhar e dar vida a uma experiência tangível e não acabada. Como expressa o provérbio bantu-kongo: *Mu kanda, babo longa ye longwa* (na comunidade, todos ensinam e são ensinados). Por mais Axé e Amém!



Nathalia Neves é mulher negra, tem 40 anos e é mãe da pequena Flora Caetano. Pedagoga em formação, pesquisa os temas da laicidade, da educação antirracista e do racismo religioso.



Percebi que muitas das feridas foram tocadas, reconhecidas e cuidadas no convívio com outras pessoas pretas de diferentes crenças.



Um balaio de trocas e experiências

Neua Ankumbi (Victória Paixão)

Iniciamos a formação Axé-Amém com a presença inenarrável de Yá Wanda, que nos provocou com uma pergunta essencial: qual semente você deseja plantar neste projeto? Ela nos convidou a pensar além das salas do ISER – a pensar na vida. As sementes que escolhi plantar foram progresso e movimento. Como filha de Nkosi – um nkise (divindade bantu) de deslocamentos, transformações e caminhos –, acredito que ter sido selecionada para essa formação foi um presente precioso na minha trajetória de construção pessoal: um movimento à frente, uma continuidade no meu caminho.

Minha relação com a religiosidade começou na infância, ou melhor, já no nascimento: fui batizada na Igreja Católica. Lembro-me das palavras da minha avó, que dizia que, segundo a doutrina católica, aqueles que não fossem batizados eram considerados "pagãos" – como se fossem desprovidos da presença de Deus, ou até mesmo de alma. Segundo ela, já havia sido comentado na igreja que essas pessoas sequer deveriam ser enterradas "como gente", pois o batismo seria uma das necessidades humanas básicas. Resgato essa memória porque a formação Axé-Amém me levou a refletir profundamente sobre minha família preta, composta por pessoas católicas, evangélicas, candomblecistas e outras que se afirmavam espíritas sem ser.

Segui com a catequese, embora esse processo nunca tenha sido muito claro para mim. Recordo-me de estar, ainda criança, nas salas da igreja aos domingos pela manhã, tentando entender o motivo de estar ali. Mais tarde, já nos bancos da paróquia, continuava me perguntando o mesmo. Hoje percebo que, naquele tempo, a imagem da Igreja Católica representava, para a minha realidade, um símbolo de status e de solução para os problemas à minha volta.

Nos primeiros encontros da formação, surgiram relatos potentes de pessoas pretas que se identificavam com a chamada "dupla pertença religiosa", ao perceberem semelhanças entre suas vivências em igrejas e em terreiros. Para mim, que hoje pertenço a uma comunidade de terreiro, isso faz todo sentido. Entendo que essas semelhanças não são meramente religiosas, mas profundamente atravessadas pela raça. Famílias pretas continuam sendo famílias pretas, estejam elas em terreiros, igrejas ou qualquer outro espaço. Crianças pretas continuam sendo crianças pretas, com os mesmos sonhos, desejos e afetos – seja no ambiente evangélico, católico, candomblecista ou outro.

Ficou evidente, para mim, que espaços religiosos como as igrejas também acolhem o racismo. Um dos grandes cultos celebrados ali é o do "Diabo", entidade historicamente associada a tudo que é negro. E digo isso com tranquilidade, pois escutei com dor e respeito os relatos de irmãos cristãos que também reconhecem essa associação racista em suas trajetórias de fé.

A partir dessa discussão sobre dupla pertença, revisitei muitas das minhas memórias com um olhar crítico e, por vezes, dolorido. Minha família sempre foi marcada pela diversidade religiosa. No entanto, algo sempre

me chamava atenção: as matriarcas negras, candomblecistas, que se apresentavam em público como "espíritas". Minha própria avó – mulher negra, católica, que me criou – referia-se a elas dessa forma. Quando comecei a amadurecer minhas ideias e concepções raciais, passei a corrigir essa narrativa, dentro e fora de casa, mas ainda com o peito armado, pronta para o conflito.

Era como se eu estivesse sempre na defensiva, até mesmo ao falar da minha própria fé, já desvinculada da Igreja e firmada no Candomblé. Durante a formação, fui entendendo que era necessário, sim, lutar pelos meus direitos e pelo meu respeito – mas que eu não precisava mais armar o peito, justamente por ter percebido que se tratava de um problema da infância, da família, do racismo religioso. Percebi que muitas das feridas foram tocadas, reconhecidas e cuidadas no convívio com outras pessoas pretas de diferentes crenças. E foi nesse ambiente de escuta, partilha e afeto que compreendi: minha semente foi, enfim, plantada com firmeza – de dentro para o mundo.

Tocar no tema da dupla pertença religiosa me levou a refletir a partir da perspectiva do Ibi e Irê. No contexto das cosmologias e contos africanos, Ibi representa o embrião, tudo aquilo que ainda está por se desenvolver. O Irê simboliza o que já amadureceu, aquilo que alcançou um estado de plenitude e consciência.

Pensar a dupla pertença por esse viés me fez compreender que o caminhar entre duas crenças diferentes não é, em si, um problema – desde que não haja uma hierarquização entre elas, especialmente no que diz respeito ao respeito mútuo. O problema surge quando essa dupla pertença é acionada de forma conveniente, e não coerente. Ou seja, quando se abraça uma tradi-

ção enquanto a outra é ocultada, negada ou desvalorizada – sobretudo quando isso é feito para atender às exigências do racismo estrutural.

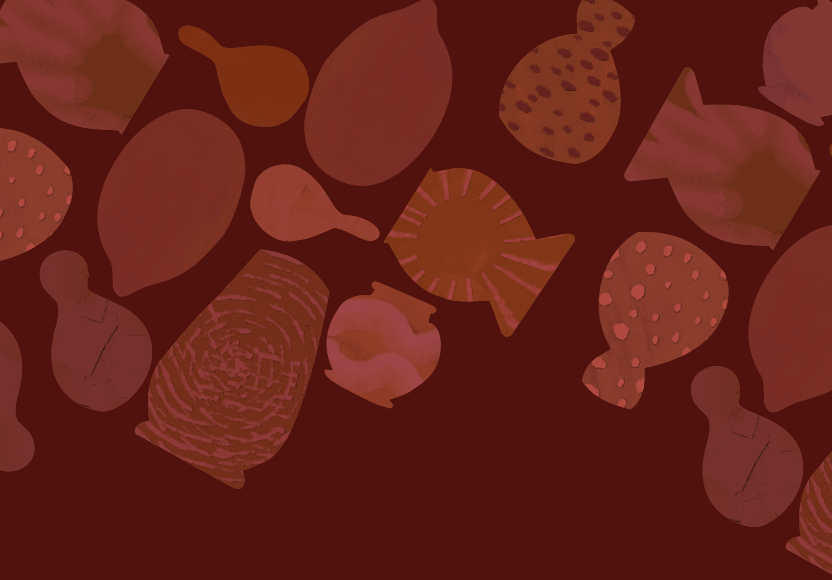
Para mim, ficou claro que é necessário rever as armadilhas da dupla pertença, especialmente quando ela se torna única e excludente sempre que o racismo exige silenciamento da fé de matriz africana. Essa reflexão não é apenas teórica: ela atravessa a minha vivência, e foi tocada, analisada e curada ao longo da formação promovida pelo ISER.

Gratidão, Nzila,
Nkosi,
Ancestralidade,
Carolina Rocha,
Obalerá,
Fabíola Oliveira,
Ronilso Pacheco e toda família ISER.

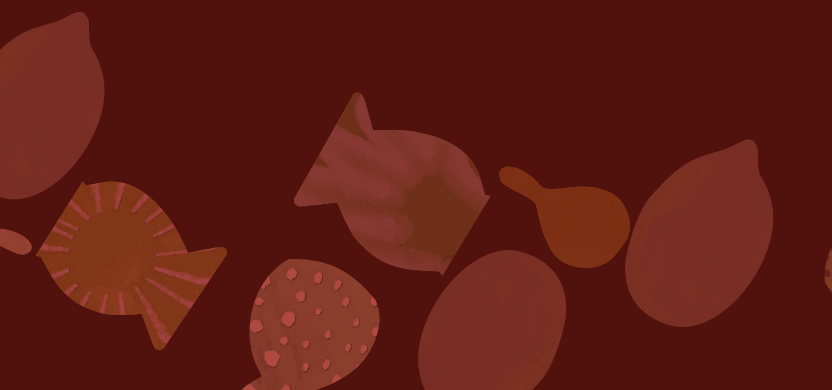


Neua Ankumbi (Victória Paixão) tem 25 anos, é candomblecista, mona nkisi do Terreiro Inzo Kioko Axé Sapucaia, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Atua na gestão cultural de territórios na Zona Oeste e é graduanda em Administração. Empreendedora, é fundadora da Neuá Cosméticos Artesanais, marca que conecta cosmética natural à ancestralidade afro-brasileira, em especial ao samba.





Antes de qualquer tradição religiosa, havia um ponto que nos unia: éramos todos negros, carregando no corpo e na memória as marcas de uma história de escravidão, de resistência e de luta.



Entre-lugares da fé

Paola Lima

Eu era bem pequena quando minha vida começou a se dividir: quinze dias na casa da minha mãe, com a minha avó Ceia, e quinze dias na casa da minha avó Gelsa. Na minha mãe, os fins de semana eram de missa, terço, primeira comunhão, catequese e dinâmicas paroquiais católicas. Na vó Gelsa, eram de culto, ensaio de coral, escola bíblica dominical e festas na Igreja Batista. Foi nesse trânsito entre duas tradições religiosas que minha identidade foi sendo formada, em meio a orações, louvores, ave-marias e pai-nossos.

Minha avó tinha um ritual: acordava cedo, cantando hinos, penteava o nosso cabelo e nos levava para a igreja (a mim e a minha prima). Quando eu dizia que não queria ir, ela cantava: "Deus não quer preguiçoso em sua obra….". Ela sempre foi uma senhora simples, mas sua fé era inspiradora e, de certa forma, me moldou. Já com minha mãe e minha avó Ceia a rotina era outra: sábado era dia de catequese. Eu, ainda criança, não conseguia me apegar profundamente a nenhuma das duas tradições, não havia tempo suficiente. Mas, sem que eu percebesse, aquelas experiências formaram quem eu sou.

Na adolescência, me identifiquei mais com a Igreja Evangélica. Lá, o povo me parecia mais animado, mais festeiro. Tudo era evento e comida. Fiz curso de teatro, dança, canto, participei de acampamentos, retiros e encontros de meninas. Tudo me parecia cheio de vida. Ali me senti incluída, acolhida. Decidi que seria evangélica, pois aquilo fazia sentido para mim.

Aos 18 anos, tive uma experiência profunda com Cristo. Em um acampamento de jovens, em julho de 2013, ouvi um louvor que dizia: "Ele não desiste de você, Ele se importa com você, Ele compreende o seu caminhar…". Senti naquele momento que Deus falava diretamente comigo, que seu amor me encontrava e sua graça me alcançava. Foi o divisor de águas da minha fé. Desde então, nunca mais me afastei.

E já são 12 anos de caminhada evangélica, passando por diferentes denominações (Batista, Quadrangular, Nova Vida) até me firmar na Igreja Presbiteriana, onde encontrei uma base teológica mais sólida, a teologia reformada. Hoje não consigo me imaginar em outro lugar.

No entanto, ser evangélica na Região Metropolitana do Rio de Janeiro tem sido uma experiência cada vez mais desafiadora. E, quando digo isso, não me refiro apenas às dificuldades pessoais, mas ao peso político, social e simbólico que essa identidade carrega. O Rio é um território de contradições: entre igrejas históricas, o crescimento explosivo das neopentecostais nas periferias e favelas, e a apropriação do discurso religioso pelo mercado e pela política. A fé, que deveria ser espaço de esperança coletiva, tem sido muitas vezes cooptada por lógicas neoliberais e conservadoras.

Em muitas igrejas, sobretudo neopentecostais, a mensagem tem se reduzido a uma equação simples: prosperidade material = bênção de Deus. Se não há bens, não há bênçãos. Como afirma o sociólogo Gedeon Freire de Aguiar,[1] neoliberalismo e neopentecostalis-

1 ALENCAR, Gedeon Freire de. (2010). "'A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses'. Entrevista especial com Gedeon Freire de Alencar". *Instituto Humanitas Unisinos*, 15 mai. 2010. Disponível

mo se entrelaçam como "irmãos siameses". Essa fusão torna a fé mais próxima à lógica do mercado neoliberal do que a de uma comunidade de fé de fato.

E é nesse contexto que ser uma mulher negra e evangélica na periferia se torna ainda mais complexo. O senso comum e principalmente a mídia, por meio de novelas, *fake news*, dentre outras formas que auxiliam na criação do imaginário popular, forjaram uma imagem única e homogênea do "crente", quase sempre associado ao bolsonarismo, ao conservadorismo moral e a uma visão acrítica da sociedade, principalmente quando se trata de crentes negros de favelas e periferias. Mas a realidade é muito mais diversa e contraditória. Existem evangélicos que resistem, que pensam, que cuidam, que se posicionam, que constroem outros caminhos possíveis.

O ano de 2018, com a polarização política intensa, deixou isso ainda mais evidente. De repente, parecia impossível ser evangélica sem ser confundida com uma apoiadora cega de candidatos totalitários.

Minha identidade foi atravessada por essa disputa simbólica: mulher, negra, gonçalense, periférica, e participante de uma igreja de teologia reformada. Essa combinação, por si só, é suficiente para gerar incômodos, questionamentos e até silenciamentos. É como se minha existência fosse constantemente lida como uma contradição ambulante. Afinal, sendo negra, espera-se que eu pertença às religiões de matriz africana, como se a negritude pudesse ser reduzida a uma única expressão religiosa, ignorando toda a pluralidade de trajetó-

em: https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/32457-a-teologia-da-prosperidade-e-o-neoliberalismo-sao-irmaos-siameses-entrevista-especial-com-gedeon-freire-de-alencar. Acesso em 05/09/2025.

rias que os negros no Brasil construíram. Por outro lado, por ser evangélica, muitos deduzem imediatamente que sou pentecostal/neopentecostal, já que essas são as igrejas mais numerosas e visíveis nas periferias. Mas também não sou. Minha fé se consolidou numa igreja de teologia reformada, herdeira da tradição protestante histórica, que carrega uma teologia densa, racionalizada, às vezes vista como "fria" ou "europeia" demais para corpos negros e periféricos como o meu.

Esse "desvio" em relação às expectativas gera ruído, estranhamento, e até certo incômodo. Pessoas negras olham para mim e perguntam: "Como assim você é reformada?" Irmãos evangélicos me questionam: "Como assim você é progressista, negra e fala de território, de racismo estrutural, mas permanece em uma igreja de teologia reformada?" Em cada espaço que ocupo, parece que minha presença desafia categorias previamente definidas, como se eu não coubesse em lugar algum.

Sou negra, gonçalense, periférica, progressista e de teologia reformada. Complexo? Sim. Confuso? Talvez para os outros. Mas essa sou eu. E não pretendo simplificar minha identidade para caber em caixinhas que não dão conta da minha experiência. O que incomoda, na verdade, não é apenas a soma dessas identidades, mas o fato de eu afirmar a possibilidade de existir nesse entre-lugar sem pedir permissão.

Ainda assim, aos olhos de muitos, toda essa complexidade se apaga, e sou reduzida a uma caricatura: "mais uma negra evangélica e bolsonarista". Como se minha fé anulasse minha consciência racial, como se minha negritude anulasse minha escolha teológica, como se meu pertencimento a São Gonçalo anulasse minha potência política. Mas eu insisto em afirmar: não

sou apenas uma coisa ou outra. Habito intersecções. Sou a prova de que nossas identidades são múltiplas, tensionadas e, justamente por isso, mais potentes.

E foi justamente nesse contexto que a formação Axé-Amém surgiu como um espaço em que pude compartilhar minhas vivências. Participar desse encontro foi como abrir uma janela e perceber que o horizonte da fé podia ser mais amplo do que já vinha me questionando. Ali encontrei outras pessoas que, como eu, buscavam viver uma espiritualidade negra e cristã que não se deixasse capturar pelas narrativas hegemônicas.

Lá, pude dialogar com pessoas de religiões de matriz africana e conhecer outras realidades e formas de praticar a fé. Como evangélica, cresci ouvindo frases que reproduziam estigmas e preconceitos contra pessoas que praticam essas religiões. Mas, nos debates, fui aprendendo que, antes de qualquer tradição religiosa, havia um ponto que nos unia: éramos todos negros, carregando no corpo e na memória as marcas de uma história de escravidão, de resistência e de luta. A formação Axé-Amém contribuiu para abrir diálogos sobre evangélicos que não estão atrelados a projetos políticos autoritários.

Hoje, ao olhar para minha caminhada, sou tomada pelo sentimento de gratidão. Gratidão pelas minhas avós, que plantaram em mim as primeiras sementes da fé. Gratidão pelas comunidades que me acolheram na juventude. Gratidão pelos louvores, orações, cursos, ministérios que participei (e participo até hoje) e acampamentos que marcaram minha trajetória. Mas, sobretudo, gratidão pela possibilidade de viver a experiência do Axé-Amém, com pessoas queridas e que me ensina-

ram a ampliar horizontes e a valorizar a riqueza das nossas múltiplas diferenças, identidades e práticas de fé.

Ser gonçalense, negra e evangélica carrega intersecções que são compostas por múltiplas complexidades, tensões e desafios, contudo, a partir da coletividade, é possível afirmar que há esperança para construir novos caminhos. Amém!



Paola Lima é cria de São Gonçalo e evangélica. Graduada em Direito, com pós-graduação em Direito Civil e Direito Processual Civil, com ênfase em políticas públicas de gênero, é também pós-graduanda em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como coordenadora de mobilização da Casa Fluminense, onde fortalece ações coletivas e incide sobre políticas públicas voltadas ao enfrentamento das desigualdades raciais, de gênero e climáticas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Descobrir, no convívio com pessoas de diferentes fé, que a espiritualidade era algo plural e, ao mesmo tempo, pessoal. Isso foi crucial para o meu processo de desconstrução de preconceitos.

Fé como travessia

Entre Jesus, Oxum e a Cidade de Deus

Raquel Rodrigues

De onde vêm meus preconceitos? Será que eles ainda estão aqui? Essas frases sempre me vinham à cabeça nos encontros da formação Axé-Amém. Nas trocas com meus colegas de curso, fui levada a me repensar, a me rever e a olhar minha história.

Sou cristã desde que me entendo por gente, filha de uma mulher de oração, varoa do coque, com a ponta do joelho escurecido de tanto arrastar no chão durante suas preces. Ela dirigia, e ainda dirige, um círculo de oração num quintal para além das "barricadas". Daquelas que, de acordo com o tráfico, protegem a Cidade de Deus (CDD) da polícia – mas nem de longe nos protegem contra a violência que a "guerra às drogas" propaga, guerra que no fundo a gente sabe ser contra os negros e pobres. No muro da casa da minha mãe tem uma placa com os seguintes dizeres: "Disse Jesus orai sem cessar: Casa de Oração. Sejam bem-vindos". Ao longo da minha vida, vi e vejo minha mãe atendendo pessoas conhecidas e estranhas em seu quintal para receber oração, e indo em diferentes casas para orar quem assim solicita.

Minha mãe veio de uma familia que tem suas raízes em Trajano de Moraes, na região serrana do Norte Fluminense, um território cuja memória ainda guarda as marcas da era do café e da escravidão. Ela nasceu 59 anos após a abolição, em uma família negra que, mes-

mo livre no papel e sem oportunidades reais, permaneceu naquelas terras onde seus ancestrais e mais velhos haviam sidos escravizados, e seguiu submetida a novas formas de exploração.

Desde muito cedo, ela e seus irmãos foram destinados à roça, onde a lógica imposta era: "vocês podem viver e plantar aqui, desde que parte da colheita fique para o dono da fazenda". Mas a realidade era cruel, pois quase tudo ficava para o fazendeiro e, quando a safra falhava, o que restava era uma dívida que aumentava o peso da dependência. Esse ciclo injusto, alimentado pela exploração e pela fome, marcou de forma traumática a relação da minha família com a terra e com suas crenças ancestrais. Minha avó morreu três meses após o parto do seu décimo filho e o processo até sua morte foi muito sofrido. Minha mãe e minhas tias dizem que ela morreu porque jogaram "macumba", já que as ervas não conseguiram salvar. Tempos depois, meu avô juntou as crianças e foi para o Rio de Janeiro, onde uma tia-avó, tentando fugir daquele ciclo de miséria, já havia aberto caminho, arranjando para minha mãe e minhas tias emprego em "casas de família".

No Rio, algum tempo depois, meu avô converteu-se ao pentecostalismo. A vida melhorou em comparação à da roça, mas foi nesse ponto que começou o apagamento das nossas origens nas religiões de matriz africana. Aos poucos, aprenderam a acreditar que toda a miséria e o sofrimento que viveram eram frutos da "obra do Diabo", pois na sua religião antiga adoravam a "deuses estranhos". Assim, o passado religioso da minha família transformou-se em tabu, uma história enterrada junto com a dor da terra que tanto os feriu. No entanto, em raras ocasiões, algumas memórias rompiam o silêncio e vinham à tona. Quando criança,

como tantas outras, eu gostava de ouvir as conversas dos adultos. Foi assim que escutei, pela primeira vez, sobre uma tia da minha avó chamada Zuza. Diziam que, durante os cultos, ela colocava suas saias, colares e pulseiras e dançava sobre as brasas a noite inteira, sem sentir dor, sem que o fogo ousasse queimar seus pés. Essa história sempre vinha acompanhada de um " Sangue de Jesus tem poder, aquilo era obra do Diabo!". Eu ficava imaginando a cena e morria de medo de sonhar com ela à noite.

Então, como uma criança crente, daquelas proibidas de comer doce de Cosme e Damião; que orava todos os dias para que vizinhos e familiares aceitassem Jesus, com medo de que fossem para o inferno; que desde pequena fazia amizades com crianças de Axé, mas sabia que, ainda que elas brincassem livremente em minha casa, eu não podia cruzar a porta das suas, muito menos comer qualquer coisa lá, porque tudo era do Diabo; aprendi desde cedo que as religiões de matriz africana eram pecado. Confesso: não entendia nada. Obedecia à minha mãe e alimentava um medo absurdo dentro de mim. Não tinha medo das minhas amigas, nem de suas famílias, tinha medo do demônio que imaginava viver na casa delas. E por isso orava, toda noite, pedindo a Jesus que matasse o Diabo e que salvasse todas nós, para que fôssemos juntas brincar no céu. Até porque, crescendo em uma favela, eu sabia que quando as situações de sobrevivência se agravam, muitas vezes as crenças ficam à margem quando quem chega junto é quem não professa a mesma fé que você.

Rememorando, lembrei que durante boa parte da infância acreditei que Jesus era o pastor da igreja que minha mãe frequentava. Ele andava pela favela e pela cidade, sempre de jaleco branco e com óleo ungido,

pedindo ajuda para a creche que a igreja mantinha, e muitas pessoas o procuravam em busca de auxílio. Recordo-me que em um culto um estrondo de bomba interrompeu os corinhos de fogo. Tiro, quando é perto, perde aquele estalo seco e ganha um som cheio, grave – bum, bum! Um rapaz baleado invadiu a igreja gritando "Jesus, Jesus, me ajuda!". O pastor correu em sua direção para socorrê-lo. Não lembro do desfecho, só da minha mãe e de outras pessoas correndo para o fundo do templo.

A Irmã Santa, parceira de minha mãe nas orações, hoje já falecida, dizia que o pastor Barbosa se metia em reuniões de gente que fazia manifestação, ou o que hoje chamamos de ativismo. Ele falava sobre a importância de permanecermos unidos e, no final do culto, a igreja sempre cantava:

> Unidos nos quer Jesus, unidos nos quer Jesus
> Na luta, na dor, nas trevas ou na luz
> Unidos nos quer Jesus

No início da minha pré-adolescência, minha mãe mudou de igreja. Fomos para uma congregação um pouco mais organizada, mas ainda pequena, raiz. Foi ali que vivi toda a minha adolescência e os primeiros anos da vida adulta. O pastor dessa igreja tinha uma característica muito peculiar: sua linguagem de amor era o serviço. Passava praticamente o dia inteiro nas ruas, fazendo aquilo que chamava de "obra de Deus": prestação de assistência aos membros da igreja e às pessoas da comunidade que batiam à porta em busca de ajuda. Sou da época em que as igrejas compravam kombis, e, de certa forma, aquele veículo se transformava em um símbolo de cuidado, ainda que, às vezes, de forma exagerada. Ele dirigia para todos os lados: entregava cestas básicas, buscava quem recebia alta no hospital,

levava e trazia para o culto idosos, doentes e pessoas que moravam longe. Também transportava móveis que alguém havia ganhado ou comprado, não importava onde. Além disso, visitava hospitais e presídios. Esteve presente no cuidado de uma jovem da comunidade acometida pela AIDS até o fim de sua vida. Foi também o único a visitar um rapaz privado de liberdade, que ali dentro havia "aceitado Jesus". Na adolescência, eu e ele tivemos vários atritos. Nunca fui de aceitar tudo sem questionar, e talvez por isso, já adulta, acabei deixando a igreja. Mas há algo que reconheço: embora soubesse que ele não era Jesus, em sua forma de servir, ele me fazia lembrar de Jesus.

Rememorando ainda mais, lembrei da Dona Benta, moradora antiga da CDD, que em sua casa de Axé oferecia cursos de alfabetização, artesanato e também auxiliava muitos moradores. Na infância, lá por volta dos oito anos, eu fui estudar no Brizolão, apesar de ser na CDD, era longe da minha casa e, no caminho, sempre passava na porta da casa dela pra beber água. No início, quando minhas amiguinhas paravam ali, eu me recusava a entrar e, muito menos, a beber água; às vezes, ela nos dava bolo. Eu tinha medo, mas muita curiosidade. Com o passar do tempo fui me familiarizando com aquela bondade e, além de beber água e comer o bolo, passei a orar para que ela aceitasse Jesus, pois, para mim, ela era boa e fazia a "obra de Deus" ajudando as pessoas, sendo assim, tinha que ir para céu. O tempo passou e eu mudei de escola. Nunca mais vi dona Benta, aliás, nunca mais não; o que eu só fui saber na fase adulta é que dona Benta era uma grande líder comunitária, mulher de Axé comprometida com a luta para fazer da CDD um lugar melhor. E eu, como educadora popular, quando vou trabalhar liderança com jovens e

mulheres, sempre conto a história dela como exemplo de liderança positiva.

Tem um trecho de um samba da Mangueira que diz: "na luta que a gente se encontra". É verdade. Ao nos depararmos com as desigualdades, a gente se reconhece, se afeta e pode criar laços para vida toda. Dona Benta, Pastor Barbosa e Pastor Roberto: três pessoas negras comprometidas com a sua fé que dedicaram suas vidas a melhorar a CDD. Fico pensando que, se não fosse o preconceito tão cruel que afasta evangélicos e pessoas de terreiro, talvez eles tivessem sido grandes amigos.

E por falar em amigos, em 2005 ingressei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), compondo a terceira turma de cotas. Foi na luta, no processo de tornar-me negra, mais consciente de quem sou, que conheci a Lourdes, minha primeira amiga de religião de matriz africana. Foi na universidade que constatamos o quanto racismo poderia ser bem mais sofisticado e velado do que a gente estava acostumada. Ali, a gente precisou, acho que instintivamente, se juntar. Nos afetamos, uma à outra, como nos ensinou a grande sábia Azoilda Loretto da Trindade, falando sobre os nossos marcos civilizatórios, os saberes ancestrais que vêm com a gente sem sequer termos noção, mas que se manifestam nas nossas formas de viver. Foi quando tive minha primeira crise de fé, e como foi libertador! Descobrir, no convívio com pessoas de diferentes fé, que a espiritualidade era algo plural e, ao mesmo tempo, pessoal. Isso foi crucial para o meu processo de desconstrução de preconceitos. E o "tornar-me negra" foi fundamental para isso. Ouso dizer que foi como um "aceitar Jesus".

Na UERJ também conheci Maísa, minha amiga-irmã, a pessoa que muitos anos depois salvou minha vida ao me ajudar a descobrir que eu estava com câncer. Calma, estou em remissão faz cinco anos e essa é outra história longa sobre os desafios da saúde da população negra, que fica para outra hora. Mas, prosseguindo, nos tornamos muito amigas na universidade e quando ela ficou noiva me convidou pra ser madrinha, mas havia um porém: seu casamento seria em um centro de Umbanda. Confesso que mesmo achando que já não possuía mais preconceito, vi aflorar em mim um receio de participar de uma cerimônia que reverenciava outra fé. Pensei em recusar. Mas como isso seria possível? Afinal, Maísa já era como uma irmã para mim. Naquela época eu participava de um movimento estudantil cristão e partilhei aquela angústia com um amigo do grupo, que me incentivou a aceitar o convite argumentando que, se eu acreditava que Deus era amor, por que eu não poderia estar com uma pessoa que amo em um dos momentos mais importantes da sua vida? Fiquei em paz, mas me senti aliviada quando ela me disse que o casamento seria na Igreja Católica.

No entanto, essa sensação me fez refletir: por que, para mim, ainda era "menos grave" ir a uma missa católica do que a uma gira de Umbanda? Por que ir a uma missa era aceitável, mesmo sabendo que, para muitos evangélicos, aquela forma de reverência também era considerada "errada"? E mais: eu passei a vida ouvindo líderes pentecostais em generalizações arbitrárias e cruéis, afirmando que tudo era obra do Diabo. Além do evidente racismo religioso, percebi que talvez essa distinção tivesse raízes políticas. Afinal, com o tempo, a aproximação entre católicos e evangélicos ganhou força, criando um senso de unidade para sustentar o

conservadorismo. Logo, estar numa cerimônia católica geraria menos julgamento, por parte dos evangélicos, do que estar numa gira. Mas esse conflito revelou algo doloroso: o preconceito, silenciado, permanecia em mim. Ele seguia capaz de influenciar minhas escolhas e limitar minha liberdade de amar plenamente as pessoas que me cercavam.

Me formei, fiz novos amigos e conservei os que já estavam comigo. Eu também mudei, sobretudo em relação à espiritualidade. Rompi com aquele deus que só me culpava e descobri o Deus da graça. Houve momentos em que quis simplesmente seguir a vida sem pensar no sagrado. Nesses tempos, eu dizia que estava "descansando o meu espírito". Foi nessa fase, em 2017, que vivi uma experiência decisiva para ressignificar meu olhar sobre as religiões de matriz africana e reconhecer nelas parte da minha própria ancestralidade. A convite de uma amiga, fui parar em um sítio, numa imersão destinada a mulheres negras ativistas que nunca haviam tido contato com esses cultos.

Até então, eu acreditava que já não guardava preconceitos. Afinal, já havia ido a uma gira com uma amiga. No entnato, quando recebi o convite para passar dois dias em uma casa de Axé, vivenciando suas práticas, o medo bateu. E junto com ele, aquele preconceito disfarçado, escondido dentro de mim. Fiquei angustiada. Como eu iria recusar? Eu, mulher negra, militante e milituda! Como admitir que ainda havia barreiras em mim?

Foi preciso, como se diz no pentecostalismo, "deitar minha glória no pó e reconhecer meu pecado". A gente só consegue transformar aquilo que aceita existir. Então, assumi para mim mesma: era hora de estar aber-

ta. Disse sim ao convite. Não me arrependi. Foi incrível! Pude ouvir, aprender e partilhar. A casa era de Oxum, e as mulheres que nos receberam eram Yabás – mulheres que cozinhavam. Vestimos as roupas de reverência e fomos todas para a cozinha, preparar as comidas sagradas, além de passar os dias aprendendo sobre nossas tradições ancestrais. No fazer, não havia nada de místico, apenas nós, mulheres negras, juntas, descascando legumes, limpando, temperando, cozinhando… E, enquanto isso, partilhando nossas histórias, dores, conquistas e memórias. Foi no simples ato de cozinhar que compreendi: ali também estava a minha ancestralidade, viva, pulsante, me chamando de volta. Na formação Axé-Amém, ouvi sobre o conceito de "dupla pertença religiosa", talvez seja aí o lugar de descanso para o meu espírito.

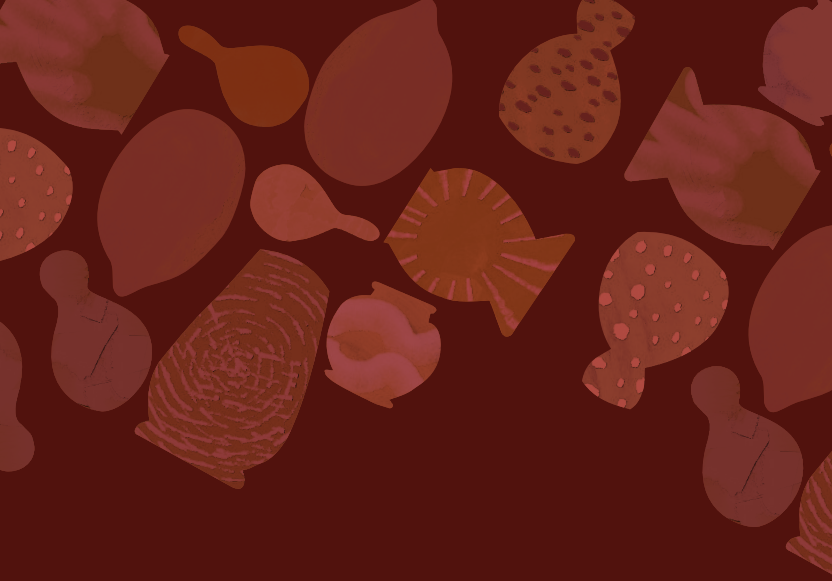
Hoje, boa parte da minha rede de apoio é composta por pessoas negras de terreiro. Com elas, eu aprendi e aprendo sobre meus ancestrais, assim como muitas delas também aprendem sobre valores da fé.

Acredito que é possível construir um mundo em que o respeito e a convivência entre diferentes crenças não só existam, mas fortaleçam nossas lutas coletivas. E, como mulher negra e educadora popular, quero me aprofundar em espaços onde poderei aprender, trocar e somar forças com outras pessoas comprometidas em combater a intolerância religiosa e o racismo religioso. Pois aprendi que a fé não pode ser um muro, mas sim uma ponte para construção de um mundo mais justo.

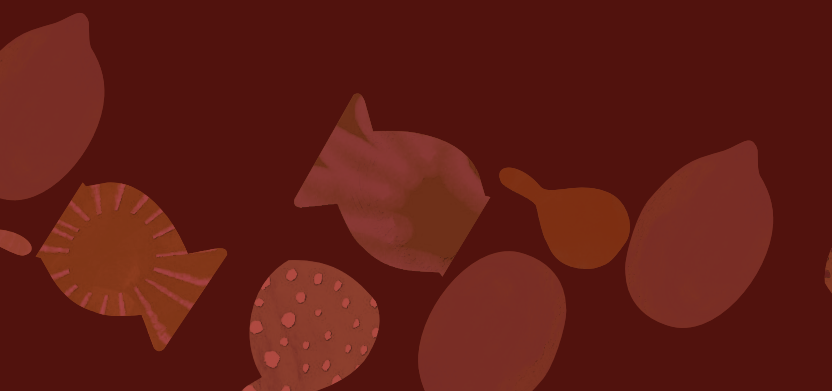


Raquel Rodrigues é mulher negra periférica, cria da Cidade de Deus, filha de Leninha, mulher de fé, e de seu Chiquinho. Com mais de dez anos de atuação no terceiro setor, é Educadora Popular em comunidades periféricas e professora de História na educação formal. Seu ativismo abrange Direitos Humanos, Equidade de Gênero, Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Inclusão. Ao longo de sua trajetória, compreendeu que a construção de um mundo mais justo exige o engajamento coletivo.





Há muito mais de *egbé* (comunidade) entre o Axé e o Amém, a partir de nossas vivências e subjetividades enquanto sujeitos negros, do que se pode imaginar



O nascimento de uma egbé pelos olhos de Ṣàngó

Renato Alves de Carvalho Junior

Nos cotidianos das tradições de matrizes africanas, egbé é um conceito de origem nagô-iorubá que significa comunidade. É a materialização da família ampliada para além dos laços de consanguinidade. É a reunião de pessoas que às vezes nunca se viram mas que por pertencerem a um mesmo clã espiritual passam a se tratar como pais, mães, filhos, filhas, irmãos e irmãs. Os elos do comunitarismo e da solidariedade racial extrapolaram os muros do terreiro e formaram correntes indestrutíveis presentes nas rodas de capoeira, nas escolas de samba, nas comunidades jongueiras, nas esquinas e em quaisquer lugares onde sujeitos negros possam se irmanar para além das diferenças. Foi graças à percepção ampliada pelos olhos de Ṣàngó que pude perceber a potência desta egbé chamada Axé-Amém.

Embora compreendesse a importância do diálogo inter-religioso, principalmente entre sujeitos negros, não conseguia mensurar como isso seria possível na prática. As minhas experiências nesse sentido nunca foram boas. A suposta universalidade das práticas cristãs hierarquizava o discurso com meus interlocutores e a conversa logo ganhava tom proselitista por parte deles. Ou então, me via sempre tendo que explicar assuntos considerados tabus, como a imolação e os processos iniciáticos. O que começava como uma tentativa de troca de saberes entre pessoas negras nunca alcançava os objetivos. Cheguei a pensar que “gastar meu Axé” com

quem só queria ouvir o próprio Amém seria perda de tempo.

Eis que recebo pelo Instagram a chamada para uma formação presencial que tinha como proposta "conectar pessoas negras evangélicas e de terreiro através das experiências de cooperação e fé". A proposta de superar hostilidades e dialogar mirando num futuro racializado a partir da cooperação e inclusão me atraiu na mesma medida em que me deixou receoso. Seria mais uma peripécia de Exu se alimentando da controvérsia?

Obviamente, me abrir para o diálogo não significa esquecer que as violências sofridas pelo povo de terreiro cotidianamente são protagonizadas por sujeitos e instituições que destilam ódio e se intitulam cristãs. Mesmo sabendo que nem todo evangélico "é assim", não dá para ignorar que há sempre alguém "assim" que se diz evangélico. É impossível esquecer dos terreiros depredados na Baixada Fluminense, do fechamento de muitas casas de Axé pelos desmandos do poder paralelo, das crianças de terreiro hostilizadas nas escolas e de tantas outras violências sofridas em âmbitos diversos. Contudo, decidi me desafiar e compreendi que as experiências anteriores não deveriam me privar das tentativas de vivenciar outras melhores.

Lembro-me que no primeiro encontro pratiquei de forma solitária e silenciosa um breve exercício: tentar identificar quem era do Axé e quem era do Amém. Durante o café da manhã, observei as roupas, acessórios, tatuagens e até mesmo os alimentos que cada um e cada uma consumia, pois alguns dos interditos do povo de terreiro são alimentares. Algumas suspeitas se confirmaram e outras não. Toda essa brincadeira, além de divertida, me fez repensar estereótipos. Me equi-

voquei, por exemplo, ao achar que trajes estampados e adornos de búzios não eram utilizados por pessoas evangélicas. Este episódio consolidou, já de início, que a solidariedade racial deve ser capaz de nos unir mais do que nos afastar. Afinal, vestir-se a partir de nossas ancestralidades, cores e símbolos nos empodera, nos (re)humaniza e nos coloca no mundo para além de uma, ou outra, pertença religiosa.

Desse modo, convido quem nos lê a um importante exercício: compreender que há muito mais de egbé entre o Axé e o Amém, a partir de nossas vivências e subjetividades enquanto sujeitos negros, do que se pode imaginar! Iniciar a formação fechando os olhos para o desconhecido foi fundamental para compreender a potência dos nossos encontros e para a aposta num futuro de diálogo a partir dos olhos de Ṣàngó, conforme explicarei adiante.

Em nosso primeiro encontro, uma dinâmica organizada pela Yá Wanda d'Omolu mexeu bastante comigo. Em algum momento, durante a encenação do texto escolhido para aquela manhã de sábado, fomos convidados a fechar os olhos. A proposta era desacelerar, respirar cuidadosamente e sentir os efeitos da leitura e o impacto de cada uma das palavras em nossos corpos. Em seguida, deveríamos registrar por escrito qual a semente que gostaríamos de plantar e quais frutos gostaríamos de colher a partir de nossa participação no percurso formativo. Entretanto, fechar os olhos e relaxar não é algo usual quando se é negro numa sociedade racista. Estar em alerta é questão de sobrevivência. Mas, por alguma razão, me senti à vontade para fechar os olhos e apenas apreciar o momento.

Nas semanas subsequentes, a potência dos encontros reverberava em mim e cada vez mais as palavras e os gestos do primeiro dia faziam sentido. Toda essa conversa de olhos fechados, respiração, semente e plantio me atravessaram profundamente. Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí,[1] defende que o ocidente hierarquiza os sentidos em detrimento da visão e, por conta disso, sugere a ideia de "cosmopercepção" para se referir à importância de sentir de muitas formas para além de simplesmente ver ou olhar. Era exatamente dessa maneira como eu me sentia a cada encontro: vivendo intensamente para além do que meus olhos poderiam ver.

Um de nossos últimos encontros também foi dinamizado pela Yá Wanda. Estávamos reunidos em seu terreiro, no bairro de Santa Teresa, próximo ao centro do Rio de Janeiro. Ao sentarmos no chão, em roda, não sabíamos onde começava ou terminava nosso coletivo. Àquela altura já não era mais importante saber onde começava o Axé e terminava o Amém, ou vice-versa. Neste mesmo dia, revisitamos nossas sementes, representando os votos que fizemos no início da jornada, e refletimos sobre o que havíamos germinado e, consequentemente, levaríamos adiante enquanto multiplicadores.

Encerramos nossa formação mais relaxados, irmanados e ainda mais aquilombados! Os corpos tensos e contidos nas cadeiras e as dúvidas dos primeiros encontros cederam espaço aos abraços, sorrisos largos e a certeza de que nosso trabalho não terminaria ali. Fiquei pensando que o tal "Jesus Preto de Nazaré", para

1 OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

o qual nunca havia sido apresentado, caminha lado a lado com Exu, o "Senhor dos Caminhos", sem que isso seja desrespeitoso ou contraditório. Andarilhos e comunicadores, ambos potencializam a vida e estão do lado da palavra bendita e das ações verdadeiramente capazes de transformar.

Sendo assim, se há séculos nossos algozes descarrilaram o curso da história ao fazerem nossos ancestrais se dirigirem a um portal de não retorno, é nosso dever fazer Palmares de novo todos os dias. Se um dia quem nos antecedeu rodeou a tal árvore do esquecimento, hoje podemos fincar nossos baobás e irokos, criar raízes, sermos sombra e porto seguro para aqueles e aquelas de quem um dia seremos ancestrais. E foi buscando inspiração na natureza, seus ciclos e movimentos, que encontrei uma forma de agradecer pela importante travessia que o percurso formativo Axé-Amém representou para mim.

Como agradecer aos irmãos e irmãs de barco que partilharam essa viagem comigo? Para além das palavras de agradecimento, abraços e fotografias, o que mais pode fortalecer nosso elo? Gostaria que cada pessoa envolvida pudesse dimensionar a potência desse pacto coletivo que representa nossa Egbé Axé-Amém.

Ao lembrar dos ensinamentos dos mais velhos e mais velhas recordei que os olhos de Ṣàngó enxergam os pactos firmados e reconhecem as verdadeiras amizades para além da vida e da morte! O orógbó é uma árvore de grande porte, que possui importantes propriedades de cura e representa o afastar das negatividades. Seu plantio geralmente ocorre a partir da semente, que não deve ser enterrada por completo, exige regas periódicas e sombra. Embora ela possa demorar anos

para frutificar, a força de seus galhos já é percebida nos primeiros meses após o plantio. Suas sementes são escuras, possuem uma casca difícil de ser removida e, quando são cortadas, liberam um forte amargor. Na ritualística do Candomblé, serve como oráculo, costuma ser um dos utensílios presentes nos assentamentos de praticamente todas as divindades e é compreendido por muitos como "os olhos de Ṣàngó".

E assim eu fiz: presenteei todas as pessoas envolvidas no percurso com uma semente orógbó e um pequeno trecho de um poema de Ifá com o qual encerrarei o presente texto. São com esses votos, portanto, que celebro e desejo vida longa ao Axé-Amém. Que nossas peles escuras superem todo o amargor das feridas que já nos causaram e que doeram de forma individual e coletiva. Os frutos podem demorar anos para brotar se tivermos a certeza que a rega e o plantio foram feitos adequadamente. Que sejamos longevidade e que nossas lutas reverberem para além da vida! Axé-Amém!

Poema do corpus literário de Ifá, ligado ao Odú Òdi Mé*jjì:*[2]

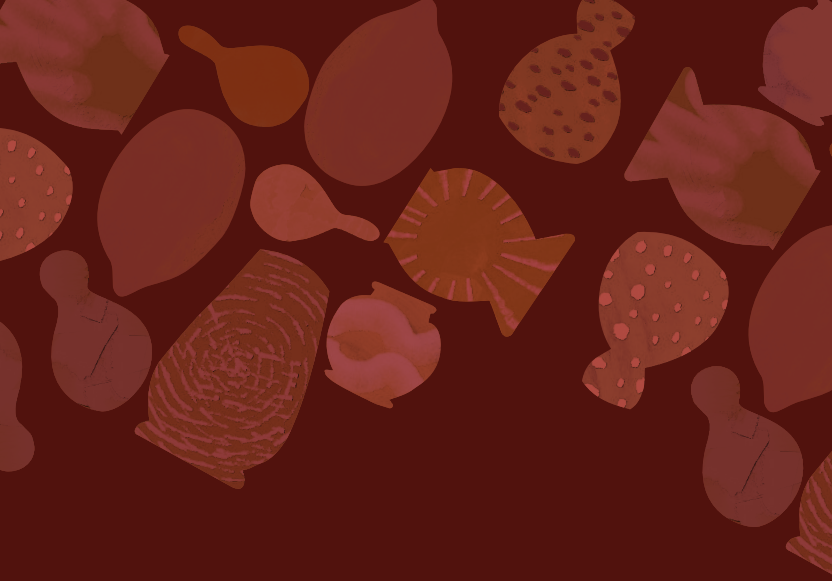
> *Bàbá Orógbó, bàbá orógbó, bàbá ojú orógbó, bàbá àjà nà gbò tì jẹ́ti jẹ́, adífá fún igún, ọmọ àlá rán bá wọn gbó fon. Orógbó kan gé ré. Orógbó kan gé ré. Orógbó kan gé ré. Orógbó kan gé ré. Orógbó kan gé ré nifẹ́. Àlá rán bá wọn gbó fon. Orógbó ọmọ lò gbó lọ́rọ̀. La kọ́lá gbó orógbó. Lá kọ́ Lá kọ́lá bẹ̀ẹ̀kún. Olódúmarè máa jẹ́àṣẹ òkú láyè.*
>
> Pai *Orógbó*, Pai *Orógbó*, Pai que dá maturidade aos olhos. Pai que encoraja a ganhar as

2 JAGUN, Márcio de. *Ewé: a chave do portal*. Rio de Janeiro: Litteris, 2019.

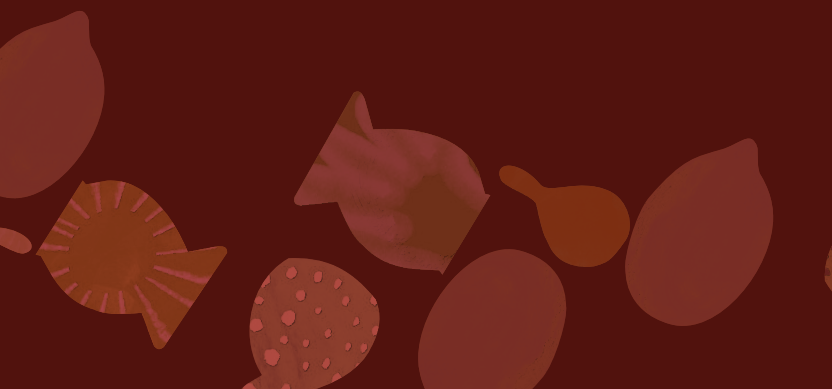
lutas e castiga quem gosta de ferir pessoas as humilhando, que deixa os filhos do abutre sob os cuidados dos sacerdotes de Ifá para que os ancestrais enviem sonhos que façam encontrar com quem está separado. Orógbó ensina os filhos a fazerem uso do ato de pedir perdão para que fiquem ricos e saudáveis. Orógbó ensina a ser purificado, purificado e amadurecido. Ensina a ser purificado, ensina a ser purificado, para suplicar abundância e plenitude. Com o poder de Olódúmarè, tanto o vivo quanto o morto sempre ganha.



Renato Alves de Carvalho Junior é pai da Mahê, filho de Ṣàngó, Ẹ̀gbọ́n do Ilé Àṣẹ Àiyé Ọbalúwáiyé, professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA), historiador formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre e Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e suburbano com orgulho.



A minha própria existência é um espaço de diálogo entre mundos.



No princípio, o encontro: a criação como diálogo ancestral

Rodrigo Peniche

"Religião não se discute" – é o que eu sempre ouvia desde criança, seja em casa, seja entre os amigos no colégio. Porém, essa máxima sempre me inquietou. O que me levou, desde sempre, a questionar: O que é religião? Quem é Deus? Será que haverá um apocalipse? E Èṣù é mesmo o Diabo? Essas indagações sempre me perseguiram, aumentando aquela constante inquietação. E a resposta era sempre a mesma: "Religião não se discute, meu filho."

A partir daí, comecei a dizer para mim mesmo: eu preciso estudar a religião, pois acredito que é algo que se deve discutir. Foi então que "fiz a loucura" de ingressar na teologia. Eu, um homem preto, favelado, do "reteté", do manto, homossexual (que até então não sabia), ingressaria em um curso majoritariamente branco para estudar a religião? Confesso que foi uma das melhores loucuras que fiz, pois me permitiu compreender a religião para além do rito, dos dogmas, das crenças, dos achismos, dos fundamentalismos.

Isso me levou a entender que sim, não uma, mas várias religiões, no transcorrer da história de nossa casa comum, foram e seguem sendo usadas como instrumento de persuasão, dominação e extermínio. E que religião se discute, justamente para que a intolerância e o racismo religioso não sejam relegados ao "mimimi", mas compreendidos como dispositivos de extermínio

de corpos subalternizados. Dispositivos estes que foram utilizados na Antiguidade, sob Antíoco IV Epífanes e Tito Flávio; no Cristianismo Imperial, sob Teodósio I; na Idade Média, sob o Papa Inocêncio III; no período colonial, sob Cristóvão Colombo, Hernán Cortés, Francisco Pizarro; e, atualmente, na pregação do pastor evangélico fundamentalista e na homilia do padre ultraconservador.

Foi a partir dessa compreensão que comecei a usar minha escrita como recurso para denunciar a presença desses dispositivos – tanto no espaço religioso quanto em instituições acadêmicas de confissão cristã – e promover o diálogo inter-religioso, bem como conhecer instituições que estivessem engajadas no combate à intolerância e ao racismo religioso.

Nessa busca, em meados de 2021, conheci o ISER, uma instituição empenhada não apenas em combater a intolerância e o racismo religioso, mas também em promover o diálogo entre tradições cristãs, africanas, afro-brasileiras, islâmicas, entre outras. Foi também nesse contexto que conheci Ronilso Pacheco, um teólogo preto que fala de teologia a partir de sua negritude, devolvendo-me a esperança de que, dentro do espaço acadêmico teológico, havia lugar para minha corporeidade preta, periférica e dissidente. Passei a nutrir grande apreço pelo ISER e sempre me pegava dizendo: "Algum dia farei parte de algum projeto desenvolvido pelo ISER, nem que leve anos."

E esse dia chegou. Em 2025, fui surpreendido pelo convite de Carolina Rocha para ser um dos facilitadores de uma formação promovida pelo instituto. Confesso que, na hora, fiquei vibrante e um tanto perplexo, pois o sonho daquele teólogo novato estava se concretizando.

Ao saber o título da formação – Axé-Amém – confesso que fiquei radiante e esperançoso, pois nascia ali mais uma iniciativa de promover o diálogo entre evangélicos e povos de terreiro, mas agora por meio de corporeidades pretas e periféricas do Rio de Janeiro, região que ainda é afetada por uma "guerra santa". Essa formação veio também como instrumento potente e ousado de enfrentamento aos efeitos do bolsonarismo nos últimos anos, como o aumento expressivo nos crimes de intolerância religiosa e racismo religioso, bem como o crescimento exponencial dos movimentos evangélicos fundamentalistas.

Tudo isso me levou a aceitar o convite sem pensar duas vezes. Dali em diante, fui tomado pela ansiedade e comecei a me perguntar: o que falarei nesse espaço? O que povos de terreiro e cristãos têm em comum que os faça dialogar? A primeira palavra que me veio foi "criação". E, a partir daí, compreendi que a criação seria o ponto de confluência desta formação.

Ao chegar e ver diversas pessoas pretas, de terreiro e de igrejas evangélicas, o sentimento de pertencimento, alegria e esperança me tomou. Vi, minha gente, que havia algo em comum: a ancestralidade africana. Estávamos reunidos para falar de nossas experiências religiosas e espirituais, de campos religiosos distintos, mas que, de algum modo, tinham algo que os fazia dialogar: a criação.

Não apenas o sentimento de pertencimento me tomou, mas também o de identificação. Lembrei do Rodrigo de 2021, em constante conflito entre permanecer na Igreja Evangélica, buscando aprovação e subsistência, ou iniciar sua jornada de resgate ancestral por intermédio do Candomblé. Também recordei minha tentati-

va de achar uma solução para o conflito espiritual entre ir ao culto, subir ao monte para orar e ir ao terreiro para receber um ẹbọ sem sentir culpa ou achar que estava "desobedecendo a Deus". Confesso: essa formação me tocou num lugar muito profundo.

Hoje compreendo que levar a temática da criação para um espaço entre gentes que comungam de uma mesma ancestralidade foi um "desígnio de Olódùmarè". Como sempre digo: a criação é o local onde todas as gentes e todos os deuses se encontram e se conversam. Isso fica muito nítido tanto no mito da criação cristã quanto no mito da criação yorùbá. Mesmo nascendo em tempos diferentes e em continentes distintos, esses mitos dialogam. Assim como o Deus Yahweh, que se manifesta no ato criativo de forma amorosa, moldando o homem de uma matéria tão singela e às vezes vista como insípida, o barro, para realizar uma das suas maiores criações: o ser humano; também Olódùmarè, dotado do mesmo amor, vai ao barro – que para os yorùbá é símbolo de sabedoria e ancestralidade, arquétipo da divindade Nànà – e, a partir dele, cria o ser humano com as próprias mãos, insuflando nele o seu espírito e partilhando com ele o seu próprio àṣẹ.

Para mim é muito belo falar da criação, pois falar da criação remete à minha infância e adolescência, àquele menino preto, muito questionador, que também se perguntava sobre a criação e buscava a todo custo entender se realmente houve um Adão e Eva e, se existiram, como deram continuidade à humanidade. Para além da minha infância, falar do ato criacional é relembrar um conceito teológico que ouvi de um antigo professor de missiologia: "a dança de Deus", que nada mais é que as múltiplas formas de Deus se manifestar e dançar na humanidade, seja como Yahweh, que molda

o homem através do barro, seja como Olódùmarè, que sopra seu espírito nas narinas do ser humano.

Deste modo, falar da criação nesta formação foi um exercício de resgate ancestral, um convite para compreender a imanência e a transcendência que há naquilo que chamamos de Deus; um Deus que não se prende à teologia do domínio, à teologia colonial, mas que está presente em uma teologia onde todas as gentes se conversam. Sua transcendência e onipresença irrompem os conceitos teológicos dominadores e genocidas.

Digo também que esta formação foi um processo de reencontro espiritual, pois, dentre os diversos relatos pessoais que ouvi, o que mais me tocou foi o de Fabíola Oliveira, uma mulher preta, pastora, que compreendeu que sua ancestralidade também fala com ela por intermédio dos Òrìṣàs. Confesso que, após ouvir esse relato, as correntes que me ameaçavam se quebraram: aquele medo de achar que estava desobedecendo a Deus por ir ao culto, subir ao monte para orar e também ir ao terreiro para fazer um ẹbọ caiu por terra.

Portanto, posso dizer que a formação Axé-Amém, para além de um ato formativo e combativo, foi também um ato de cura e de reencontro ancestral e espiritual. Saí desta formação com a certeza de que a minha própria existência é um espaço de diálogo entre mundos. Que o Deus que dança na criação continua dançando na minha corporeidade, na minha negritude, na minha fé e no meu àṣẹ. Esta experiência me fez entender que a luta contra a intolerância religiosa e o racismo religioso não é apenas acadêmica, política ou pastoral, é também espiritual. E que cada passo que damos na direção do diálogo e do respeito mútuo é um passo na direção de Olódùmarè, o Deus que cria, recria e nos chama a

recriar um mundo onde todas as gentes possam existir e celebrar juntas, numa linda àjọ (celebração) ancestral.



Rodrigo Peniche é homem preto, da favela, de àṣẹ e da palavra. Filho da diáspora e da encruzilhada. Historiador e doutorando em Teologia Yorùbá, caminha entre a academia e o terreiro, semeando saberes de ancestralidade, cosmologia e língua yorùbá. Escreve, canta e ensina para que a memória de seu povo siga viva no corpo, na história e no àṣẹ.



Nesse ponto de convergência, emergem dores, resistências e esperanças que, mesmo atravessadas por trajetórias diversas, compõem uma memória coletiva que aproxima e conecta essas vivências.

Entre o surrão e o ajoelhar

A experiência de um diálogo inter-religioso

Rogério José de Souza

Em 1985, o ISER publicou o livro *O negro evangélico*, de Regina Novaes e Maria da Graça Floriano,[1] obra pioneira que olhou para as relações raciais no protestantismo brasileiro em um momento em que o tema ainda era quase invisível. O estudo, realizado em igrejas metodistas, episcopais, congregacionais e batistas, buscava compreender como essas denominações lidavam com a presença negra em seus quadros e, sobretudo, em suas hierarquias institucionais.

Quatro décadas depois, em maio de 2025, a formação Axé-Amém surge com um gesto potente: reunir em um mesmo espaço pessoas negras evangélicas e de terreiro, com suas múltiplas trajetórias, memórias e pertenças. Mais do que um encontro, uma tentativa de criar um espaço de diálogo entre tradições religiosas que, embora distintas em seus pertencimentos, partilham a experiência comum de ser negro em uma sociedade marcada pelo racismo. Nesse ponto de convergência, emergem dores, resistências e esperanças que, mesmo atravessadas por trajetórias diversas, compõem uma memória coletiva que aproxima e conecta essas vivências.

1 NOVAES, Regina; FLORIANO, Maria da Graça. *O negro evangélico.* Rio de Janeiro: ISER, 1985.

Percebi essas reminiscências nos diálogos vividos durante a formação Axé-Amém. A busca pela alteridade se manifestou no corpo a corpo das trocas, revelando que muitos participantes desconheciam – ou ignoravam – a diversidade de nações, ritos e religiosidades das tradições de matriz africana. De forma análoga, o termo "evangélico" mostrou-se insuficiente para abarcar a pluralidade de expressões cristãs presentes. Nesse espaço de estranhamentos e reconhecimentos, emergiram reducionismos e preconceitos, mas que se transformaram em matéria-prima para um exercício coletivo de escuta e abertura ao outro, inaugurando um primeiro passo em direção à unidade no reconhecimento da diversidade religiosa entre negras e negros.

Dessa dinâmica surgiu o conceito de dupla pertença religiosa. Alguns participantes, hoje em religiões de matriz africana, foram anteriormente fiéis de igrejas protestantes, evangélicas ou católicas; no campo evangélico, observam-se migrações entre denominações ou trajetórias contínuas na fé cristã. A reflexão sobre dupla pertença, nos encontros, revelou para mim duas dimensões importantes. Primeiro, é necessário desapegar da ideia de que o vínculo à religião de matriz africana define e circunscreve a identidade negra: a fé da pessoa negra em outras tradições religiosas não diminui sua experiência racial. O foco do debate deve ser a origem colonialista e eurocêntrica das religiões cristãs e sua perpetuação no tempo presente, e não a fé da pessoa negra. Em segundo lugar, assim como os terreiros, as igrejas podem se constituir em espaços de reconstrução de uma identidade negra fundamentada em valores africanos ou afro-diaspóricos, e já existem diversas experiências de congregações que atuam nesse sentido. Assim, é necessário valorizar e divulgar um

repertório que dê significado à experiência negra para além das fronteiras das tradições religiosas afro-brasileiras, dialogando com processos de identidade negra e consciência racial celebrados pelos movimentos sociais e pela intelectualidade negra das religiões de matriz africana, bem como por lideranças, militantes e intelectuais negros do campo evangélico e protestante.

É importante recuperar que a sociologia brasileira consolidou uma tradição que privilegiou os estudos sobre as religiões de matriz africana, em especial o Candomblé, relacionando-o à identidade negra. Essa tradição, embora tenha conferido visibilidade às religiosidades afro-brasileiras, acabou por circunscrever a experiência religiosa negra a um único campo de referência. Como um dos efeitos, o crescimento progressivo da presença negra em igrejas protestantes/evangélicas atravessou todo o século XX sem que o tema fosse objeto de uma investigação sistemática, salvo, pontualmente, na primeira metade da década de 1980, com a publicação do supracitado livro pelo ISER.

De todo modo, as reflexões dispensadas ao tema, mesmo as anteriores aos anos 1980, sustentaram a ideia de que a inserção de negros no protestantismo brasileiro foi marcada por um processo assimilacionista, respaldado pelo mito da democracia racial. Nesse quadro, a promessa de igualdade espiritual convivia com hierarquias racializadas, e a conversão surgia como um caminho de ascensão social associado ao apagamento da identidade negra. O racismo era negado dentro das igrejas, tratado como desvio individual e não como fenômeno estrutural. Produzia-se, assim, uma distinção entre "negros de dentro", vistos como prova da redenção, e "negros de fora", associados a religiosidades afro-brasileiras e estigmatizados como in-

feriores. Ao deslocar o racismo para fora de seus muros e apresentar a fé como solução espiritual para a desigualdade, as igrejas reforçavam o mito da democracia racial, ao mesmo tempo em que resistiam a qualquer mobilização de caráter racial.

A título de ilustração, intelectuais como Nina Rodrigues e Gilberto Freyre, ainda que partindo de perspectivas distintas, reconheceram no Candomblé uma religião de e para negros, expressão autenticamente negra no Brasil. Para o primeiro, não haveria para o negro nenhuma possibilidade legítima de vivência espiritual fora dos limites dos cultos africanos, já que o africano não possuiria as condições de abstração necessárias ao Cristianismo. Freyre, por sua vez, celebra a mestiçagem religiosa como resultado da tolerância do Catolicismo no Brasil, o que daria condições para o negro aproximar-se da igreja sem abandonar suas crenças ancestrais. Posteriormente, Roger Bastide também reforçaria essa visão de reificar o Candomblé como religião de e para negros e, ao refletir sobre o protestantismo, afirmou que "o protestantismo dos negros não se diferenciaria do protestantismo dos brancos e teria um caráter 'puritano, dogmático e legalista".[2]

Essa leitura crítica encontra ecos em O negro evangélico, mas de forma mais complexa. A obra não reduz a experiência negra nas igrejas a um simples processo de assimilação ou apagamento identitário. Pelo contrário, ao mapear as relações raciais no protestantismo histórico, as autoras evidenciam o paradoxo vivido por pessoas negras: sua presença e ascensão em cargos de liderança coexistiam com mecanismos de silencia-

2 BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações.* São Paulo: Pioneira, 1960.

mento da identidade racial, sustentados pelo discurso igualitário e universalista das denominações. Assim, o livro abriu um campo de investigação ao mostrar como inclusão e negação se articulam, em vez de assumir um modelo explicativo único ou totalizante.

O curioso é perceber como tais interpretações ressurgem, quase inalteradas, nas exposições de irmãos evangélicos do Axé-Amém, com quem dialoguei na formação: relatos de experiências passadas, situações vividas no presente ou observadas em suas comunidades de fé. Esses testemunhos me suscitaram perguntas que vi sendo respondidas ao longo do encontro. Respostas essas que contrariam a ideia de um assimilacionismo, algo que retira a agência dos negros e negras cristãs: pois sim, as pessoas, individual ou coletivamente, estão enfrentando tacitamente ou estrategicamente, de forma velada ou explícita, o racismo. Não é possível defender um assimilacionismo hegemônico, totalizante e asfixiante, no qual a pessoa negra é um objeto opaco.

Por outro lado, chama a atenção o contraste com o campo das religiões de matriz africana. Entre o povo de terreiro, do qual faço parte, não ouvi relatos de embranquecimento ou tensões explícitas em torno da identidade negra, ou mesmo sobre eventuais tensões diante do relativo aumento da diversidade racial nos terreiros. Algo que também pode trazer tensões raciais vividas externamente para o interior das relações sociais estabelecidas nas casas de Axé.

A tradição intelectual negra brasileira, construída por nomes como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Clóvis Moura e Beatriz Nascimento, teve papel fundamental na formulação de uma crítica contra-hegemônica ao pensamento racial dominante. Esses au-

tores foram decisivos para reposicionar o negro como sujeito histórico, político e agente de transformação. Entretanto, é possível identificar que mesmo dentro dessa produção crítica, houve uma valorização recorrente das religiões afro-brasileiras como *lócus* privilegiado da resistência negra.

Essa ênfase – politicamente compreensível no contexto de marginalização e perseguição das religiões de matriz africana – contribuiu para consolidar um ideal de identidade negra fortemente ancorado na revalorização do passado africano, sobretudo por meio do Candomblé. Embora esse modelo tenha exercido grande força simbólica e mobilizadora, acabou por restringir o campo de reconhecimento da diversidade das formas de elaboração identitária negra, em especial no que se refere à religiosidade cristã. Entre os intelectuais citados, Lélia Gonzalez é a única que ressalta a relevância das lideranças cristãs negras, como o Reverendo Antônio Olímpio de Sant'Anna, no processo de abertura das igrejas ao debate sobre racismo e na articulação com o movimento negro – especialmente em sua trajetória na Igreja Metodista e no movimento ecumênico das décadas de 1970 e 1980.

Assim, em tempos de crescente pluralização religiosa e presença afirmativa de negros em espaços protestantes, inclusive na liderança de comunidades evangélicas e na articulação de movimentos negros evangélicos, torna-se urgente revisar esse legado interpretativo, ampliando o escopo das análises e reconhecendo o protestantismo como mais um terreno de construção identitária, disputa simbólica e resistência política da população negra brasileira. Ademais, o próprio conceito de "assimilação" precisa ser revisto à luz das estratégias de agência, pertencimento e reinterpre-

tação cultural operadas pelos sujeitos negros nas diversas tradições cristãs protestantes.

Gostaria de concluir ressaltando que qualquer projeto político do movimento negro para o Brasil passa, necessariamente, por uma aproximação, diálogo e compreensão das vivências de homens e mulheres negros evangélicos. O quilombismo, enquanto proposta de articulação e resistência, precisa incorporar essa expressiva comunidade negra evangélica, conciliando seus novos símbolos e experiências com aqueles que tradicionalmente caracterizaram o quilombo. A "experiência de ser negro" pode e deve servir como fundamento para a construção de uma unidade, desde que se reconheça que essa experiência é, por sua natureza, múltipla e plural. Não deve haver hierarquizações ou legitimações seletivas entre essas vivências: todas precisam ser reconhecidas como expressões legítimas da existência negra na diáspora.

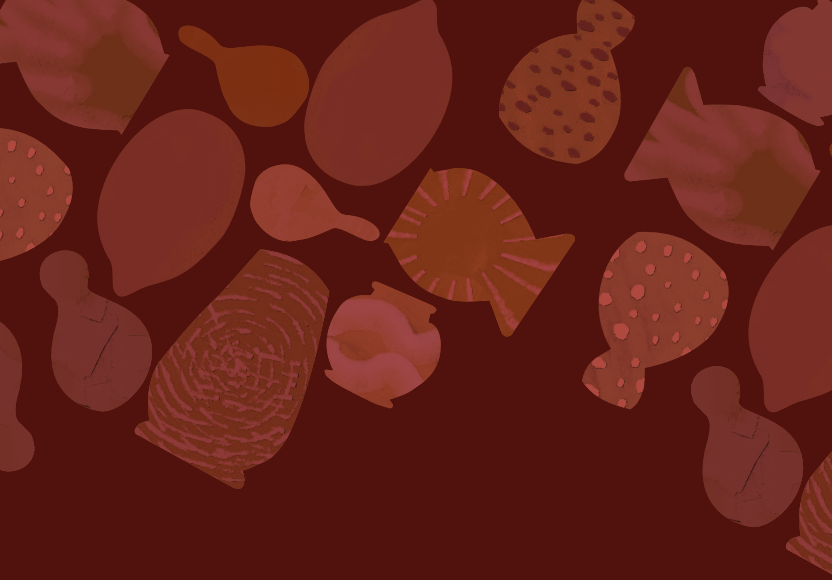
As políticas de ação afirmativa e o consequente aumento de negros e negras na universidade devem servir para a ampliação da pesquisa sobre as populações negras em todos os âmbitos das experiências de negritude, inclusive resgatando e referenciado ícones históricos e intelectuais negros/as protestantes/evangélicos/as como Agostinho José Pereira, o "Lutero Negro", Reverendo Antônio Olímpio de Sant'Anna, Maria da Fé, João Cândido, o Almirante Negro, Solano Trindade, Fabíola Oliveira e tantas e tantos outras e outros que não consigo listar neste texto. Esse repertório deve compor as práticas de ensino previstas pela Lei 10.639/03, pois trata-se também de uma temática do campo da história afro-brasileira. Tal reconhecimento é essencial para que a luta antirracista e um projeto político quilombista

sejam, de fato, inclusivos e representativos da diversidade que constitui o povo negro brasileiro.

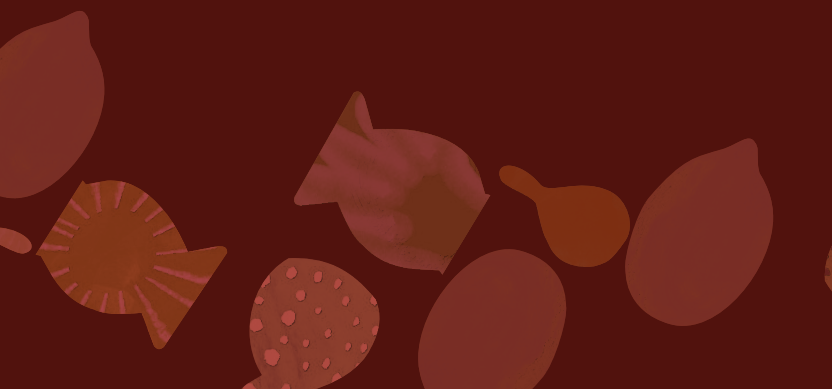


Rogério José é iniciado no culto de Ifá – Ilè Àjàgumalè. Filho de Elza Pontes e Paulimar José, neto de Dona Emília Marinho, com quem aprendeu a transitar entre a universidade e as ruas, valorizando todos os saberes sem hierarquizá-los. Formado em História, área na qual pretende se doutorar, busca na prática cotidiana e nas vivências comunitárias aprendizado e inspiração para sua vida.





Quando entendemos nossa história em comum, a religião deixa de ser uma barreira para a convivência pacífica e respeitosa.



O que aprendi no diálogo entre o Amém e o Axé

Romulo dos Santos

Nasci na cidade de Nilópolis, região da Baixada Fluminense. Fui uma criança considerada pobre, filho de mãe solteira, assalariada, e de pai não declarado. Tive uma infância com todos os ingredientes para me tornar um "fora da lei", pois morava próximo a uma comunidade onde havia tráfico de drogas. Ainda assim, como dizem popularmente, "tive infância": passava a maior parte do dia na rua, brincando com outras crianças. Apesar de não ter sido criado com uma figura paterna, nunca fiquei traumatizado, pois tive a ajuda da minha avó materna, Dona Joanna, que cuidava de mim e meus irmãos enquanto minha mãe trabalhava durante o dia. Ela foi fundamental para que eu me tornasse o cidadão que sou hoje.

Minha relação com a religião começou muito cedo, ainda como criança de comunidade pobre. Na convivência com os amigos do bairro, recebia convites para visitar a Igreja Católica, o Terreiro de macumba, a Igreja Evangélica e o Salão das Testemunhas de Jeová. Assim, participei de atividades na Igreja Católica, indo à missa aos domingos de manhã; fui ao Terreiro no Dia de São Cosme e Damião para pegar bolo e doces; participei da escola bíblica de férias na Igreja Evangélica e, na adolescência, frequentei o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. Essa última experiência se deu por influência da minha mãe, que na juventude participava das reuniões das Testemunhas de Jeová, também in-

fluenciada por minha avó, que fez parte dessa religião quando jovem.

Apesar do contato com esses segmentos religiosos, nunca fui membro de nenhum deles até chegar à fase adulta, quando comecei a frequentar a Igreja Evangélica e decidi me tornar membro. Minha conversão se deu ao enfrentar um problema no casamento. Na época, minha esposa passou a frequentar o culto evangélico para me libertar do alcoolismo. Assim começou minha jornada na Igreja Evangélica, onde desenvolvi meu lado espiritual e passei a exercer atividades eclesiásticas que, ao longo dos anos, me levaram ao ministério pastoral.

Percebi o confronto latente que existe entre a Igreja Evangélica e a "macumba", quando comecei a atuar como obreiro, uma pessoa que auxilia o Pastor na condução do culto. Foi então que aprendi que devemos estar atentos com a batalha espiritual que existe durante o culto: os demônios ficam ao redor, prontos para atacar os filhos de Deus, e caberia a nós estar preparados para expulsá-los das pessoas. Também aprendi que esses demônios seriam provenientes da "macumba".

Até então, tudo parecia natural, porque o cenário era novo e o entendimento era o de que essa seria a maneira correta de proceder como evangélico e servo do Senhor de Jesus Cristo. O que me incomodava eram as palavras preconceituosas em relação aos "macumbeiros" e os ensinamentos de que não deveríamos conversar nem nos aproximar "desse tipo de pessoa". Esse ensinamento me preocupava, porque, apesar de ser evangélico, eu sempre tive uma consciência cidadã, respeitando as pessoas e os seus direitos, assim como entendia que cada um tem o direito de professar a sua

fé e que eu não posso impor a minha fé ao meu semelhante.

Em razão desse entendimento, sempre convivi com este conflito. Nunca deixei de falar com quem quer que fosse, ainda que a religião me ensinasse o contrário. Aos poucos, percebi que algo não estava de acordo com os ensinamentos de Jesus, que nos ordena a amar o próximo como a nós mesmos e não fazer acepção de pessoas. Dessa forma, nunca alimentei o sentimento de aversão aos integrantes das religiões de matriz africana, pelo contrário, procurei desenvolver minha espiritualidade sem me preocupar com a religião alheia. No entanto, presenciar atitudes de intolerância religiosa me inquietava, especialmente porque, desde a adolescência, muito antes de me tornar religioso, eu acompanhava nos noticiários o trabalho do professor e babalawô Ivanir dos Santos. Uma vez que sempre tive um viés cidadão ao professar minha fé, esse professor chamava a minha atenção quando aparecia na televisão, defendendo a liberdade religiosa e a possibilidade de diálogo entre adeptos de religiões diferentes.

Já como pastor presidente de uma igreja evangélica independente, nunca adotei um viés combativo em relação aos irmãos das religiões de matriz africana. Procurei seguir minha religião, minha fé, e me dedicar completamente àquilo em que acreditava. Para isso, me formei no Seminário Teológico e me graduei em Teologia, buscando melhor capacitação para exercer o ministério pastoral e obter independência de pensamento, uma vez que o integrante da maioria das denominações evangélicas não possuí essa liberdade.

Em 2020, durante a pandemia, os cultos foram reduzidos e até proibidos, e eu passei a ter mais tempo

livre em casa. Foi então que comecei a acompanhar na internet conteúdos relacionados às religiões de matriz africana, como rituais de Umbanda e Candomblé, estudos sobre filosofia e espiritualidade africana. Percebi que me ensinaram muito superficialmente sobre esses temas. Entendi que as religiões de matriz africana estão muito bem fundamentadas e que possuem lideranças extremamente cultas e capacitadas, sendo muitos deles até mais qualificados que muitos evangélicos radicais, e que se abandonarmos o olhar preconceituoso poderemos aprender muita coisa com eles. Ao adotar um olhar teológico e não religioso extremista e preconceituoso, percebi que, quando se fala em "macumba", na maioria das igrejas evangélicas, está se fazendo referência a um termo pejorativo, carregado de preconceito e que, na maioria das vezes, as pessoas são ignorantes acerca do que discursam, apenas repetindo ensinamentos antigos, carregados de racismo religioso.

Foi nesse contexto que conheci o ISER pelas redes sociais. Em tempo oportuno, vi o convite para a formação Axé-Amém e achei interessante a proposta de diálogo entre pessoas negras de terreiro e pessoas negras evangélicas, pois entendi que havia uma possibilidade de conhecer os irmãos da "macumba" e poder dar a minha contribuição para quebrar essa barreira do preconceito religioso por parte de muitos evangélicos.

Então, me escrevi no processo seletivo e fui selecionado para participar dessa formação, onde, no meio de pessoas negras evangélicas e de terreiro, pude sentir a brasilidade e o que é ser um brasileiro nato, negro. Senti-me representado e entendi que no processo histórico de formação da identidade brasileira o colonizador tentou deixar de fora nossas raízes ancestrais africanas, em um processo de apagamento de nossa memória,

memória essa fundamental para que haja diálogo entre pessoas brasileiras negras. Quando entendemos nossa história em comum, a religião deixa de ser uma barreira para a convivência pacífica e respeitosa.

Compreendi que muitos evangélicos têm uma concepção equivocada sobre as pessoas das religiões de matriz africana. Ao contrário do que pensam, essas pessoas são, acima de tudo, seres humanos como qualquer um de nós e extremamente abertas ao diálogo e convictas de suas crenças, capazes de desenvolver uma sinergia extremamente responsável, aceitável e agradável. São pessoas com as quais, se deixarmos de lado o extremismo religioso, podemos conviver tranquilamente. Ainda mais quando colocamos em prática o altruísmo, abandonando todo egoísmo religioso e entendendo que o meu próximo tem o direito de professar sua religião, assim como eu tenho o meu. Mas esse direito não impede a convivência pacífica, e há até a possibilidade de trocas de experiência religiosa de ambas as partes.

Durante a formação, entendi que é possível nos amarmos enquanto brasileiros negros, mesmo professondo credos distintos, e que esse amor pode ser uma semente a ser transmitida a toda população, rompendo com todas as formas de racismo e de preconceito religioso. Enquanto uma pessoa de fé, o Axé-Amém foi um divisor de águas na minha vida, pois foi a primeira vez que, como evangélico e Pastor, entrei em um Terreiro de Candomblé. A experiência foi única e enriquecedora. Apesar da expectativa pulsante, tive uma recepção totalmente respeitosa e amável da Yá Wanda d'Omolu, zeladora do Ylê Asè Egi Omim, e de seus filhos, pessoas especiais. A sensação era de que eu estava em casa. Ali, senti uma energia espiritual muito agradável, que

dissipou qualquer resquício de preconceito que ainda pudesse existir em mim.

Hoje, após a formação, tenho uma visão totalmente diferente daquela que tinha quando jovem pastor. Graças ao Axé-Amém, estou ainda mais aberto ao diálogo com os irmãos das religiões de matriz africana e sabedor de que é possível, sim, esse diálogo respeitoso e agradável. Para isso, primeiramente, devemos respeitar a dignidade da pessoa humana como fundamento básico, pois tudo começa com o respeito.

Dessa forma, gostaria de agradecer ao ISER, aos facilitadores e aos coordenadores da formação – Ronilso, Carolina, Obalerá e Fabíola. Para mim, essa aproximação foi fantástica, gostei muito e pretendo passar para o povo do Amém como foi essa experiência de colocar em prática as palavras Jesus Cristo que nos manda "amar ao próximo com a nós mesmos".



Romulo dos Santos é Bacharel em Teologia (FAER-PI-2015), bacharel livre em Teologia (STNB-2008) e licenciando em Geografia (UERJ). É Militar. Foi Pastor Auxiliar na Igreja do Nazareno em Olinda, Nilópolis – RJ (2009-2013), foi fundador da Igreja Evangélica Shamayim em Corumbá – MS (2015) e é membro da Convencion Nacional de Los Ministros de la Asamblea de Dios Boliviana, Ministério Torre Fuerte, em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia (CONMIADIBOL-2022).



O futuro é ancestral. Eu sou filha dele. Eu sou o grito e a cura de quem foi silenciado. Eu sou o corpo vivo daquilo que o Axé-Amém ajudou a gestar.

As chaves de um baú ancestral

Sarah Pinheiro de Oliveira Teixeira

Sendo uma mulher preta, a igreja evangélica me deu muito. Ela me forneceu espaços para me desenvolver, uma voz que aprendeu a reivindicar com firmeza os direitos e a denunciar injúrias, uma autoestima forte e consciente da minha figura, a possibilidade de existir de forma plena e digna. Deu-me ferramentas de oratória que me auxiliaram e ajudaram a tantos, além de acessos que o Estado não criou para pessoas pretas como eu. Mas o fundamentalismo e o racismo religioso me tiraram, igualmente, de forma agressiva e voraz, tudo isso em uma proporção desumana.

Minha jornada em berço evangélico começa de forma poética, desde o ventre da minha mãe – como se fosse uma releitura contemporânea do profeta Jeremias aplicada a mim: eleita e separada para uma missão quase celestial ainda no útero. Era assim que minha mãe descrevia a gestação, atribuindo-lhe um romantismo espiritual após mais um caso de infidelidade conjugal do meu pai.

Há coisas tão repetidas que acabam virando verdade comum. E como é bom crescer tida como eleita dentro de um sistema criado para o extermínio de gente preta? Mulher, preta, moradora de favela na zona norte do Rio de Janeiro, sobrevivente de abuso sexual. A característica que sustentava todas as encruzilhadas dessa existência complexa era a de uma mulher cristã de fé, trabalhadora árdua da casa e da causa do Senhor. A base que tornava possível existir e resistir era a reli-

gião: um portal onde eu adentrava e conquistava o direito de exercer minha cidadania. Eu falava, eu votava, eu liderava, eu era amada, eu era advertida, eu era vista como igual. Eu era um membro ativo e importante, que constituía o corpo do divino. Eu tive muita sorte, como mulher preta, de crescer nesse mundo – até descobrir que o mundo é maior do que uma comunidade religiosa pode comportar. Fui, então, duramente repelida por ele, já não mais como a escolhida desde o ventre, mas como o "mal a ser combatido".

As inquietações diante dos dogmas que me aprisionavam eram como grades invisíveis: eu sentia que não cabia mais nelas. Meu corpo, templo vivo, ao sentir o sagrado, clamava por movimento. Não queria a imobilidade de um banco de madeira; queria dançar, pulsar, interagir com a energia que me atravessava. As doutrinas frias, formuladas por vozes que não falavam comigo nem com minha essência, já não encontravam morada em mim.

E então algo se rompeu. Rompeu em mim como a bolsa uterina de uma mãe no instante em que o bebê precisa nascer, porque já não há espaço no antigo abrigo. Era o parto de mim mesma. O desejo visceral de (re) conhecer uma parte minha que havia sido silenciada por gerações.

O primeiro toque do atabaque me atravessou como uma memória guardada na pele. Foi reencontro. Foi saudade de algo que eu nem sabia que existia em mim. O som não era apenas música; era chamado, era voz ancestral. O medo ainda tentou permanecer, mas foi cedendo lugar. Primeiro para a curiosidade, depois para a entrega. Até que se transformou em desejo: desejo de ser do Axé, de recuperar o elo rasgado por mais

um sequestro racista que nos tentou arrancar da nossa fonte.

Entender esse sequestro não foi simples. Exigiu de mim uma escavação íntima, uma investigação familiar profunda, feita de silêncios, memórias escondidas e lembranças interditadas. Foi durante a formação Axé-Amém que comecei a puxar esses fios. E sei que continuarei, porque esse processo é como abrir um baú ancestral: quanto mais se mergulha, mais camadas se revelam, mais vozes ecoam, mais raízes se entrelaçam ao meu corpo.

Venho de uma família tradicionalmente brasileira: Pinheiro e Oliveira. Do lado paterno, influências pretas em diáspora, vindas da África Ocidental pelo tráfico negreiro; do lado materno, ascendência indígena e miscigenada de branco e negro. Eu sou também o encontro – ora insurgente e forte, ora violento – do que é o Brasil. As marcas desse encontro são profundas na minha família.

Minha avó materna, indígena, era famosa por seus batuques, benzimentos e atendimentos de cura no quintal de casa. Recebia suas entidades e trabalhava com ervas em uma religião que misturava Catolicismo e Pajelança. Ali, sob essa raiz forte, criou seus nove filhos. Mas, com o avanço do proselitismo pentecostal, somado a questões mais profundas e subjetivas, foi aos poucos redirecionando seus referenciais de fé. Hoje, as histórias com ervas ganham tons de passado, do "tempo da ignorância". As entidades que antes curavam passaram a ser vistas como espíritos caídos, e o batuque foi substituído pelos playbacks mixados com palavras filosóficas e teologias cristãs.

Esse passado foi racionalmente apagado da história familiar pelos filhos que antes corriam entre as ervas, as fumaças dos defumadores e pediam a bênção da Preta-Velha no toco. Hoje, convertidos, acreditam que esse tempo foi superado. Mas a ancestralidade é um canal vivo, que ecoa até nos lugares mais inóspitos, servindo a quem deseja ouvir. E eu queria ouvir. Ouvir uma voz que não era falada, mas sentida toda vez que minha avó, já idosa, diante de um neto doente, orava, lia um salmo e passava ervas pelo corpo, dizendo: "isso é quebranto, tem que cuidar". Ou, ainda, quando algumas entidades – antes amigas, agora repelidas – insistiam em "baixar" nas reuniões que, transformadas em cultos, as repreendiam como o mal.

Foi nesse contexto de tantas camadas que, aos 28 anos, escutei a voz que ecoava inicialmente baixa, mas que ganhou força até se tornar inevitável: eu escolho a espiritualidade que não conheci oficialmente, mas que nutriu a mim e à minha família. De líder evangélica, exponencial missionária e cantora, encontro-me hoje na Umbanda. Livre, em paz, desacelerada de tantas incertezas e inseguranças que achava serem características pessoais, mas que eram sintomas de um sistema religioso que não pensava nas diversidades que eu carregava no âmago do meu ser.

A Umbanda, religião brasileira que reúne aquilo que o racismo religioso fez minha família esconder: as marcas culturais e étnicas que nos moldaram. Mesmo enclausuradas, eu as vejo resistirem na performance do meu núcleo familiar que evoca raízes de África, das matas, dos quintais iluminados por velas, com imagens de santos católicos e cheiro de arruda, mas que hoje tem outros significados.

A formação Axé-Amém me trouxe, estranhamente, deslocamentos temporais e espirituais para lugares afetivos em que nunca estive; experiências sensoriais que não vivi, mas que remontavam memórias coletivas e geracionais, como se estivessem adormecidas em meus genes. Ao me deparar com os debates, vivi um processo de expansão: espiritual, social e emocional.

Essa experiência me permitiu reconectar com partes de mim que haviam sido ocultadas, compreender – e até perdoar – minha família, que ontem foi ninho e hoje, infelizmente, reproduz o ódio religioso que a fez abandonar a fé ancestral. Talvez a formação não tivesse essa pretensão, mas me salvou. E, junto ao amparo da minha casa espiritual, o Templo de Umbanda Caminheiros da Luz (TUCAL), aprendi a enxergar tudo por um prisma mais profundo.

Eu não vou dizer que não dói. Como mulher preta, sei que a sociedade racista sempre tentou negar a mim o direito ao afeto. Mas quando a recusa vem da família, o golpe é mais duro, é como sentir a alma em pedaços. Ainda assim, eu caminho. Caminho porque sei que cada lágrima que derramo é também água de rio, que corre, limpa e leva. Caminho porque não estou só: os passos que dou são atravessados pelas vozes dos que vieram antes, e os que virão depois já sussurram dentro de mim. Eu decidi bancar minha identidade ancestral por mim, pelos meus, pelos que nascerão do meu ventre e dos ventres de minhas irmãs. Que eles possam escolher a fé que quiserem – Axé, Amém ou qualquer outra – mas que caminhem sabendo que há uma raiz que os sustenta, e essa raiz é sagrada.

Eu amo minha família preta e miscigenada, mesmo quando o amor me é negado. Amo minha fé e ancestra-

lidade, que me devolvem quem eu sou. Amo ser filha do encontro entre "Amém" e "Axé", porque foi desses colos que me nutri. O futuro é ancestral. Eu sou filha dele. Eu sou o grito e a cura de quem foi silenciado. Eu sou o corpo vivo daquilo que o Axé-Amém ajudou a gestar.



Sarah Pinheiro de Oliveira Teixeira é professora de História, educadora popular e médium no Templo de Umbanda Caminheiros da Luz (TUCAL). Filha carnal de Sueli e Mizael, é filha de santo de Mãe Kelly D'Ogum, escolhida para caminhar nesta terra sob a regência de Omolu e Iansã.



Posso dizer que ao realizar as experiências pedagógicas com as crianças do Axé-Amém fui educada por elas a vivenciar o brincar como um ato político.

Brincar como ato político

Vanessa Muniz de Abreu

> Existem infinitas formas de ser criança, basta que o candeeiro da meninice se mantenha aceso, pois é ele que acende o que realmente importa, aquilo que um rei não pode comprar.
>
> Luiz Rufino

Ao ser convidada para acompanhar o Samuel, criança atípica de 8 anos, filho da Amanda Barroso, uma das participantes na jornada da formação Axé-Amém, busquei elaborar atividades que dialogassem com a formação do ISER e com a rotina, gostos, interesses e referências do menino. No primeiro contato com Amanda, sua mãe, a identificação e reconhecimento mútuo foram instantâneos. Fui tomada por um sentimento de esperança e alegria. Esperança por conhecer pessoas dispostas a construir diálogos entre aquilo que muitos entendem como diferenças, e alegria pela oportunidade de conhecer crianças que são frutos e agentes de um novo mundo possível. Crianças conscientes de seu pertencimento, da sua História e com uma bela percepção crítica sobre o mundo.

O escritor Ailton Krenak conta no livro Futuro Ancestral que no ano novo dos guaranis é realizado um batismo chamado nhemongaraí, onde o Pajé, ao cantar e defumar as crianças da aldeia, as observa conhecen-

do os seres recém-chegados e somente depois pergunta aos parentes o nome da criança e, assim, elas são nomeadas para a comunidade. Dessa forma, aprendemos com os guaranis que nós já chegamos aqui como seres prontos: "Esse ser já existe, não precisa de uma fôrma, ele que nos informa quem é que chegou ao mundo".[1] E essa invocação de ancestralidade é educativa e poética não para os seres que chegam somente, mas para os que aqui já estão há mais tempo.

Assim, posso dizer que ao realizar as experiências pedagógicas com as crianças do Axé-Amém fui educada por elas a vivenciar o brincar como um ato político. Me refiro às crianças no plural porque em um dos encontros contamos também com a presença da Olivia, da Flora, do Nkembo e do Bakala. Em um dos encontros, o Samuel questionou o porquê de não haver outras crianças para brincar com ele. Então, realizei um convite ao grupo para que as demais participassem de um dos encontros, e logo conhecemos o lado comunicativo do Samuel. Nós ouvimos histórias, algumas contadas por mim e outras contadas por eles, umas dos livros e outras da vida, nós plantamos alecrim, manjericão e arruda, pintamos telas e papéis, desenhamos, jogamos, modelamos massinhas e argilas, realizamos experimentos científicos, conhecemos importantes igrejas e espaços de memória da História afro-brasileira no Rio de Janeiro.

Com Samuel, ouvi a história sobre o Jesus negro; com Nkembo e Bakala, conheci alguns adinkras que ainda não conhecia; com Olivia, aprendi sobre a importância da observação e da concentração ao pintar e de-

1 KRENAK, Ailton. *O futuro é ancestral.* São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

senhar; com Flora, aprendi a fazer as maiores bolinhas de sabão.

Na crônica "Essa vida é um doce", encontrada no livro Arruaças - Uma filosofia popular brasileira,[2] o escritor Luiz Rufino diz que "o brincar é nos deixar refazer pelas mãos do outro". Ele acrescenta que, desse modo,

> cavar outras formas de ser é cultivar o terreno para a frutificação de outros sentidos e sonhos. Em outros termos, é fazer política, pois nos reposiciona, uma vez que para nos construirmos enquanto corpo saudável teremos também de nos deslocar, ou seja, nos remontar, a partir daquilo que foi adulterado.

O propósito das oficinas pedagógicas realizadas para a formação Axé-Amém é justamente esse: brincar. Ao chegar à sala reservada para as nossas atividades, Samuel logo reconheceu o livro *Amoras* do cantor Emicida.[3] Um livro que nos lembra que "não há melhor palco para um pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças". E, ali, expressando seus pensamentos em forma de brincar, Samuel logo se familiarizou com os blocos de construção e, conforme a construção foi tomando forma, as palavras tímidas também tomaram a sala e, pela primeira vez, ouvi a sua voz: "Você sabe do Jesus negro?". Eu, que já tinha ouvido falar, quis escutar mais sobre o que ele tinha a dizer, mas logo manifestou interesse em pintar o quadro.

Nesse primeiro momento, percebi o quanto essa vivência transformaria a minha vida não só como profes-

2 SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. *Arruaças: Uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

3 EMICIDA. *Amoras.* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

sora e educadora, mas também no campo sensível da espiritualidade. Imagine só que, ao me perguntar sobre o Jesus negro, Samuel, através do seu Amém, partilhou do seu Axé e despertou o meu Amém, lembrando-me do meu Axé, que é a energia vital. "Tudo que é vivo e existe tem Axé, tem energia vital: Planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação", como ensina a professora Azoilda Loretto da Trindade[4] ao nos convidar a olhar para as crianças com a convicção de que são seres sagrados e divinos, seres tomados de Axé, de energia vital, de vitalidade. A vitalidade que nos movimenta, que nos torna vivos.

Eu, iniciada na Umbanda Omolokô como filha de Iemanjá e Oxóssi, um pouco afastada da espiritualidade por questões da complexidade humana e que não ouvia falar de Jesus desde a catequese na Igreja São Tiago de Inhaúma, me vi curiosa em saber mais sobre a História e existência do Jesus negro mencionado por Samuel. Não por acaso, porque aprendemos que nada é por acaso, retornei meus cuidados espirituais no Egbe Osalufan, Candomblé de nação Ketu. Jesus negro e Osalufan, através de um convite feito por Samuel, revitalizaram a minha fé no sagrado e nas reinvenções de mundos melhores para a vida hoje.

4 TRINDADE, Azoilda Loretto da. "Programa 2: Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil". *Valores afro-brasileiros na educação: Boletim 22*. novembro, 2005.



Vanessa Muniz de Abreu é professora da rede municipal do Rio de Janeiro (SME/RJ), psicopedagoga e educadora do Espaço Sementes. Mestranda em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), é incentivadora do Grupo de Estudos Aprendendo a Transgredir e ativista literária.

Esse foi um encontro que nos emocionou, porque mostrou a força das tradições em diálogo com o mundo.

É conversando que a gente se entende

Wanda d'Omolu

"Conversando a gente se entende", já dizia minha avó. E foi costurando com inteligência preta, cantarolando dentro de mim "alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho", que respirei fundo e cheguei ao Axé-Amém.

De imediato, ficou visível para mim a possibilidade de surgir daquele grupo a construção de uma rede preta. Ali, diante dos meus olhos, estava a chance de estabelecer diálogo entre pessoas negras de diferentes trajetórias e crenças. E novamente lembro da minha avó dizendo: "Neguinha, é conversando que a gente se entende". Esse ditado popular resumiu perfeitamente a essência do encontro.

Foi falando de expectativas e experiências, cada um contando sua história e demarcando seu território de origem, que chegamos ao ponto que nos unia: sermos pretos – com a percepção e a certeza de que o racismo atravessava a todos nós, independentemente da fé processada.

Foram tantos depoimentos incríveis, sobre o que nos une e nos atravessa, sobre o que nos fragiliza, nos levando a concluir que essa conversa entre povos de terreiro e cristãos estava demorando muito a acontecer. Este encontro foi uma sábia provocação necessária. Em meu íntimo havia muita expectativa e, sem saber como seria a reação das pessoas, suava frio. Mas, na verdade,

foi assim mesmo: “conversando é que a gente se entende”.

Fiquei diante de pessoas pretas de diferentes idades e trajetórias, ávidas por descobertas e carentes de informação. Algumas nunca haviam pisado no “nosso redondo”; outras nasceram com os ensinamentos do Evangelho. Cada uma trazia consigo fé, valores familiares, referências de seus territórios e memórias de vida. Foi importante perceber que, apesar das diferenças, havia uma unidade maior: o fato de sermos pretos.

Enquanto pessoa e enquanto iyalorixá, isso foi muito significativo. Pude sentir o quanto precisamos abrir o coração para a boa palavra e para a boa escuta. O terreiro nos ensina isso: ouvir com respeito, falar com cuidado, cultivar entendimento, exercer acolhimento.

No fundo, eu procurei focar naquilo que nos une. E o que nos une é também o que nos atravessa: o racismo que enfrentamos neste país. Esse reconhecimento promove unidade e nos lembra que o terreiro sempre foi lugar de salvaguarda da memória e de práticas antirracistas.

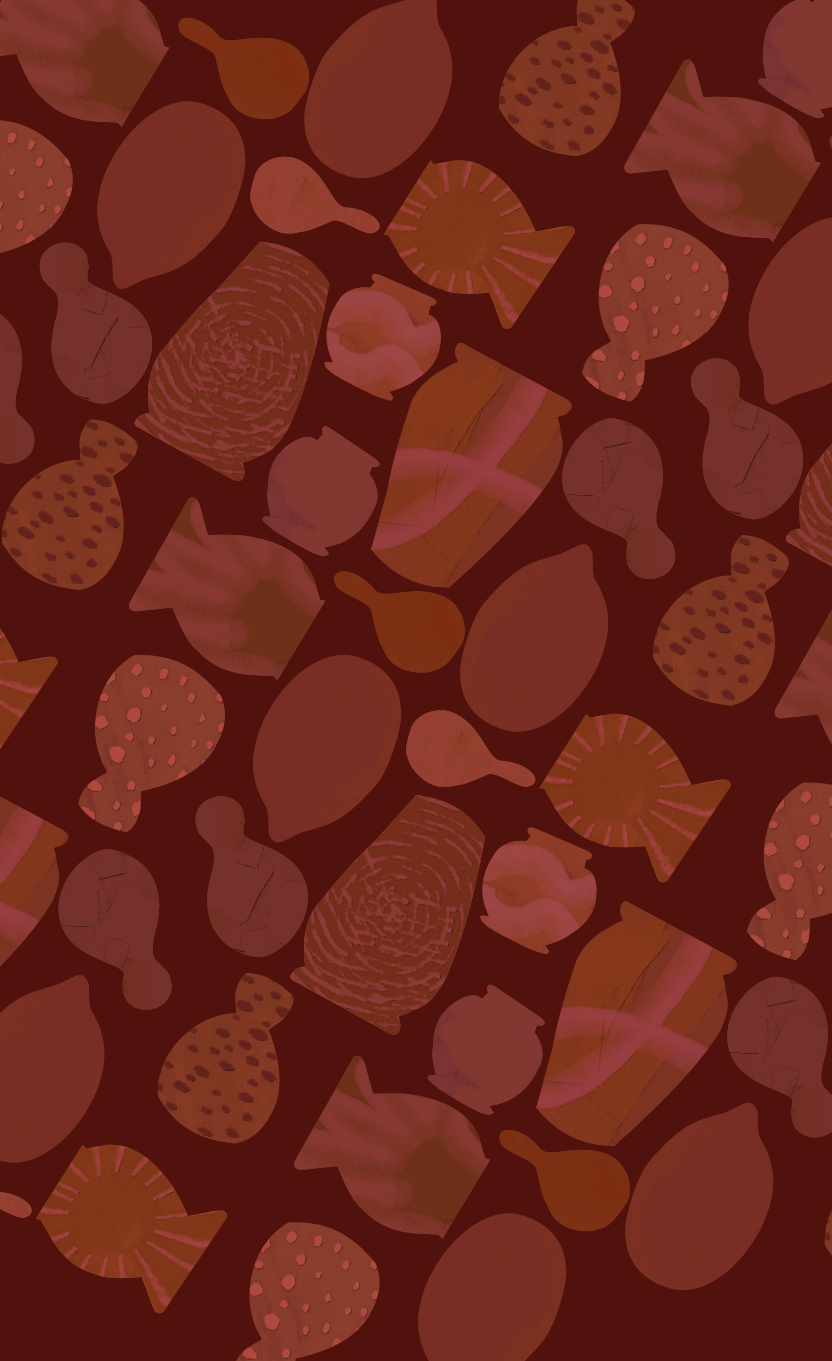
O abolicionismo atravessa nossa construção histórica como povo. E no terreiro, essa herança se guarda em segredo: o *awo*. Segredos que foram nossa estratégia de sobrevivência, nossa luta por liberdade – que ainda hoje é luta a ser conquistada.

Muitos olham para nós de fora e criam imagens distorcidas. Mas o verdadeiro pulo do gato está no “dentro”, está no “redondo”. Nosso desafio é sempre esse: como levar o redondo para dentro do quadrado? Esse foi um encontro que nos emocionou, porque mostrou a força das tradições em diálogo com o mundo.

E é por tudo isso que eu digo e repito: conversando que a gente se entende.



Wanda d'Omolu é iyalorixá do Ilê Asè Egi Omim



Formação Axé-Amém – 2025

Equipe

Carolina Rocha
Co-coordenadora

Ronilso Pacheco
Co-coordenador

Fabíola Oliveira
L. Obalerá

Mediação

Adailton Moreira
Andressa Oliveira
Arthur José Baptista
Brian Kibuuka
Júlio Oliveira
Maria da Fé (Fézinha)
Rodrigo Peniche
Wanda d'Omolu

Oficina Pedagógica

Vanessa Muniz

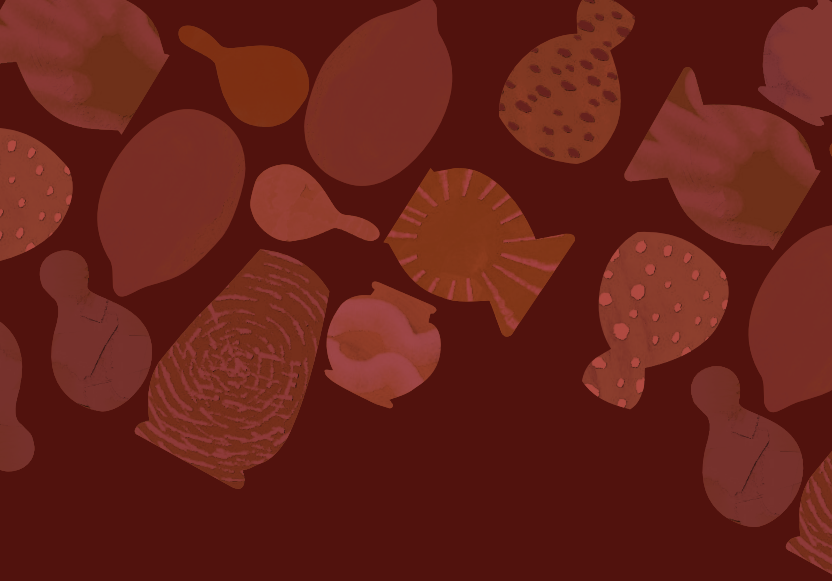
Participantes

Adiel Gustavo
Alan Gangana de Andrade
Alicia Lima
Amanda Barroso Damasceno
Ana Schuchter
Cláudia Custódio
Claudio Adão Santos Vitório
Emanuele Silva
Everton Batista
Fabrício Malheiro
Igor Almeida
Ifadayo Nda Kwa Ndeka (Natany Luiz)
Isabel Braga
Kitalesi (Arnaldo César Roque)
Laremi Emiliano de Oliveira
Luiza Aquino
Mariana Freitas
Maxwell Valle Teixeira
Nathalia Neves
Neua Ankumbi (Victória Paixão)
Paola Lima
Raquel Rodrigues
Renato Alves de Carvalho Junior
Rogério José de Souza
Romulo dos Santos
Sarah Pinheiro de Oliveira Teixeira

Criança

Samuel Lucas Barroso Damasceno





Acompanhe o ISER

www.iser.org.br
iser@iser.org.br
redes sociais: @isernarede

ISER

